

MONALISA MUNIZ NASCIMENTO



EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA O TESTE DE  
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL MSCEIT EM POLICIAIS

ITATIBA  
2006

MONALISA MUNIZ NASCIMENTO

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA O TESTE DE  
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL MSCEIT EM POLICIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia  
da Universidade São Francisco para  
obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. RICARDO PRIMI

ITATIBA  
2006

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA  
MESTRADO

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA O TESTE DE  
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL MSCEIT EM POLICIAIS

Autora: Monalisa Muniz Nascimento  
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Primi

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de  
mestrado defendida por Monalisa Muniz Nascimento e aprovada pela  
comissão examinadora.

Data: 01 / 02 / 2006

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Ricardo Primi (orientador)

---

Irai Boccato Alves

---

Anna Elisa de Villemor Amaral

ITATIBA  
2006

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, com muito carinho, à minha mãe Ana, ao meu pai Edinaldo, ao meu irmão Charles e ao Ricardo Primi.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar o meu caminho e sempre me conduzir à serenidade.

À minha família: Ana, Edinaldo e Charles, pelo apoio incondicional aos meus estudos e por ser o alicerce da minha vida.

Aos meus amigos do mestrado, especialmente Fabiano, Fabián, Zé, Rodrigo, Daniel, Gleiber e Bia por terem que me aturar por um período maior do que os meus outros amigos.

Ao pessoal que iniciou o mestrado comigo em Agosto de 2004.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia, especialmente ao professor Fermino Fernandes Sisto, com quem tive maior contato nessa trajetória do mestrado e que sempre esteve disponível e com muita boa vontade para responder minhas diversas dúvidas.

Ao pessoal da Secretaria da Pós Graduação de Itatiba, Roseli, Henrique, Taís e Marcela.

Aos policiais militares participantes desta pesquisa e ao Capitão Camargo, à Tenente Ana Carolina, ao Tenete Mello e ao Sargento Farinchon, por facilitarem a viabilidade da coleta de dados da pesquisa.

Às professoras Dr<sup>a</sup>. Anna Elisa de Villemor Amaral e Dr<sup>a</sup> Irai Boccato Alves, pelas contribuições valiosas sugeridas na Banca de Qualificação.

Às minhas amigas Renata Franco e Rossana Lamounier, que gentilmente aceitaram ser avaliadoras do Rorschach no processo de precisão deste método no meu trabalho. Vocês foram eficientes e eficazes, tudo o que eu precisava.

Ao meu orientador Ricardo Primi por ser um profissional e ser humano insubstituível.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro desta pesquisa.

## RESUMO

Nascimento, M. M. (2006). *Evidências de Validade Para o Teste de Inteligência Emocional MSCEIT em Policiais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

Inteligência emocional é um construto que vem sendo pesquisado desde 1990 e sempre rodeado de muitas críticas quanto a sua existência. Uma dessas críticas levanta a questão se a inteligência emocional é de fato um novo construto ou por outro lado um novo nome para traços já estudados nas teorias da personalidade. Outro questionamento aborda o que de fato inteligência emocional pode prever. Alguns pesquisadores dizem que inteligência emocional pode prever desempenho profissional, no entanto, não há pesquisas que sustentem essa afirmação. Resumindo, ainda são necessárias pesquisas de validade para uma melhor compreensão desse construto. Partindo dos dois questionamentos colocados, o objetivo deste estudo foi investigar evidências de validade com outras variáveis para um teste de inteligência emocional. Participaram do estudo 80 policiais do Estado de São Paulo. Para isso, foram utilizados os seguintes instrumentos: *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT), que foi o objeto deste estudo, avaliando a inteligência emocional; Teste das manchas de Tinta de Rorschach para avaliar o funcionamento da personalidade e uma Escala de Avaliação de Desempenho dos policiais. Os resultados indicaram que inteligência emocional e personalidade apresentam pouquíssimas correlações, sendo todas baixas e relacionadas por conteúdos emocionais ou de percepção consensual existente nas variáveis que se associaram. Quanto ao desempenho profissional os subtestes Paisagem, Facilitação, Transição e Administração se associaram com itens que demonstram o controle emocional, no entanto apenas o subteste Paisagem se correlacionou com uma variável global de desempenho. Os dados sustentam evidências positivas de validade teste-critério e divergente para o MSCEIT.

**Palavras-chave:** inteligência emocional, validade, avaliação psicológica em policiais, avaliação de desempenho e personalidade.

## ABSTRACT

Nascimento, M. M. (2006). *Validity evidence for the Emotional Intelligence Test MSCEIT with Policemen*. Master`s Thesis. Graduate Program in Psychology, University of São Francisco, Itatiba.

The construct of Emotional Intelligence has been a topic of scientific inquiry since 1990 and has been always surrounded by criticism in respect to its existence. One critic raises a question if emotional intelligence is, in fact, a new construct or, otherwise, a new name for already known traits of existing personality trait theories. Another critic is concerned with what real life criteria emotional intelligence is capable to predict. Some researchers say that emotional intelligence has a predictive validity of job performance, but, there is no much scientific evidence to support this claim. In summary, validity studies are necessary to promote a better comprehension of this construct. Considering these questions the aim of the study was to investigate validity evidence with other variables of a test of emotional intelligence. The participants were 80 policeman of Sao Paulo state. It was used the following tests: Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) the focal instrument of this study, with assess emotional intelligence. Rorschach Inkblot Test to assess personality functioning, and a Job Police Performance Scale. Results indicated that emotional intelligence and personality are divergent constructs. The magnitude of the personality-emotional intelligence correlations were low and all the variables involved are justified by the emotional content in one hand or by a consensus perception on the other side that underlies all the associated variables. In regard job performance the subtests Pictures, Facilitation, Changes and Emotional Management were associated with items of emotional control. Only Pictures showed association with a global score on job performance. In summary the data of the study support positive criterion and divergent validity evidence for the MSCEIT.

**Key Words:** emotional intelligence, validity, psychological assessment, job performance, and personality.

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
VALIDADE .....	4
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL .....	11
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E PERSONALIDADE POR INTERMÉDIO DO MÉTODO DE RORSCHACH .....	39
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO .....	46
<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>56</b>
GERAL .....	57
ESPECÍFICOS .....	57
<b>MÉTODO .....</b>	<b>59</b>
PARTICIPANTES .....	59
MATERIAL .....	59
<i>Mayer, Salovey, Caruso Emotional Intelligence Test-MSCEIT v.2.0 (Mayer,         Salovey, Caruso, 2002b)</i> .....	59
<i>Método das Manchas de Tinta do Rorschach - Sistema compreensivo (Exner,         1995)</i> .....	62
<i>Escala de Avaliação do Desempenho dos Policiais</i> .....	63
PROCEDIMENTO .....	64
HIPÓTESES .....	65
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>66</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>132</b>



## APRESENTAÇÃO

Inteligência emocional é um termo recente que surgiu em 1990 em um artigo científico, publicado pelos pesquisadores e criadores deste suposto novo construto, John D. Mayer e Peter Salovey. Desde então, muitos trabalhos já foram realizados buscando compreender e esclarecer se inteligência emocional é realmente um novo construto, se atende aos requisitos que determinada inteligência requer para ser considerada como tal, se ela difere de traços de personalidade e, por fim, para que contribui para a vida em geral do ser humano.

Os resultados encontrados em pesquisas que consideraram esses questionamentos são contraditórios. Alguns sustentam que a inteligência emocional é um novo construto, que é um tipo de inteligência e difere da personalidade, consistindo em uma capacidade importante que possibilita aos indivíduos lidarem melhor e de maneira adaptativa com suas emoções, fazendo com que obtenham maior sucesso em diversas áreas da vida, tais como a pessoal, a profissional e a educacional. No entanto, outras pesquisas apresentam indícios que contestam a existência da inteligência emocional.

Os estudos que sugerem a fragilidade da inteligência emocional estão, na sua maioria, embasados em testes de auto-relato. Esse tipo de instrumento é mais adequado para mensurar traços de personalidade, não a capacidade dos indivíduos, pois investigam a descrição que as pessoas fazem de si mesmas e não sua capacidade de resolução de problemas. Para se avaliar as capacidades, são necessários testes de *desempenho máximo* em que o indivíduo mostra realmente o que sabe, e não o que ele pensa que sabe como acontece nos testes de auto-relato. O *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) é um teste concebido para mensurar a capacidade, isto é, avalia as pessoas com tarefas de desempenho máximo, e não por

meio do auto-relato. Teste de desempenho máximo é sinônimo de teste de capacidade, no qual é requerido do indivíduo que consiga o melhor escore que puder (Cronbach, 1996).

O MSCEIT é mais adequado para a avaliação da inteligência emocional, e no meio científico, até mesmo aqueles com opiniões contrárias à inteligência emocional admitem que esse teste pode demonstrar resultados mais positivos. Entretanto, pelo fato de o MSCEIT ter surgido em 2003, as pesquisas ainda são escassas, o que justifica a necessidade de um maior número de estudos, já que as poucas pesquisas existentes apontam para a potencialidade dessa área.

Dadas as circunstâncias, as pesquisas na área da inteligência emocional tornam-se relevantes, pois podem contribuir com novas informações empíricas, ajudando a dirimir dúvidas sobre esse suposto novo construto. O presente estudo pretende buscar evidências de validade para o MSCEIT, embasadas na relação com outras variáveis por meio do procedimento de evidência teste-critério.

A primeira evidência teste-critério será investigada entre o MSCEIT e o Método das Manchas de Tinta do Rorschach, que avalia o funcionamento da personalidade, procurando indícios que mostram que, apesar de possíveis associações, estes construtos são distintos. A segunda evidência teste-critério será estudada entre o MSCEIT e a Avaliação de Desempenho de Policiais Militares, com a finalidade de verificar se o teste de inteligência emocional consegue detectar indivíduos que apresentem “bom e mal” desempenho.

A escolha da amostra de policiais militares parte de uma característica que parece ser muito importante para as pessoas que trabalham nessa profissão: o controle emocional. A Academia de Polícia Militar do Barro Branco, na seleção de candidatos,

busca, por meio de exame psicológico, pessoas que tenham elevado controle emocional, para isso definem esse construto como:

“... habilidade do candidato para reconhecer as próprias emoções diante de um estímulo qualquer, antes que as mesmas interfiram em seu comportamento, controlando-as, a fim de que sejam manifestadas de maneira adequada no meio em que estiver inserido, devendo o candidato adaptar-se às exigências ambientais, mantendo intacta a capacidade de raciocínio” (Edital, 2003 p. 4).

Essa definição parece associada ao gerenciamento das emoções, que é a quarta faceta<sup>1</sup> do teste MSCEIT. Os policiais militares também precisam possuir uma série de características ligadas à disciplina, zelo, bom relacionamento interpessoal, entre outros, para poderem obter uma avaliação de desempenho positiva. Como na literatura de inteligência emocional encontram-se relatos que essa inteligência contribui para o bom desempenho no trabalho, é importante investigar se essas afirmações podem ser generalizadas para esse grupo específico de pessoas.

Sendo assim, o presente estudo organiza a introdução em quatro seções: (a) o conceito de validade, (b) a retrospectiva histórica da inteligência emocional, (c) as relações entre inteligência emocional e os traços de personalidade e (d) a possível contribuição da inteligência emocional para o melhor desempenho profissional. Em seguida, constam os objetivos, hipóteses e método, com a descrição dos participantes, instrumentos e como ocorreu a aplicação dos testes. Os resultados estão descritos e discutidos separadamente por hipóteses, ou seja, cada hipótese levantada nesse trabalho foi testada e discutida em separado. As considerações finais concluem o trabalho, fazendo relação com os objetivos propostos inicialmente.

---

<sup>1</sup> As capacidades de percepção, avaliação e expressão da emoção; emoção como facilitadora do pensamento; compreensão e análise das emoções e gerenciamento das emoções são classificadas como facetas da inteligência emocional, ou seja, esse construto, inteligência emocional, é constituído desses quatro fatores denominados facetas. (Para mais detalhes ver Tabela 1).

## INTRODUÇÃO

### Validade

“O objetivo da avaliação psicológica não é rotular, mas descrever, através de técnicas reconhecidas e uma terminologia específica, a melhor compreensão possível dos aspectos relevantes de uma pessoa, consoantes com os objetivos específicos das técnicas utilizadas e de acordo com um conjunto de informações” (Tavares, 2004 p. 4).

Uma das técnicas utilizadas na avaliação psicológica para coletar informações sobre um indivíduo é o instrumento ou teste psicológico. O teste é uma amostra do comportamento de uma pessoa, pelo qual se podem fazer inferências sobre seu funcionamento cognitivo e emocional (Muniz, 2004).

De acordo com a resolução nº 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), os testes psicológicos são instrumentos de avaliação ou mensuração de características psicológicas, constituindo-se um método ou uma técnica de uso privativo do psicólogo.

“Os testes são procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamento e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção\afeto, cognição\inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, nas suas mais diversas formas de expressão, segundo padrões definidos pela construção dos instrumentos” (p. 2).

A legitimidade dos testes precisa ser respaldada em estudos que comprovem suas qualidades psicométricas, de forma a estarem adequados às especificações que garantam reconhecimento e credibilidade por parte da comunidade científica e dos leigos (Noronha & Vendramini, 2003). Internacionalmente sempre houve, pelo menos desde a década de 1950, por parte da Associação Psicológica Americana (APA), e depois por outras instituições, a preocupação com relação à cientificidade dos testes psicológicos,

demonstrando uma necessidade de estabelecer critérios para a padronização e uso dos testes (Noronha & Vendramini, 2003).

No Brasil, com a resolução nº 002/2003, também se pôde notar esse cuidado em relação à adequação dos testes, pois se definiu que estes devem apresentar requisitos mínimos para serem reconhecidos como tais, sendo considerada falta de ética o uso dos instrumentos que estejam fora dos padrões exigidos. Essa resolução define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos, especificando que é necessário ter um psicólogo responsável por cada teste, bem como foi definido um sistema contínuo de avaliação dos testes, verificando a adequação destes para o uso. Tal resolução se baseia nos conceitos, princípios e procedimentos definidos nos documentos: *International Test Commission – ITC (2001)*, *American Educational Research Association\American Psychological Association\National Council on Measurement in Educational – AERA, APA, NCME – (1999)* e *Canadian Psychological Association – CPA (1996)*.

Conforme descrito na Resolução nº 002/2003, para serem considerados adequados, os instrumentos de avaliação psicológica precisam apresentar alguns requisitos mínimos e obrigatórios referentes à sua fundamentação teórica, evidências empíricas de validade e precisão, propriedades psicométricas dos itens (exceto os classificados como testes projetivos), sistema de correção e interpretação dos escores, procedimentos de aplicação, correção e um manual contendo essas informações (para mais detalhes consultar o *site* [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)). O CFP dispõe de uma Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica, composta por psicólogos reconhecidos na área dos testes psicológicos, para analisar e emitir pareceres sobre os instrumentos. Em suma, determinado teste só poderá vir a ser utilizado profissionalmente depois de obtida a aprovação do CFP.

Especificamente com relação aos requisitos de validade, o qual é o norte deste trabalho, é necessária a apresentação de evidências empíricas de validade das interpretações propostas para os escores dos testes, justificando os procedimentos específicos adotados na investigação.

De acordo com a *American Educational Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education* (1999): “Validade refere-se ao grau no qual evidência e teoria sustentam as interpretações dos escores dos testes vinculados pelo propósito do uso dos testes” (p. 9), sendo considerada fundamental para o desenvolvimento e avaliação de um teste. O processo de validação é constituído por um conjunto de evidências que possam assegurar cientificamente as interpretações dos escores do teste. Assim, nesse processo não se valida o teste em si, mas as interpretações propostas por ele; dessa forma, intenções diferentes sobre uma mesma interpretação podem ser validadas, e essas interpretações dizem respeito ao construto que o teste se propõe a mensurar. A validade é o grau em que as evidências acumuladas sustentam a interpretação dos escores do teste em relação a um construto.

O CFP, na análise dos testes, adota os tipos de validade de conteúdo, critério e construto, os quais são chamados por Muniz (2004) de “santíssima trindade da validade”, por serem os primeiros tipos de validade surgidos no meio científico e muito utilizados até hoje. O primeiro tipo de validade apareceu com o objetivo de avaliar o conteúdo dos itens de determinado instrumento, verificando se estão adequados ao propósito de representar um domínio de comportamento a ser mensurado. Depois surgiu a validade de critério, que verifica a efetividade de um teste em predizer o desempenho de um sujeito em uma situação específica. Por último, criou-se a validade de construto para averiguar a extensão que um teste mede determinado construto.

Entretanto, pode-se observar que tanto a validade de conteúdo quanto a de critério sempre apresentarão informações referentes ao construto; por isso, mais recentemente, se discutiu a amplitude do conceito de validade de construto de tal forma que se chegou à conclusão que ele é um conceito abrangente que inclui sob si todos os outros, sendo, portanto, inadequado sustentar a existência de procedimentos específicos para validade de construto, diferentes dos demais. Todos os procedimentos de se averiguar a validade de um teste têm algo específico a mostrar se um teste mede determinado construto. Nesse sentido, a terminologia “tipos de validade” foi intencionalmente mudada para “fontes de evidência” de validade, reforçando a conotação do termo validade como um conceito único, de tal forma que as diferentes formas de se estudá-la (conteúdo, correlações teste-critério, etc.) trazem dados que são usados para sustentar a argumentação a respeito da validade das interpretações dos escores do teste com uma finalidade particular, isto é, cada evidência busca aspectos diferentes da validade, e todas elas trazem algo sobre o porquê determinado teste mede um construto. Assim, não há mais um tipo específico de procedimento chamado validade de construto. (Anastasi & Urbina, 1998; APA AERA, NCME, 1999).

Neste trabalho, optou-se por seguir os tipos de evidências de validade propostos pelos *Standards* (APA, AERA, NCME, 1999), os quais podem ser categorizados em: (a) evidência com base no conteúdo do teste, (b) evidência com base no processo de resposta, (c) evidência com base na estrutura interna, (d) evidência com base na relação com outras variáveis e (e) evidências baseadas nas conseqüências de testagem.

Evidência com base no conteúdo informa sobre a abrangência e representatividade dos itens de um teste em representarem todas as nuances do construto que o teste se propõe a medir. As pessoas que desenvolvem os testes freqüentemente trabalham para especificar o conteúdo, descrevendo-o cuidadosamente em detalhes com

uma classificação das áreas e tipos de itens, por exemplo. Essa evidência pode incluir uma análise lógica ou empírica pela qual se pretende verificar se o conteúdo do teste representa adequadamente o domínio e se há relevância deste para as interpretações propostas pelos escores do teste. Evidência embasada no conteúdo também pode ser obtida por meio de especialistas que julgam a relação entre as partes do teste com as facetas do construto.

Evidência com base no processo de resposta pode fornecer informações detalhadas do desempenho ou a resposta emitida pelo examinando e se esses processos têm relação com o construto que o teste propõe medir. Essas evidências, geralmente, são obtidas por análises individuais de respostas, de questionamentos aos respondentes sobre suas estratégias de resolução dos itens ou respostas particulares aos itens. Inferências sobre os processos envolvidos no desempenho podem também ser desenvolvidas, analisando a relação entre as partes do teste ou o teste com outras variáveis. Essa validade também pode incluir estudos empíricos de como observadores ou juízes registram e interpretam os dados a fim de verificarem se estão em consonância com o que pretendem medir, de acordo com a definição de construto. A evidência com base no processo de resposta pode contribuir para questões sobre as diferenças nos significados ou interpretação dos escores de um teste, cruzando subgrupos relevantes de examinandos.

Evidência com base nas conseqüências do teste ou conseqüencial informam não propriamente sobre a validade do teste, mas sobre questões de política social do uso dos testes. Espera-se sempre que os resultados de um teste possam trazer algum benefício, seja para definir uma estratégia mais adequada de terapia, seja para uma organização contratar um indivíduo que apresente um perfil próximo ao esperado, para decidir um novo conteúdo educacional que se adequou mais às necessidades dos alunos. No

entanto, para se obter resultados que sejam benéficos, é necessário ter o discernimento de qual teste utilizar em determinada situação, bem como aplicá-lo e interpretá-lo coerentemente com o que já foi estipulado no manual deste teste. A má utilização de um teste pode comprometer a validade das interpretações, fazendo ruir a legitimidade dos dados obtidos. Assim, mesmo tendo instrumentos válidos, se a utilização for incorreta, a validade fica comprometida. É evidente que essa propriedade não é do teste em si, mas sim do contexto mais amplo no qual ele é usado. Portanto, as conseqüências da testagem assumem uma importância grande no que se refere a validade no sentido amplo. Os procedimentos para esse tipo e validade buscam mostrar se os benefícios antecipados pelo emprego do instrumento estão de fato ocorrendo.

Evidência com base na estrutura interna pode indicar o nível em que as relações entre os itens do teste e/ou seus componentes ou subtestes são coerentes com a estrutura de relações proposta pela definição teórica. A estrutura conceitual de um teste pode implicar em uma dimensão ou mais dimensões quando há multidimensionalidade, também pode pressupor uma estrutura hierárquica ou de fatores isolados. Nesses casos, as evidências com base na estrutura interna verificam a coesão entre a estrutura prevista com a observada. Estão também incluídos nessa categoria a análise da estrutura das relações entre os itens de um teste predestinados por teoria, a avaliar um mesmo construto.

Evidência com base na relação com outras variáveis é uma análise da relação dos escores do teste com variáveis externas. As variáveis externas podem ser classificadas como medidas de critério que é esperado por teoria possuir alguma relação com o construto medido pelo teste, assim como medidas obtidas por outros testes que supostamente meçam o mesmo construto, construtos relacionados ou ainda construtos

diferentes. A evidência com base na relação com outras variáveis pode ser obtida por dois procedimentos: convergente-discriminante ou relação teste-critério.

Evidência convergente-discriminante indica relação entre escores do teste e outras medidas com a intenção de avaliar construtos similares (convergentes) ou diferentes (divergentes). Evidência na relação teste-critério busca compreender a eficácia dos escores do teste em prever determinado critério. A variável critério é uma medida de algum evento que, por si só, já é importante como acidente no trânsito, que não é necessariamente um processo mental, mas tem relação teórica com os construtos psicológicos medidos pelos testes. A escolha do critério, bem como o procedimento de mensuração utilizado para obter as medidas do critério é ponto central, pois o valor do estudo depende da relevância, precisão e validade dessas medidas de critério.

O presente estudo buscará para o MSCEIT evidência de validade embasada na relação com outras variáveis por meio do procedimento de evidência relação teste-critério. A primeira evidência teste-critério será investigada com o Método das Manchas de Tinta do Rorschach, que avalia o funcionamento da personalidade; então, espera-se que algumas variáveis ligadas a uma dinâmica mais adaptativa entre cognição-emoção possuam uma associação positiva com a inteligência emocional, enquanto outras variáveis ligadas a problemas de adaptação mostrem-se negativamente associadas com a inteligência emocional. Apesar dos Standards (APA, AERA & NCME, 1999), não citarem testes psicológicos como exemplos de medidas de critério a serem utilizados no procedimento teste-critério para validar outro teste psicológico, sabe-se que não há problema em usá-los como critério, já que nem sempre o objetivo é verificar convergência e divergência entre testes psicológicos. Muitas vezes, como é o caso deste estudo, a exploração é para investigar apenas possíveis correlações baixas ou moderadas.

A segunda evidência de validade com base na relação teste-critério será estudada entre o teste de inteligência emocional e uma medida de critério obtida por meio da Avaliação de Desempenho dos policiais militares, procurando verificar o nível de predição da inteligência emocional para diferenciar indivíduos que tendem a ter desempenho mais ou menos eficiente.

Ressalta-se que também é objetivo do trabalho buscar evidência de validade incremental para o construto de inteligência emocional, por meio do MSCEIT. A validade incremental é obtida quando as informações de um determinado teste conseguem prever algo único, ou seja, algo que outras medidas ou construtos já existentes não conseguem prever. Por exemplo, no presente estudo pretende-se verificar se inteligência emocional consegue prever desempenho no trabalho, além do que personalidade prevê. Então, caso inteligência emocional apresente alguma variância única em relação ao desempenho no trabalho, poderá se dizer que houve validade incremental da inteligência emocional em prever desempenho, quando comparada com personalidade (Smith, Fischer & Fister, 2003).

## **Inteligência Emocional**

Na literatura especializada sobre inteligência, encontram-se três concepções mais difundidas: a desenvolvimentista, a cognitivista e a psicométrica. A desenvolvimentista centra-se nas estruturas ou esquemas mentais do funcionamento cognitivo, tendo uma visão biológica evolutiva do ser humano e concebendo o desenvolvimento da inteligência em estágios progressivos e comuns para todo o indivíduo. A cognitivista centra sua atenção na natureza das tarefas e nos processos cognitivos internos usados para resolver essas tarefas e problemas, ou seja, a análise enfatiza o próprio processamento e exercício da inteligência. A psicométrica postula a inteligência como

uma entidade simples ou complexa de fatores, realizando estudos com base em análises estatísticas das pontuações dos sujeitos em diferentes tarefas, buscando revelar as estruturas subjacentes e causais das diferenças individuais (Almeida, 1994).

Focalizando a área psicométrica, que é a de interesse deste estudo, pode-se citar a teoria mais recente chamada de *Cattell-Horn-Carroll* (CHC) que surgiu no ano 2000 a partir da fusão da teoria dos Três Estratos (Carrol, 1993) com a teoria Gf-Gc embasada em pesquisas de Cattell e estruturada por Horn (McGrew, 1997). A teoria CHC consiste em uma visão multidimensional composta por dez fatores ligados a áreas amplas do funcionamento cognitivo: inteligência/raciocínio fluido (Gf), inteligência/raciocínio cristalizado (Gc), raciocínio/conhecimento quantitativo (Gq), leitura-escrita (Grw), memória a curto prazo (Gsm), inteligência/processamento visual (Gv), inteligência/processamento auditivo (Ga), armazenamento e recuperação associativa a longo prazo (Glr), rapidez de processamento cognitivo (Gs), tempo/velocidade de decisão/reação (Gt) (McGrew & Flanagan, 1998) detalhados a seguir:

1. A inteligência fluida (Gf) refere-se às operações mentais de raciocínio que o indivíduo realiza diante de situações novas que não podem ser realizadas automaticamente e que dependem minimamente de conhecimentos adquiridos. Essas operações envolvem relacionar idéias, induzir conceitos abstratos e solucionar problemas, empregando principalmente raciocínio indutivo e dedutivo.
2. A inteligência cristalizada (Gc) refere-se à extensão e profundidade dos conhecimentos adquiridos de determinada cultura, bem como a aplicação dos conhecimentos aprendidos previamente. Esse fator representa a habilidade de raciocínio adquirida pelo investimento da capacidade geral em experiências de aprendizagem. É um fator ligado à linguagem verbal.

3. O conhecimento quantitativo (Gq) refere-se ao estoque de conhecimentos quantitativos declarativos<sup>2</sup> e aos procedimentos<sup>3</sup> armazenados por um indivíduo, destacando a habilidade em utilizar informação quantitativa e manejo de símbolos numéricos. Está mais ligado ao conhecimento matemático do que com o raciocínio matemático que se localiza como um fator específico de Gf.
4. A leitura e escrita (Grw) referem-se ao conhecimento adquirido em habilidades básicas exigidas no entendimento de textos e vocábulo escrito, incluindo a capacidade elementar (decodificação em leitura, ortografia) e complexa (compreensão de texto, composição de histórias).
5. A memória de curto prazo imediata (Gsm) é a capacidade de manutenção de informações na consciência por um espaço de tempo curto para poder readquiri-las logo em seguida.
6. O processamento visual (Gv) é capacidade de gerar, perceber, analisar, armazenar, lembrar, manipular, transformar e raciocinar com representações ou padrões visuais. Está vinculada aos diferentes aspectos do processamento de imagens (geração, transformação, armazenamento e recuperação).
7. O processamento auditivo (Ga) é a capacidade ligada à percepção, análise e síntese de padrões sonoros, não tem efeito direto sobre a compreensão, mas afeta o desenvolvimento. Está ligado à discriminação de padrões sonoros (incluindo a linguagem oral), particularmente quando exibidos em

---

<sup>2</sup> “Conhecimento declarativo – reconhecimento e entendimento da informação real sobre os objetos, as idéias e os eventos no ambiente (“saber que”, não “saber como”)” (Sternberg, 2000 p.430).

<sup>3</sup> “Conhecimento procedural (procedimento) – informação quanto ao modo de executar uma seqüência de operações; compreensão e consciência de como realizar tarefas, habilidades ou procedimentos específicos (“saber como” não “saber que”)” (Sternberg, 2000 p.430).

situações mais complexas envolvendo distorções, assim como à percepção de nuances em estruturas musicais complexas.

8. A capacidade de armazenamento e recuperação da memória de longo prazo (Glr) está ligada à extensão e fluência de informação ou conceitos readquiridos da memória de longo prazo por associação. Está ligada também ao processo de armazenamento e recuperação posterior por associação.
9. A velocidade cognitiva geral (Gs) refere-se à habilidade de realizar uma tarefa cognitiva de forma rápida e automática, mantendo a atenção focalizada e a concentração. Comumente ligada à circunstância em que há um intervalo fixo, e a pessoa necessita realizar o maior número de tarefas simples possível.
10. A velocidade de processamento/rapidez de decisão (Gt) refere-se à velocidade de reação ligada à capacidade de responder às tarefas cognitivas mais complexas, envolvendo problemas de compreensão, raciocínio e solução de problemas associados à rapidez em reagir ou tomar decisões. Enquanto Gs denota a capacidade de trabalhar rapidamente por um tempo mais longo (sustentabilidade), Gt diz respeito a reação rápida a um problema envolvendo processamento e decisão (imediatez).

Esse modelo vem contribuindo para esclarecer o que realmente os testes com base na psicometria avaliam (Primi, 2003). No entanto, é uma teoria que não abrange todas as formas de manifestação da inteligência, pois existem dimensões ainda desconhecidas e capacidades não bem compreendidas. Estas lacunas vêm propiciando a

expansão de estudos e teorias da inteligência, sendo que uma dessas capacidades é a inteligência emocional, um construto que integra cognição e emoção (Primi, 2003).

O termo inteligência emocional foi utilizado pela primeira vez pelos pesquisadores John D. Mayer e Peter Salovey em 1990, derivando-se de pesquisas relacionadas à inteligência social originada a partir de estudos em psicologia sobre inteligência no final do século XIX (Salovey & Mayer, 1990). Ao longo desses anos, o termo inteligência emocional foi definido e redefinido inúmeras vezes, tendo seu significado empregado em duas tendências: (a) *inteligência emocional como traço de personalidade*, considerada uma característica importante para obtenção de sucesso na vida e (b) *inteligência emocional como capacidade mental*, que diz respeito ao processamento de informações emocionais, que é a definição mais comumente adotada na literatura científica (Mayer, Salovey & Caruso, 2002a).

A inteligência emocional vem da tradição psicométrica, pois é originária da inteligência social derivada da primeira proposta da inteligência como construto multifatorial, sugerido por Thorndike (1920), que definiu a inteligência social como “a capacidade para compreender homens e mulheres, meninos e meninas e agir com sabedoria nas relações humanas” (apud Bueno, 2002, p.5). Contudo, a inteligência social não se concretizou como inteligência distinta, já que sua definição se confundia com outros tipos de inteligência, como a verbal (hoje classificada como inteligência cristalizada). Outro problema foi a inconsistência do construto que impossibilitou pesquisas e a avaliação eficaz dessa inteligência. O interesse pela inteligência social ressurgiu na década de 1980 em trabalhos de Sternberg e colaboradores (1981 apud Bueno, 2002), apresentando um avanço importante uma vez que utilizava o método do desempenho máximo e não do auto-relato como técnica de avaliação. Esse trabalho consistiu em um experimento que testava a habilidade dos participantes em julgarem

fotos de casais a fim de decidirem se eles eram casados, namorados ou não se conheciam, ou seja, se havia alguma relação entre os indivíduos da foto.

Na década de 80, outro trabalho notório no meio científico foi apresentado por Gardner, por meio do seu livro “Estruturas da mente”, que propôs a Teoria das Inteligências Múltiplas, classificando sete categorias nas quais as habilidades humanas podem ser desenvolvidas, incorporando nesse conjunto a inteligência musical, intrapessoal e interpessoal (Gardner, 1983). Consideram-se essas duas últimas “inteligências” como subclasses da inteligência pessoal, que é precursora imediata da inteligência emocional (Bueno, 2002).

A inteligência pessoal, dividida em intra e interpessoal, inclui conhecimentos sobre si e os outros e é definida como:

“De um lado há o desenvolvimento dos aspectos internos de uma pessoa. A capacidade central de funcionamento aqui é o acesso à nossa própria vida sentimental – nossa gama de afetos e emoções - a capacidade de efetuar instantaneamente discriminações entre estes sentimentos e, enfim, rotulá-las em códigos simbólicos, basear-se nelas como um meio de entender e orientar nosso comportamento. Em sua forma mais primitiva, a inteligência intrapessoal equivale a pouco mais do que a capacidade de distinguir um sentimento de prazer de um de dor e, com base nesta discriminação, tornar-se mais envolvido ou retirar-se de uma situação. Em seu nível mais avançado, o conhecimento intrapessoal permite que detectemos e simbolizemos conjuntos de sentimentos altamente complexos e diferenciados. A outra inteligência pessoal volta-se para fora, para outros indivíduos. A capacidade central aqui é a capacidade de observar e fazer distinções entre outros indivíduos e, em particular, entre seus humores, temperamentos, motivações e intenções. Examinada em sua forma mais elementar, a inteligência interpessoal acarreta a capacidade da criança pequena de discriminar entre os indivíduos ao seu redor e detectar seus vários humores. Numa forma avançada, o conhecimento pessoal permite que um adulto hábil leia as intenções e desejos – mesmo quando foram ocultados – de muitos outros indivíduos e, potencialmente, ajam em cima deste conhecimento – por exemplo, influenciando um grupo de indivíduos díspares a comportar-se ao longo de linhas desejadas [...] (Gardner, 1994, p.185-186).

Apesar de os autores da inteligência emocional considerarem este construto como um subconjunto da inteligência pessoal, eles avaliam esta última como mais restrita que

a inteligência emocional, que inclui, não apenas o sentido geral de avaliação em si e nos outros, mas ainda, outros processos relacionados ao reconhecimento e uso do estado emocional em si e nos outros para resolução de problemas e regulação do comportamento (Salovey & Mayer, 1990).

Uma capacidade semelhante à inteligência emocional também foi estudada na década de 1980 por Lane (2002, p.135), que a definiu como consciência emocional, descrevendo-a como “a capacidade de o indivíduo reconhecer e descrever emoções em si e no outro, é uma habilidade cognitiva que atravessa um processo de desenvolvimento semelhante ao que Piaget havia descrito para a cognição em geral”.

Até o momento, foram expostos dados históricos da origem do termo inteligência emocional, mas afinal o que se entende hoje por esta capacidade? Antes de apresentar a definição, é necessário discutir as idéias sobre a integração entre inteligência e emoção, pois, durante séculos, essas duas estruturas foram consideradas separadas, principalmente na época da teoria mecanicista, no século XVII, época em que a mente e corpo, além de serem considerados independentes, eram também explicados por conceitos físicos e reduzidos a uma máquina (Schultz & Schultz, 1992). O pensamento ocidental tem uma tendência a conceber a razão como superior e oposta à emoção, tendo as emoções como prejudiciais ao pensamento sensato (Dalgarrondo, 2000).

A inteligência, de modo geral, é considerada a capacidade de o indivíduo se adaptar ao meio. Os fatores cognitivos exemplificam melhor essa questão, por exemplo, o fator inteligência cristalizada que se refere ao conhecimento das informações culturais do meio em que o indivíduo está inserido. Quando essa capacidade é bem desenvolvida, ela favorece a adaptação ao meio, já que indicará a existência de um maior conhecimento. Isso também ocorre com a inteligência fluida, que está associada à resolução de problemas em situações complexas. Uma alta capacidade neste fator tende

a facilitar o manejo das situações novas, nas quais as informações estão desorganizadas, nebulosas e complexas, facilitando, portanto, a adaptação (Primi, 2003).

As emoções são respostas organizadas que cruzam os vários subsistemas: psicológicos, fisiológicos, cognitivos, motivacionais e experienciais. As respostas emocionais são geradas a partir de um evento qualquer, seja externo ou interno, que possui significados positivos ou negativos para o indivíduo e as emoções distinguidas de conceitos relacionados ao humor pela brevidade e intensidade com que elas ocorrem (Salovey & Mayer, 1990).

Antigamente, as emoções eram consideradas fatores desorganizantes da atividade cognitiva; no entanto, recentemente, os estudos da neurociência vieram a constatar que as emoções agem de forma adaptativa, interferindo na cognição, tanto nos processos quanto nos conteúdos dos pensamentos. A emoção desempenha um papel primordial nas funções cognitivas e comportamentais do nosso dia-a-dia, incluindo a memória e a tomada de decisão, bem como em transtornos cognitivos, neurológicos e psiquiátricos; entretanto, apesar dessas evidências demonstradas em estudos científicos, a sua influência no pensamento científico tem sido ignorada (Forgas, apud Primi, 2003).

Pesquisas desenvolvidas em pacientes com lesões no córtex pré-frontal ventro mediano demonstram que esses indivíduos possuem um déficit na habilidade de processar sinais emocionais, o que compromete o seu desempenho diante das exigências sociais e ambientais. Também demonstram que possuir inteligência geral alta não é suficiente para a tomada de decisões vantajosas na vida real. Esses estudos propiciaram evidências de que capacidades mais ligadas às emoções diferenciadas da inteligência geral são importantes para a adaptação (Bechara, Franel & Damásio, 2002).

Hoje é crescente a idéia de que a inteligência e a emoção consistem em funções adaptativas do organismo e estão associadas aos comportamentos do cérebro, que auxiliam o organismo a se adequar ao meio (Primi, 2003). Cada indivíduo apresenta uma capacidade maior ou menor em lidar com informações emocionais nessa adaptação, e isso é o que está na base da inteligência emocional, pois, sucintamente, a inteligência emocional refere-se à capacidade de processamento de informações emocionais de modo a utilizá-las favoravelmente no processo de adaptação (Salovey & Mayer, 1990).

Goleman (1995) descreve que “uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope” (p.18). Para Goleman, o ser humano possui duas mentes, a emocional (conhecimento impulsivo, poderoso e às vezes ilógico) e a racional (mais consciente, atenta, capaz de ponderar e refletir), as quais interagem para a construção da vida mental e a orientação no mundo. Geralmente há um equilíbrio entre essas duas mentes, com a emoção informando as operações da mente racional e esta selecionando e aprimorando a entrada das emoções. Contudo podem ocorrer situações desequilibradoras dessa harmonia, e uma mente pode acabar comandando a outra.

A partir dessas considerações sobre inteligência e emoção, pode-se constatar que não há como pensá-las separadamente, muito menos negar que a emoção tem a possibilidade de aguçar o raciocínio, propiciando a adaptação do homem no meio em que vive.

O construto de inteligência emocional organiza conceitualmente os achados da literatura referentes às diferenças individuais ligadas ao processamento da informação afetiva nas ações adaptativas, pois vários problemas intelectuais possuem conteúdo afetivo que deve ser processado, e esse processo é distinto do processamento de informações puramente cognitivas, sem conteúdos afetivos (Mayer & Salovey, 1993).

Atualmente existem duas definições mais reconhecidas sobre a inteligência emocional: a de Goleman (1995), que foi popularizada pelo seu livro “Inteligência Emocional: a teoria que redefine o que é ser inteligente”, incluindo características positivas de personalidade geralmente já estudadas há muito tempo nas teorias fatorias; e a segunda, proposta por Mayer, Caruso e Salovey, que está sendo atualmente discutida no meio científico, caracterizando a inteligência emocional como uma capacidade cognitiva (Primi, 2003).

As primeiras definições sobre inteligência emocional, como capacidade cognitiva, abrangiam a percepção e o controle das emoções em si e nos outros, mas omitia o pensamento sobre sentimento. Após revisões, o conceito dessa inteligência definiu-se como: “a capacidade de perceber emoções, a capacidade de acessar e gerar emoções de tal forma a ajudar os processos de pensamento, a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional, e a capacidade de regular as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual” (Mayer, Salovey & Caruso, 2002a, p.17).

Esse modelo se baseia na idéia de que as emoções contêm informações sobre relacionamentos do organismo com o meio, e a inteligência emocional associa-se à capacidade de reconhecer os significados dessas emoções e dos relacionamentos, raciocinar sobre eles e utilizar essa informação para orientar as ações de adaptação ao meio (Mayer & Salovey, 1999).

As capacidades da inteligência emocional (percepção/avaliação/expressão da emoção, emoção facilitadora do pensamento, compreensão e análise das emoções e controle reflexivo das emoções) são hierárquicas, tendo como base a percepção, a avaliação e a expressão de emoções. As áreas da percepção, compreensão e controle envolvem raciocínio sobre as emoções, já a área da emoção como facilitadora do

pensamento utiliza unicamente as emoções para auxiliar o raciocínio. Vários dados também demonstram a área, compreensão das emoções como mais cognitiva, envolvendo maior raciocínio abstrato, possuindo uma correlação mais estreita com testes tradicionais de inteligência (Mayer, Salovey, Caruso & Sitarenios, 2001).

*A percepção, avaliação e expressão da emoção* referem-se à acuracidade de identificação de emoções e conteúdo emocional em si próprio, em outras pessoas e em figuras ou objetos, bem como à capacidade de expressar sentimentos de forma adequada e clara. Também está associada à acuracidade em identificar a expressão falsa ou manipulada dos sentimentos (Mayer & Salovey, 1999). Indivíduos com essa capacidade mais desenvolvida podem ter vantagens adaptativas nas suas relações com o mundo, especialmente quando os problemas requerem a atenção às informações emocionais, pois têm maior precisão na identificação de suas emoções e na das dos outros, como também podem se expressar mais apropriadamente aos outros (Mayer & Salovey, 1990).

*A emoção como facilitadora do pensamento* diz respeito à atuação da emoção nos processos cognitivos superiores ligados ao raciocínio, auxiliando na resolução de problemas, como um sistema de alerta sobre os eventos importantes na pessoa e no ambiente. Essa faceta diz respeito também à capacidade de acessar, gerar e examinar as emoções de tal forma a ajudar os processos de pensamento e conseqüentemente ajudar o indivíduo a tomar decisões. A atuação das emoções no pensamento faz com que as pessoas considerem perspectivas múltiplas e compreendam que os tipos de emoções facilitam diversos trabalhos e formas de raciocínio (Mayer & Salovey, 1999).

*A compreensão e análise das emoções* referem-se à compreensão e ao uso do conhecimento emocional, que é crescente ao longo da vida pelo maior entendimento dos significados emocionais. Refere-se à compreensão de emoções complexas e

contraditórias, da transição de sentimentos e a sua relação com as situações interpessoais. Portanto, tal conhecimento é muito importante para a adaptação (Mayer & Salovey, 1999).

*O controle reflexivo das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual* refere-se à capacidade de controle e regulação das reações emocionais. Isso pressupõe a tolerância às experiências emocionais mais intensas e o conhecimento e emprego efetivo de estratégias de alterações desses sentimentos. Com o tempo, o ser humano aprende a refletir sobre as emoções positivas e negativas, fazendo delas uma ferramenta para o raciocínio caso sejam úteis. Também começam a entender as reações emocionais, avaliando-as, controlando-as e compreendendo-as. (Mayer & Salovey, 1999). No lado positivo, indivíduos com tais capacidades podem realçar suas próprias emoções e a dos outros, motivando pessoas para algo benéfico; já no lado negativo, podem canalizar suas ações para comportamentos anti-sociais e de manipulação dos outros em benefício próprio (Mayer & Salovey, 1990).

Essas facetas da inteligência emocional formam um conjunto de capacidades mentais, e por isso devem ser mensuradas por meio de tarefas de desempenho máximo. Segundo Mayer, Caruso & Salovey (2002) “Testar capacidade é o padrão-ouro na pesquisa da inteligência, pois a inteligência corresponde à capacidade real de apresentar um bom desempenho em tarefas mentais, e não apenas às crenças de uma pessoa a respeito dessas capacidades” (p. 241).

Paralelamente ao desenvolvimento do modelo teórico sobre inteligência emocional, foram desenvolvidos testes para medir esse construto que podem ser divididos em três grupos: auto-avaliação, avaliação por meio de observadores e avaliação de desempenho máximo, este último é considerado mais promissor e é representado pelos testes *Multi-Factor Emotional Intelligence Scale* (MEIS) e MSCEIT,

que é a forma mais atualizada do MEIS. Ambos medem a inteligência emocional considerando-a como um tipo de inteligência que está relacionada ao processamento de informação, ou seja, são instrumentos que mensuram a inteligência emocional por intermédio de testes de desempenho máximo, como os testes tradicionais de inteligência (Mayer, Caruso & Salovey, 2002).

Existem critérios para que uma inteligência seja considerada como tal. Ela precisa ser passível de mensuração por testes de desempenho máximo, deve se correlacionar moderadamente com outras inteligências, mas também ser relativamente independente destas, caracterizando-se como uma capacidade diferente das já conhecidas, e, por último, mas não menos importante, deve-se desenvolver com a idade (Mayer, Caruso & Salovey, 2002).

Um tópico muito debatido na literatura tem a ver com a inclusão da inteligência emocional no rol de capacidades cognitivas com um mesmo *status* das já reconhecidas. As pesquisas desenvolvidas para procurar responder a essa indagação, buscando sistematicamente demonstrar a validade convergente e discriminante entre inteligência emocional, inteligência tradicional e personalidade, têm gerado polêmica entre pesquisadores. Além disso, há ainda, questionamentos sobre os métodos de pontuação dos testes de inteligência emocional baseados em desempenho máximo. Há três sistemas de correção para esses testes: por consenso, especialista ou alvo.

O sistema de correção por consenso geral pontua cada resposta de acordo com a proporção da amostra que escolheu a mesma resposta. Por exemplo, se um respondente indicou que “surpresa” estava muito presente em uma face (uma das tarefas do teste) e essa mesma alternativa foi escolhida por 45% da amostra, o escore do indivíduo nesse item será igual a 0,45. O sistema de correção por especialistas é semelhante ao anterior, exceto que cada escore do respondente é avaliado por meio do critério formado pelas

respostas proporcionais de um grupo de especialistas. O sistema de correção por alvo consiste na definição do que é certo em razão da definição de quem elaborou o estímulo. Por exemplo, um indivíduo relata o que sentiu quando uma pessoa querida o maltratou, então essa história é colocada no teste. As respostas de quem responde ao teste são corrigidas como certas quando elas coincidem com as que foram relatadas pela pessoa que forneceu o item (alvo).

O ponto problemático da correção dos testes de desempenho máximo da inteligência emocional diz respeito a não existência clara e inequívoca de uma resposta certa. Já em relação às questões de convergência-divergência com medidas tradicionais de inteligência e personalidade, elas foram bem exploradas em um trabalho de Davies, Stankov e Roberts (1998), que reúne três estudos abordando esses aspectos. Os principais objetivos foram examinar as condições empíricas de testes de auto-relato e testes objetivos da inteligência emocional, verificar a relação desta capacidade com capacidades cognitivas tradicionais, incluindo inteligência fluida, cristalizada e social, e, por fim, examinar as relações da inteligência emocional com as variáveis da personalidade (extroversão, neuroticismo, psicoticismo, concenciosidade, agradabilidade e abertura).

Os resultados do primeiro estudo demonstraram que as correlações obtidas entre inteligência emocional e personalidade apresentaram coeficientes com magnitudes que sugerem que a inteligência emocional avaliada por auto-relato não pode ser totalmente distinta do construto de personalidade. Na análise fatorial exploratória, com todas as variáveis do estudo (inteligência emocional, inteligência e personalidade), extraíram-se oito fatores, entre eles um chamado percepção da emoção que avalia o julgamento da emoção consensualmente em estímulos externos (faces, cores, músicas e sons). No entanto, as medidas objetivas da inteligência emocional formaram um único fator, mas

não tiveram cargas em nenhum outro fator, assim como as outras medidas também não apresentaram cargas nesse fator de inteligência emocional. Como a inteligência emocional e as capacidades cognitivas tradicionais pressupõem avaliar um construto único, que é a inteligência, deveria ter-se formado um fator agrupando os dois, mas as correlações entre esses fatores foram baixas, não excedendo a 0,20.

O segundo estudo manteve as escalas de auto-relato de inteligência emocional, mas utilizou outras medidas de personalidade e inteligência. A análise fatorial identificou nove fatores que se dividiram naturalmente em dois grupos maiores. Os cinco primeiros relacionados à personalidade, nos quais as medidas de inteligência emocional possuem parte da variância comum nos fatores Neuroticismo e Agradabilidade, e os outros quatro ligados à inteligência, dentre os quais o fator habilidade verbal foi o único em que alguns subtestes de inteligência emocional apresentavam cargas fatoriais importantes.

No terceiro estudo, o principal objetivo foi verificar se o fator percepção da emoção, definido no Estudo 1, representou algo mais do que apenas um fator produzido por respostas consensuais. Os resultados demonstraram que apenas o subteste Faces, por meio do método concordância de alvo, obteve nível de precisão aceitável (0,71). A correlação dos escores corrigidos por consenso e por alvo foi alta no Teste Faces (0,99), mas muito baixa no Teste Vozes (0,48). Como somente o Teste Faces do fator percepção emocional apresentou uma precisão aceitável, fez-se uma análise fatorial para verificar a locação do Teste Faces junto às medidas de capacidades cognitivas e de personalidade. Obtiveram-se cinco fatores, e o Teste Faces apareceu apenas no fator inteligência social e com baixa carga. Diante dos resultados dos três estudos, os autores concluem que o construto de inteligência emocional era limitado provavelmente em razão das medidas que até então estavam disponíveis para medida desse construto.

Logo em seguida Mayer, Caruso, Salovey (2000) publicaram outro trabalho que verificava se a inteligência emocional satisfaz os padrões para uma inteligência que também circulou no meio científico. O trabalho teve como objetivo buscar evidências de validade para a inteligência emocional em relação à inteligência tradicional, bem como verificar a eficácia da inteligência emocional em prever empatia, relações agradáveis e atividades culturais. A pesquisa foi dividida em dois estudos, sendo que o segundo estudo enfatizou apenas a questão da associação da inteligência emocional com a idade, que é um pressuposto de qualquer inteligência. Nessa pesquisa, o teste para mensurar inteligência emocional foi o *Multifactor Emotional Intelligence Scale* (MEIS), precursor do MSCEIT.

Os resultados do primeiro estudo, que objetivou averiguar a estrutura fatorial, a consistência entre os métodos de correção e a associação com outras variáveis (inteligência, empatia, relações agradáveis e atividades culturais), indicaram que, os subtestes organizaram-se em três fatores correlacionados (Compreensão da emoção, Percepção da emoção e Controle da emoção), produzindo também um fator geral. Os métodos de correção por consenso, especialistas e alvo, estiveram altamente correlacionados. O sistema de correção por consenso apresentou um alfa mais elevado. Com relação às medidas de critério, foram encontradas correlações baixas, mas significativas, ao redor de 0,30 entre inteligência emocional com inteligência verbal, empatia, harmonia familiar, e com atenção pragmática no auto-aperfeiçoamento, incluindo leituras de livros de auto-ajuda. No segundo estudo, os autores observaram correlações significativas da inteligência emocional com idade. Os dados obtidos nos estudos sugerem que inteligência emocional mostra um padrão consistente como um novo domínio da inteligência.

As duas pesquisas apresentadas delatam limitações em razão das divergências entre elas nos dados de correlação da inteligência emocional com a inteligência tradicional e nas inconsistências nos métodos de correção. A primeira pesquisa mostra os dados mais frágeis e desfavoráveis, indicando que a inteligência emocional não se correlaciona com a inteligência tradicional e quando avaliada por auto-relato se correlaciona com personalidade. A segunda pesquisa apresenta dados mais promissores e favoráveis à inteligência emocional que se correlacionou com uma medida da inteligência verbal, apresentou alta correlação entre os critérios de correção e correlacionou positivamente com o aumento da idade.

Uma possível explicação para estas contradições reside nos tipos de medidas utilizadas para avaliar inteligência emocional os quais não eram totalmente equivalentes. Apesar de a primeira pesquisa também ter avaliado inteligência emocional com medidas objetivas, ela só utilizou três subtestes semelhantes aos que viriam a ser incluídos no MEIS para medir percepção de emoções. De fato, o MEIS é composto por doze subtestes, três para cada faceta. No estudo de Davies, Stankovs e Roberts (1998), os subtestes semelhantes ao MEIS foram apenas o de faces, cores e músicas, que representam uma parte do construto de inteligência emocional avaliado pelo MEIS.

Em pesquisas tradicionais de inteligência, a resposta do indivíduo é comparada com respostas esperadas que indiquem níveis mais elevados de capacidade mental para resolver problemas. Em escalas de auto-relato da inteligência que são mais fundadas no que as pessoas pensam sobre si mesmas, se o autoconceito da pessoa é acurado, a medida de auto-relato até é precisa, mas frequentemente as pessoas descrevem-se imprecisamente. Com inteligência emocional é provável que ocorra resultados diferentes dependendo se ela é medida por instrumentos de auto-relato ou medidas de desempenho máximo, pois no auto-relato o indivíduo responde o que acha da sua

própria capacidade, já nas medidas de desempenho máximo é avaliado se ele realmente possui a capacidade (Brackett & Mayer, 2003). Essas diferenças nas avaliações podem gerar resultados distintos quando se procura correlacionar inteligência emocional com outra habilidade.

Como visto no estudo de Mayer, Caruso e Salovey (2000), o MEIS mostrou-se mais bem construído para mensurar inteligência emocional como uma capacidade cognitiva, o que vem a colaborar para que os procedimentos de correção (consenso, alvo e especialistas) apresentem maior consistência.

Procurando investigar novamente todas essas questões com respostas contraditórias referentes à inteligência emocional, um novo estudo foi elaborado e intitulado “A inteligência emocional associa-se aos padrões tradicionais de uma inteligência. Alguns novos dados e conclusões” (Roberts, Zeidner e Mattheus, 2001). O estudo buscou verificar se o MEIS é psicometricamente preciso, principalmente com relação à convergência dos sistemas de pontuação (especialista e consenso), e também se sua validade é convergente-discriminante com medidas de inteligência e personalidade.

Com relação ao primeiro ponto, os autores encontraram problemas no sistema de correção, uma vez que protocolos corrigidos por sistemas diferentes (consenso e especialistas) não se correlacionaram como se esperava e as análises de precisão dos subtestes identificaram mais problemas na confiabilidade das medidas. Com relação ao segundo ponto, foi feita uma análise fatorial confirmatória que sustenta o conceito inicial de quatro fatores, porém as precisões estimadas nos subtestes mostraram-se insuficientes, e as intercorrelações entre eles não foram tão altas quanto o esperado. A convergência entre as medidas de especialistas e consenso não foi evidenciada; mesmo observando alguns índices de concordância, as correlações foram abaixo de 0,80, o que

segundo os autores deveriam ser maiores, como geralmente se espera das correlações entre formas alternativas de um mesmo teste. O MEIS apresentou correlações altas com inteligência mensurada pelo *Armed Services Vocational Aptitude Battery – ASVAB*, especialmente na faceta compreensão ( $r = 0,40$ ). Já as correlações entre inteligência emocional e personalidade, avaliada pelo *Trait Self-Description Inventory – TSDI*, que avalia os cinco fatores da personalidade (*Big Five Factor Model*), foram mais baixas, embora significativas (Neuroticismo  $r = -0,18$ ; Conscienciosidade  $r = 0,16$ ; Agradabilidade  $r = 0,13$ ; Extroversão  $r = 0,13$  e Abertura  $r = 0,13$ ).

Com base nesses dados os autores concluem que apesar de o MEIS apresentar validade convergente com inteligência e validade divergente com personalidade, ele apresentou problemas de precisão de medida e de operacionalização da resposta certa. Entretanto, pode-se perceber que, nesta pesquisa, utilizando o MEIS, aparecem resultados mais esperançosos e positivos. O maior impasse reside na questão dos critérios de correção que não convergem, ou seja, é questionável se os itens do MEIS possuem respostas corretas, claras e inequívocas.

Em resposta aos achados de Roberts, Zeidner e Matthews (2001), Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios (2001) publicaram um artigo teórico no mesmo ano, argumentando sobre a aceitabilidade da inteligência emocional mensurada como uma capacidade, indicando que há a possibilidade de respostas corretas e apresentando dados recentes que suportam as medidas de critério como precisas. Essas afirmações foram embasadas principalmente em um estudo empírico que realizaram com a nova versão do MEIS, o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT)*, como já foi mencionado). Esse teste avalia as quatro facetas de inteligência emocional (Percepção das emoções, Uso das emoções para facilitar o pensamento, Conhecimento emocional e Gerenciamento das emoções) com dois subtestes para cada uma delas, sendo

respectivamente denominados Faces, Figuras, Facilitação, Sensação, Transição, Mistura, Administração de emoções e Relações emocionais.

O artigo de 2001 é finalizado com uma citação sensata desses autores sobre todo esse início crítico, polêmico e falho na inserção de um novo construto, especialmente na área da inteligência. De acordo com esses pesquisadores:

“o desenvolvimento e compreensão de uma inteligência requer vários anos de cuidadosos exames e minuciosas pesquisas. A mais ampla escala cognitiva de inteligência, a *Weschler Intelligence Scales*, é o produto de 60 anos de pesquisa. Além disso, suas pesquisas foram iniciadas após 40 anos de trabalho na avaliação clínica da inteligência. Se a história do estudo da inteligência é algo orientado, há pequenas questões que ainda existem para serem muito instruídas sobre inteligência emocional. Os primeiros 10 anos de pesquisa de inteligência emocional têm sido frustrante, mas igualmente e imensamente gratificante e cheio de promessas” (Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios, 2001 p. 240).

As pesquisas citadas explicitam as controvérsias que ocorrem quando se propõe legitimar um novo construto psicológico como é a inteligência emocional. São discussões pertinentes para a compreensão de sua evolução. Aceitar a crítica, trabalhar para amenizar os problemas e propor novas soluções é exercício constante na pesquisa. No caso da inteligência emocional, pode-se perceber esse movimento a partir da evolução dos testes propostos para mensurá-la, como é o caso do MSCEIT objeto do presente trabalho.

Na literatura científica encontram-se poucos instrumentos que avaliam a inteligência emocional, e a maioria destes são por procedimentos de auto-relato (*BarOn Emotional Quociente Inventory – Eqi*, *Work Profile Questionare – WPQei*, *Emotional Competence Inventory – ECI 360*, *Medida de Inteligência Emocional – MIE*). No entanto, como já foi salientado, ao se falar de mensuração de algum tipo de inteligência, é mais adequado se utilizarem medidas de desempenho máximo, para verificar a

capacidade real do sujeito, e não o julgamento que ele faz sobre sua própria capacidade (Bueno & Primi, 2001).

O MSCEIT é o teste desempenho máximo da inteligência emocional mais recente entre os propostos para mensurar essa capacidade. Seu antecessor imediato foi o *MSCEIT Research Version 1.1* (MSCEIT RV 1.1), que foi sucessor do MEIS. O MSCEIT foi elaborado para suprir algumas limitações do MEIS. A primeira diz respeito ao número de itens, o MEIS é formado por 402 itens e o MSCEIT por 141 itens, o que reduz o tempo de aplicação. O segundo ponto foi a necessidade de novos subtestes. A terceira limitação diz respeito à segunda faceta facilitação do pensamento que precisou ser melhorada (Freitas, 2004). O MSCEIT pode ser considerado a evolução dos testes que avaliam inteligência emocional, pois adota o sistema de desempenho máximo e é uma medida revisada e melhorada das anteriores (MEIS e MSCEIT v. 1.1). A correção desse teste pode ser obtida pelos métodos de consenso geral ou por consenso de especialistas.

No estudo de Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios (2003), utilizando o MSCEIT, os autores procuraram investigar a convergência entre o método de correção dos escores por meio do consenso geral e por especialistas, a precisão do teste e a estrutura fatorial. O estudo coletou dados de 2.112 sujeitos e 21 especialistas em emoções, para se criar um consenso firmado em especialistas. Os resultados indicaram uma correlação alta entre os sistemas de correção por consenso e especialistas de 0,91. No entanto, fez-se uma análise de variância comparando as médias das quatro escalas do MSCEIT segundo os dois sistemas de pontuação, a qual demonstrou que em duas facetas (Percepção das emoções e ao Conhecimento emocional), quando os participantes são mensurados de acordo com o critério dos especialistas, obtiveram maiores escores do que quando são mensurados de acordo com o critério do consenso geral. Essas duas facetas estão mais

ligadas ao conhecimento e ao significado das emoções, o que às pressupõe uma inteligência cristalizada, um saber prévio, teórico, para responder às tarefas.

Com relação à precisão do MSCEIT, observou-se que ela se alterava em função do sistema de pontuação usado na análise. A precisão pelas metades foi de  $r = 0,93$  para o critério de consenso e  $0,91$  para o de especialistas. As medidas das duas áreas Experiencial e Estratégica as precisões foram de  $r = 0,90$  para o critério de consenso e  $r = 0,88$  e  $0,86$ , respectivamente para o de especialistas. As quatro facetas (Percepção, Facilitação, Compreensão e Gerenciamento) demonstraram precisões de  $r = 0,76$  a  $0,91$  para ambos os critérios. Já nos subtestes, a menor precisão foi de  $r = 0,55$  e a maior de  $r = 0,88$ .

Em relação à estrutura fatorial do MSCEIT a análise confirmatória sustentou as soluções de um, dois e quatro fatores. O primeiro fator é o modelo de inteligência emocional geral, no qual se observam cargas altas dos oito subtestes do MSCEIT. O modelo de dois fatores divide as facetas em duas áreas: Experiencial (Percepção e Facilitação) e Estratégica (Compreensão e Gerenciamento). Finalmente o modelo de quatro fatores organiza os oito subtestes em quatro grupos, cada um associado a uma das capacidades originalmente definidas pelos autores (Mayer & Salovey, 1997).

Os achados deste estudo empírico possibilitaram responder a algumas questões levantadas por Roberts, Zeidner e Matthews no artigo que publicaram em 2001, principalmente quando questionam a convergência dos critérios de correção (especialistas e consenso) e a estrutura fatorial. As precisões das facetas, áreas e escore total foram em sua maioria altas, e a estrutura fatorial sustentada demonstrou uma coerência entre teoria e os dados do instrumento. Apesar de o critério de especialistas ter-se mostrado mais preciso, as diferenças não foram estatisticamente significantes, e a correlação entre as pontuações ligadas aos dois sistemas foi alta.

As informações do MSCEIT, apresentadas até o momento, dizem respeito, principalmente, aos dados psicométricos internos do instrumento. Já as informações sobre as relações com variáveis externas, relações teste-critério, por exemplo, são encontradas em um número reduzido de pesquisas, pois o MSCEIT é um teste recente. Entretanto, alguns trabalhos já foram realizados buscando correlacioná-lo com interações sociais, hábitos inadequados de vida e desempenho profissional, além de medidas clássicas de inteligência e personalidade,. A seguir serão apresentadas algumas pesquisas desses tipos com o MSCEIT.

A validade preditiva do MSCEIT em relação às interações sociais foi investigada por Lopes et al. (2003) em um trabalho dividido em dois estudos. No primeiro participaram 118 estudantes universitários, e os resultados demonstraram correlações positivas da faceta Administração das emoções com: interações positivas ( $r = 0,31$ ) e tendência do indivíduo a fornecer suporte emocional ( $r = 0,26$ ) e correlações negativas com interações negativas ( $r = -0,30$ ). A ausência de correlação das outras facetas parece sugerir que o restante das capacidades contribuem mais fracamente ou indiretamente para a qualidade das interações sociais. No segundo estudo, a amostra foi composta por 106 estudantes não graduados. Os autores observaram correlações positivas entre a faceta Facilitação do pensamento com o quanto as pessoas acham suas interações prazerosas ( $r = 0,17$ ) e interessantes ( $r = 0,20$ ), assim como quanto importantes ( $r = 0,20$ ) e seguras ( $r = 0,18$ ) elas sentem essas interações. A faceta Gerenciamento das Emoções foi positivamente relacionada com a busca ( $r = 0,19$ ) e a importância das interações ( $r = 0,19$ ), e a faceta Percepção das emoções correlacionou negativamente com o quanto a pessoa sente o domínio nas interações sociais ( $r = -0,15$ ). Nesse segundo estudo, também houve uma comparação entre o MSCEIT e medidas dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade - *Big Five* - na qual se obtiveram correlações

significativas. A faceta Gerenciamento das emoções foi significativamente correlacionada, embora com baixa magnitude com Extroversão ( $r = 0,20$ ), Agradabilidade ( $r = 0,27$ ), Neuroticismo ( $r = -0,22$ ) e Abertura ( $r = 0,24$ ).

Brackett e Mayer (2003) procuraram demonstrar as diferenças entre medidas de capacidade (MSCEIT) e medidas de auto-relato da inteligência emocional (Inventário de Quociente Emocional - *EQ-i*, Teste de Auto Relato da Inteligência Emocional - *SREIT*) por intermédio das relações com medidas de personalidade, bem-estar, inteligência verbal, habilidades acadêmicas e hábitos pessoais. Participaram da pesquisa 207 estudantes universitários, e os resultados indicaram baixa correlação entre o MSCEIT com o *EQ-i* ( $r = 0,21$ ) e com o *SREIT* ( $r = 0,18$ ); no entanto, estes dois últimos instrumentos com base em auto-relato correlacionaram-se moderadamente ( $r = 0,43$ ). As medidas do MSCEIT, bem-estar, traços de personalidade e inteligência verbal foram submetidas à análise fatorial, que resultou três fatores. O MSCEIT agrupou-se em um único fator, que também teve cargas de inteligência verbal ( $r = 0,43$ ) e Agradabilidade ( $r = 0,40$ ), enquanto as escalas de auto-relato da inteligência emocional agruparam-se nos outros dois fatores compostos por traços de personalidade e bem-estar psicológico. Outros resultados deste estudo apontaram que o MSCEIT e o *EQ-i* são preditores de desvio social ( $r = -0,27$  e  $r = -0,21$ , respectivamente), e o MSCEIT ainda se mostrou preditor do desempenho acadêmico (*Grade Point Average* - GPA), uma medida de habilidade acadêmica ( $r = 0,16$ ).

Alguns estudos no Brasil com a versão traduzida do MSCEIT foram feitos tratando também da questão da validade externa. Jesus Jr. (2004) estudou a precisão e evidências de validade do MSCEIT por intermédio das correlações da inteligência emocional com inteligência avaliada pela Bateria de Provas de Raciocínio (BPR 5, Almeida e Primi, 2000) e com um instrumento de inteligência emocional na forma de

auto-relato. Os resultados indicaram uma precisão satisfatória (alfa de 0,90), evidência de validade convergente com a BPR 5 ( $r = 0,28$ ) e correlações baixas, mas significativas com os itens 1 “identifica as próprias emoções” ( $r = 0,23$ ) e 5 “identifica expressões de sentimentos verdadeiros em oposição aos falsos” ( $r = -0,18$ ) do instrumento de auto-relato, embora neste último item a correlação tenha sido no sentido contrário do esperado. Nesse trabalho também aplicou-se uma análise fatorial que extraiu três fatores para o MSCEIT, o primeiro fator foi constituído pelos subtestes Faces, Paisagem, Facilitação e Sensação que compõem a área Experiencial da inteligência emocional, já os fatores dois e três subdividiram a área Estratégia, o segundo fator foi composto pelos subtestes Administração e Relações e o terceiro fator agrupou os subtestes Mistura e Transição.

Freitas (2004) também buscou explorar evidências de validade para o MSCEIT com outras variáveis, correlacionando-o com dois instrumentos: Avaliação de Alunos-Terapeutas segundo seus supervisores (AAS) e Auto Avaliação do Aluno (AA). Participaram do estudo 83 alunos do curso de Psicologia, os quais freqüentavam uma disciplina de estágio supervisionado. Os resultados indicaram que as maiores correlações entre inteligência emocional e AA foram observadas entre a faceta Gerenciamento das Emoções e as frases “transmito os sentimentos, mesmo que sutis, dos meus clientes, com clareza ao meu supervisor” ( $r = 0,43$ ) e “sou claro e não hesito ao me expor durante a supervisão” ( $r = 0,40$ ). Com o instrumento AAS, as maiores correlações ocorreram entre inteligência emocional e as frases “identifica os sentimentos verbais de estados emocionais do cliente” ( $r = 0,42$ ) e “faz uso de interpretações” ( $r = 0,42$ ). Os resultados desse mesmo estudo também apontaram correlações entre Gerenciar as emoções e as frases “identifica os sentimentos não-verbais dos estados emocionais dos seus clientes” ( $r = 0,33$ ) e “as sessões terapêuticas

promovem avanço no quadro do cliente em função das suas intervenções” ( $r = 0,26$ ). Essas correlações, com exceção de um item, sugerem que os alunos com melhor desempenho no gerenciamento das emoções também apresentam maior destreza para lidar com as emoções e promover avanço no quadro clínico.

Dantas (2004) procurou investigar evidências de validade discriminante entre o MSCEIT e o teste 16 Fatores de Personalidade – 16 PF (Cattell, Cattell & Cattell, 1993; Cattell; Eber, & Tatsuoka, 1970) em um grupo de 270 universitários que cursam as faculdades de Biologia, Matemática, Educação Física e Psicologia do primeiro e último semestre. Os resultados apontaram correlações significativas baixas entre inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT e os fatores do 16PF Extroversão ( $r = 0,13$ ), Brandura ( $r = 0,25$ ) e Rigidez do Pensamento ( $r = -0,19$ ). Nesse estudo também foi verificada a precisão do MSCEIT que obteve um alfa de 0,92. Os resultados sugerem que não houve sobreposição de construtos (inteligência emocional e personalidade), embora alguns traços de personalidade estejam associados à inteligência emocional, de certa forma teoricamente justificável. Uma análise fatorial aplicada nos dados desse trabalho revelou dois fatores, o primeiro correspondendo à área Estratégica constituído pelos subtestes Mistura, Transição, Administração e Relações e o segundo a área Experiencial composto pelos subtestes Faces, Paisagem Facilitação e Sensação.

Cobêro (2004) procurou investigar evidências de validade de critério concorrente para o MSCEIT em relação ao desempenho profissional e evidência de validade divergente com traços de personalidade avaliados pelo 16PF e convergente com a inteligência mensurada pela Bateria de provas de Raciocínio (BPR-5). Participaram do estudo 119 profissionais atuantes em empresas de diversos segmentos. Por meio dos resultados, pode-se constatar que as maiores correlações encontradas entre a BPR-5 e o MSCEIT foram entre o subteste raciocínio verbal e os subtestes do Conhecimento

emocional ( $r = 0,36$ ) e Administração ( $r = 0,32$ ). Em relação ao 16PF, a correlação entre o Fator B do 16PF que avalia inteligência com o subtteste Mistura do MSCEIT ( $r = 0,34$ ) foi a única significativa. Já o desempenho profissional foi predito pelo MSCEIT por meio do subtteste Administração das emoções e a faceta Gerenciamento das emoções ( $r = 0,28$  e  $r = 0,26$  respectivamente). A análise fatorial aplicada nos subtteste do MSCEIT também extraiu dois fatores, um relacionado a área Experiencial e o outro a área Estratégica

Primi, Bueno e Nascimento (no prelo) investigaram a validade convergente e discriminante da inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT aplicando-se na mesma amostra junto com os testes BPR-5 e 16PF. A análise fatorial identificou seis fatores, sendo dois deles de inteligência emocional. Esses dois fatores também foram constituídos por algumas variáveis da personalidade. Em um dos fatores alguns subttestes do 16PF tiveram cargas maiores que 0,30: G+ indicando consciência, seguimento da moral convencional, O+ preocupação e propensão ao sentimento de culpa, I+ sentimentalismo, compreensão empática baseada no sentimento e M- tendência a estar preso às sensações e percepções concretas externas e a se guiar pela realidade objetiva e menos por abstrações. Em outro fator, os seguintes subttestes do 16PF apresentaram cargas notáveis: L- tendência a ser confiante e tolerante com os outros, a acreditar nas características positivas, C+ estabilidade emocional, capacidade de adaptação balanceada e tolerância ao estresse, I+ sentimentalismo, compreensão empática com base no sentimento e Q1- convencionalismo, conservadorismo e pouca tolerância à mudança.

Todas as variáveis que apresentaram saturação nos fatores da inteligência emocional foram compreendidas pelos autores como coerentes, segundo a teoria da inteligência emocional. Essas variáveis estão ligadas aos pressupostos do construto

embasado nas dinâmicas emocionais e de relacionamentos interpessoais. Os autores concluem que as associações encontradas clarificam a interpretação dos processos subjacentes ao construto de inteligência emocional, ou seja, personalidade é um construto diferente da inteligência emocional, porém esses dois construtos parecem associados aos processos subjacentes que envolvem percepção e regulação das emoções.

Apesar das evidências favoráveis encontradas nesses estudos para o MSCEIT, ainda são necessárias muitas investigações. As relações da inteligência emocional com o desempenho profissional é um assunto que precisa ser mais bem investigado, porque, até o momento, a sua relação com inteligência emocional não foi bem explorada. Apesar de a inteligência emocional ser popularmente considerada como imprescindível para o sucesso profissional, e ser tão divulgada no contexto organizacional, a única pesquisa empírica realizada no Brasil abordando a validade concorrente do desempenho profissional a partir da inteligência emocional, embora tenha encontrado resultados significativos, foi de baixa magnitude, implicando em um índice baixo de predição (Cobêro, 2004).

O presente trabalho tem justamente a finalidade de investigar a inteligência emocional, mensurada pelo MSCEIT, buscando evidências de validade com outras variáveis por meio do procedimento teste-critério com personalidade e avaliação de desempenho. Nesse sentido, as próximas duas seções abordarão mais estritamente essas duas relações da inteligência emocional com a personalidade e com a avaliação de desempenho, respectivamente.

## **Inteligência Emocional e Personalidade por Intermédio do Método de Rorschach**

Na primeira seção foram explicitadas algumas questões problemáticas que colocam em dúvida se inteligência emocional é realmente um novo construto e se os testes que se propõem mensurá-la atingem esse objetivo. Uma das questões levantadas diz respeito à inteligência emocional não se distinguir de traços de personalidade.

Não existe uma definição unânime de personalidade. O conceito aplicado depende da preferência teórica assumida pelo observador. Uma teoria define a forma de coletar e sistematizar descobertas, sugerindo quais direções de pesquisas são mais proveitosas e contribuem para unir as informações existentes sobre determinado construto, sinalizando também como obter novas descobertas. A finalidade das teorias é estudar o indivíduo intensamente, procurando saber o que eles são, como se tornaram de uma determinada forma e porque se comportam de certa maneira (Pervin e John, 2004).

Para Pervin e John (2004), “a personalidade representa aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos” (p. 23). Lopes et al (2003) diz que a diferença entre personalidade e inteligência emocional é justamente esta: o primeiro construto enfatiza os padrões de comportamento, enquanto o segundo construto diz respeito às capacidades adquiridas que auxiliam as pessoas a regularem suas emoções e a administrar suas interações sociais. Então, capacidade e padrões consistentes da personalidade fornecem distintas e complementares perspectivas para a compreensão social e a adaptação social.

Embora um traço de personalidade como extroversão dependa de uma habilidade social ou resultar nisto, um traço é uma preferência comportamental mais do que uma capacidade. Saber identificar o que o outro está sentindo, que é uma das capacidades do

indivíduo com inteligência emocional, é fundamentalmente uma capacidade mental. Tal conhecimento pode originar-se da inteligência geral. Isso difere de preferências comportamentais, porque a inteligência emocional pode ser mais bem qualificada como uma inteligência envolvendo uma série de capacidades mentais (Mayer & Salovey, 1993).

Essas definições de Lopes e cols. (2003) e Mayer e Salovey (1993) mostram os dois conceitos, inteligência emocional e personalidade, como construtos distintos, um interagindo com o outro para que ocorra o comportamento observado do indivíduo no meio em que vive. Esse dado parece explicar, em parte, as correlações entre inteligência emocional e personalidade, apontadas em alguns estudos, já mencionados na primeira seção. No entanto, algumas pesquisas indicam correlações moderadas, sugerindo uma sobreposição desses construtos. Ressalta-se que as pesquisas que apontaram as correlações maiores utilizaram testes de auto-relato da inteligência emocional. Um trabalho que ilustra bem esse tópico é o de Newsome, Day e Catano (2000), que investigaram os traços de personalidade do 16PF com os cinco fatores que compõem o Inventário de Quociente Emocional (EQ-i), uma medida de inteligência emocional de auto-relato. Os resultados do estudo indicaram que das 25 possibilidades de correlação entre os dois construtos, 20 foram significativas, dessas a maioria das correlações foram moderadas e moderadamente altas, o que sugere sobreposição considerável em relação ao que os dois testes mensuram. As correlações moderadas e moderadamente altas a que os autores se referem estão entre 0,30 e -0,77, todas com nível de significância  $p < 0,001$ .

Brackett e Mayer (2003) concluíram que existem dois modelos gerais da inteligência emocional, um referindo-se às capacidades mentais, representado pelo teste do MSCEIT, e o outro modelo misto referindo-se aos testes de auto-relato que se

sobrepõem com medidas já existentes da personalidade e bem-estar psicológico atribuídas, como o EQ-i e o SREIT. Tais testes são vistos como parte dos modelos mistos de inteligência emocional, pois apresentam alternativas que não incluem apenas emoção e inteligência, mas também variáveis ligadas à motivação, disposição, funcionamento pessoal, social e traços (Mayer, Caruso e Salovey, 1999).

Por meio de dados relatados em pesquisas, já apresentadas na seção anterior, pode-se constatar que o MSCEIT parece ser mais claramente distinto dos traços de personalidade. Entretanto, são necessárias mais investigações sobre esse assunto para se chegar a uma posição mais sólida. O presente estudo tem como um de seus objetivos buscar evidência de validade teste-critério, com personalidade, para o MSCEIT por meio do Método das Manchas de Tinta do Rorschach pelo Sistema Compreensivo (Exner, 1995), que avalia características do funcionamento da personalidade como a cognição, afeto, autopercepção, controle e tolerância ao estresse e estresse situacional, além de apresentar indicadores psicopatológicos (esquizofrenia, depressão, déficit relacional, hipervigilância, estilo obsessivo e suicídio).

O método do Rorschach é muito utilizado na avaliação do funcionamento psicológico e de distúrbios psicopatológicos, principalmente no contexto forense para auxiliar nas decisões judiciais (Abu Shabha, 1992; Anderson & Walsh, 1998; Ermentini, 1990; Greiner & Nunno, 1994; Heraut, 1993; Meloi & Gacono, 1994; Morana, 1999; Mori, 1994; Resnick & Nunno, 1991; Simon, 1989; Young, Justice & Erdberg, 1999; Zeiller & Couraud-Barnoud, 1993; Zillmer, Archer & Castino, 1989). Ao contrário da inteligência emocional, o Rorschach vem sendo estudado no contexto policial com relação à avaliação psicológica para porte de armas de fogo (Pellini, 2000), na seleção de policiais (Peterson, 1993; Zacker, 1997) e na investigação da validade dos índices

deste teste para a previsão de comportamentos inadequados em um grupo de policiais (Lima & Primi, 2004). Já, com o MSCEIT esse é o primeiro estudo nesse contexto.

Além disso, ressalta-se que não há estudos efetuados correlacionando inteligência emocional e características de personalidade avaliadas pelo Rorschach. Aliás, esse é o primeiro estudo que investiga inteligência emocional com alguma técnica projetiva, pois os trabalhos encontrados mostram apenas essa relação com testes de personalidade firmados em auto-relato, como o *Big Five* e o 16PF.

Em razão do extenso número de variáveis obtidas no Rorschach, elencou-se aquelas com maior potencial de associação com as capacidades da inteligência emocional avaliadas no MSCEIT, embora se pretenda também explorar as correlações com todas as variáveis do Rorschach. As variáveis selecionadas foram as seguintes:

- *EB Extratensivo*: oferece informações sobre como as emoções influem em algumas operações psicológicas dos indivíduos, mesclando sentimentos e processos cognitivos na resolução de problemas ou tomada de decisões. O EB extratensivo revela um estilo mais emocional; de mistura dos afetos com o pensamento durante suas atividades de resolução de problemas, opiniões influenciadas pela informação externa procedente de sua atividade de ensaio e erro, ou seja, a interação com o exterior como fonte de informação ou de gratificação.
- *EB Introversivo*: indica o estilo de resolução de problemas ou tomada de decisões com pouca atenção ao processamento emocional junto ao pensamento. O EB introversivo assinala um indivíduo basicamente ideacional, que prefere habitualmente demorar em tomar decisões até poder considerar todas as alternativas possíveis; pessoas que mantêm as

emoções à margem na solução de problemas; que formulam suas opiniões baseando-se, principalmente, em sua avaliação interna e não utilizam sistema de ensaio e erro na procura de soluções.

- *Cor Acromática (FC', C'F e C')*: representa uma forma de constrição afetiva, um freio à expressão emocional, é uma operação não deliberadamente iniciada, sendo involuntária e automática. O indivíduo que apresenta essa variável aumentada tende a não externalizar seus afetos, interiorizando-os e provocando um mal-estar interno. Como já dito, é uma operação não deliberada, ou seja, não é uma opção voluntária de se calar que, em algumas situações, poderia ser adaptativo.
- *Modulação afetiva (FC > CF + C)*: é um indicador do grau de modulação das descargas e trocas emocionais. É uma fórmula composta pela variável cor que indica emoções e a variável forma que representa a interferência de processos mais cognitivos. O FC refere-se uma forma mais controlada e dirigida das emoções por meio dos elementos cognitivos. O CF indica uma conduta mais mediada pelas emoções, o controle cognitivo não é intenso e a descarga emocional é menos controlada. O C é a variável que não apresenta nenhum tipo de controle cognitivo sobre as emoções, a descarga afetiva é brusca e não modulada. Espera-se que em adultos o FC seja maior que o CF + C, já nas crianças essa proporção é ao contrário, pois possuem comportamentos mais impulsivos.
- *Quociente Afetivo (Afr)*: essa variável compara o número de respostas nas pranchas coloridas com as respostas nas pranchas acromáticas, indicando uma reatividade às pranchas coloridas e conseqüentemente uma responsividade do indivíduo aos estímulos emocionais. Indivíduos com

Afr aumentada tendem a produzir mais e atraem-se por situações com intensa afetividade; no entanto, essas pessoas também são predispostas a não controlarem suas emoções. Já o Afr baixo indica uma preferência do indivíduo a não se envolver com situações emocionais, são pessoas com maior propensão a isolamento social.

- *Índice de déficit relacional (CDI)*: representa a dificuldade do indivíduo em enfrentar com eficiência as demandas comuns do ambiente social, sugere um déficit relacional. O CDI aumentado sugere um indivíduo desinteressado nas pessoas, com inaptidão para situações emocionais, sendo estas mais superficiais, sem vínculo afetivo. Conseqüentemente esses indivíduos são pouco aceitos pelos outros.
- *Sombreado Difuso (FY, YF e Y)*: está relacionada às reações do indivíduo diante de situações externas de mal estar com um aumento de tensão, inundando-se de emoções paralisadoras e bloqueando a capacidade de ação, sentimento de desamparo e intenso desconforto emocional.
- *Movimento inanimado (m)*: é o correlato de Y, mas no nível ideacional, representando vivência de intenso desconforto provocado por determinada situação. Tem como uma de suas características a atividade cognitiva não deliberada. As variáveis m e Y são as mais instáveis dos protocolos do Rorschach, porque elas aparecem e desaparecem em função das situações externas estressoras.
- *Controle e tolerância ao estresse - Índices D e D ajustado*: representam respectivamente o controle e a tolerância ao estresse que o indivíduo possui na atualidade e a capacidade de controle rotineira e habitual. No D

ajustado, o cálculo é feito eliminando fatores de sobrecarga situacional, indicados pelas variáveis  $m$  e  $Y$ , ou seja, verifica-se a capacidade do indivíduo para manter o controle e saber lidar com situações em condições habituais.

As variáveis do Rorschach citadas sugerem certa correlação com inteligência emocional, porque pressupõem a interação entre cognição e emoção, seja de maneira adequada ou inadequada. Então, espera-se que ocorra correlação positiva baixa da inteligência emocional com EB extratensivo, Índices  $D$  e  $D$  ajustado e a fórmula  $FC > CF + C$  e AFR quociente afetivo e correlações negativas baixas com EB introversivo, Cor acromática, CDI, Sombreado Difuso e Movimento Inanimado.

Outras três variáveis do teste de personalidade também serão investigadas com o intuito de verificar as associações devidas ao método de avaliação, já que ambos os testes possuem variáveis que são corrigidas pelo método do consenso. No caso do Rorschach, tais variáveis se referem à *Qualidade Formal (FQ)*, que indica se o indivíduo distorce a forma natural de uma figura, *Localização da resposta (W, D, Dd e S)*, que é o local da mancha que o indivíduo vê a figura, e *Respostas populares (P)*, que representam informações cruciais sobre a convencionalidade e a adequação perceptiva do indivíduo. Essas três variáveis foram definidas no Rorschach por consenso. Um exemplo são as respostas populares que são definidas como aquelas frequentemente mencionadas em uma prancha em determinado local. Já existem várias respostas descobertas como populares em função desse sistema de consenso. No MSCEIT todas as variáveis são corrigidas pelo consenso, como foi explicado na primeira seção. Então, parece que pode ser suposta uma correlação entre essas três variáveis e as variáveis do MSCEIT em decorrência do critério existente por trás delas. Em virtude dessa

semelhança dos sistemas de correção, espera-se que as variáveis FQ, P e Localização correlacionem-se moderadamente com o MSCEIT.

## **Inteligência Emocional e Avaliação de Desempenho**

Avaliação de desempenho é uma prática que ocorre há muito tempo. No século IV, Santo Agostinho utilizava relatórios e notas para verificar o potencial de cada um de seus jesuítas. No entanto, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que os sistemas de avaliação de desempenho expandiram-se. Nessa época, surgiram algumas indagações sobre como conhecer e medir as potencialidades do homem, sobre o que leva um indivíduo a ser mais eficiente do que outro, qual o ambiente mais adequado para o desempenho, entre outras (Chiavenato, 1999). Bergamini e Beraldo (1988) explicam que existem muitas e ao mesmo tempo poucas respostas a esse tipo de indagação, pois já se sabe como o ser humano se desenvolve, estrutura sua personalidade, quais as influências do ambiente, como modela a personalidade de acordo com a sua auto-imagem e auto-estima; no entanto, esses conhecimentos ainda não possibilitam compreender a totalidade da natureza e do comportamento humano, o que faz com que certos questionamentos continuem sem respostas.

A avaliação de desempenho é uma apreciação sistemática do desempenho e do potencial de desempenho de uma pessoa que ocupa determinado cargo. É um processo dinâmico que envolve o avaliado e seu superior, que verifica toda a conduta desse indivíduo no desempenho de sua função, e o objetivo final é detectar e resolver problemas de desempenho, melhorar a qualidade do trabalho e da vida das organizações (Chiavenato, 1999). Para Tachizawa e Scaico (1997), a finalidade da avaliação de desempenho é possibilitar uma melhor adequação do indivíduo ao cargo, solucionar problemas, efetivar promoções, proporcionar melhoria nos relacionamentos entre

superior e subordinado, estimular o auto-aperfeiçoamento, estimar potencial do indivíduo, aumentar produtividade e ter mais segurança nas decisões sobre o futuro do colaborador.

Existem três métodos básicos por meio dos quais se podem avaliar as pessoas nas organizações: (a) avaliação direta, na qual o supervisor direto faz a avaliação do seu subordinado; (b) avaliação conjunta, na qual o avaliado compartilha do momento da sua avaliação com seu superior e (c) auto-avaliação, na qual o próprio avaliado explicita seu julgamento em relação ao seu desempenho, que conseqüentemente também é avaliado por seu supervisor (Bergamini & Beraldo, 1988). Chiavenato (1999) acrescenta os métodos de *equipe de trabalho*, no qual a avaliação é feita pelos membros da equipe de trabalho, *360 graus* em que todos que de alguma forma mantêm relação profissional com o avaliado fazem o julgamento sobre ele, *para cima*, a equipe avalia a gerência e *comissão* um grupo especializado da própria organização faz as avaliações de desempenho.

No presente projeto, o método de avaliação de desempenho utilizado é o de avaliação direta. Uma pesquisa realizada por Viswevaram et al (1996 apud Arvey & Murphy, 1998) verificou a confiabilidade de avaliações de desempenho efetuadas por colegas e supervisores, apontando que estes últimos apresentam resultados mais precisos.

A avaliação de desempenho é um dos instrumentos mais objetivos e seguros para o controle da validade de um processo seletivo. Na seleção de pessoal, estima-se um desempenho futuro e, por meio da avaliação de desempenho, pode-se confirmar ou não a validade dos procedimentos seletivos (Bergamini & Beraldo, 1988). A seleção de recursos humanos pode ser comparada ao controle de qualidade na recepção da matéria-

prima e a avaliação de desempenho à inspeção na linha de montagem (Chiavenato, 1999).

De acordo com Bergamini e Beraldo (1988), o desempenho humano está diretamente ligado às diferenças individuais, que se consolidam de acordo com vários aspectos como a estrutura de personalidade, características físicas inatas e adquiridas, fatores psicológicos (intelectuais, emocionais e motivacionais) e fatores sócio culturais.

Hunter (1986) fez um levantamento da literatura sobre a inteligência como preditora do desempenho no trabalho. Os dados encontrados demonstram que a inteligência é uma excelente preditora do desempenho no trabalho com alta validade ( $r = 0,75$ ), o que pode ser explicado pelo fato de ela também prever conhecimento no trabalho ( $r = 0,80$ ), que, por sua vez, prediz desempenho no trabalho ( $r = 0,80$ ).

Pulakos, Borman e Hough (1988) propuseram dois estudos para mostrar que na classificação de um desempenho múltiplos fatores de critério podem ser identificados e que medidas preditoras de diferenças individuais podem apresentar magnitudes diferentes na previsão de critérios diferentes. O primeiro estudo com uma amostra de 267 sujeitos utilizou medidas preditoras de personalidade (*Personality Research Form – PRF*, *California Psychological Inventory – CPI* e *Multi Dimensional Personality Questionnaire – MPQ*). As medidas de critério foram avaliações de desempenho por pares e pelos supervisores, as quais eram subdivididas em três fatores: Habilidade de persuasão, Habilidade de relacionamento humano e Habilidade de organização. Os resultados demonstram que as maiores correlações encontradas foram entre Habilidade de organização e os fatores Ordem do teste PRF ( $r = 0,40$ ), o fator Realização obediente do instrumento CPI ( $r = 0,35$ ), o fator Boa impressão do teste CPI ( $r = 0,34$ ) e o fator Impulsividade do teste MPQ ( $r = -0,38$ ).

No segundo estudo, com uma amostra de 8.642 sujeitos, as medidas preditoras foram de capacidade cognitiva mensurada pelo *Armed Services Vocational Aptitude Battery* (ASVAB) (Aptidão técnica, Aptidão quantitativa, Aptidão verbal e Rapidez) e quatro testes de personalidade (Realização orientada, Dependência, Ajustamento e Condição física). As medidas de critério foram avaliações de desempenho efetuadas por pares e supervisores, subdividida em três fatores: Habilidade técnica, Esforço no trabalho e Comportamento militar. Os resultados apontaram correlações significativas da capacidade cognitiva e desempenho entre Aptidão técnica com Habilidade técnica ( $r = 0,21$ ) e Comportamento militar ( $r = -0,88$ ), Aptidão verbal e Comportamento militar ( $r = -0,19$ ). Já as maiores correlações entre testes de personalidade e desempenho ocorreram entre Realização orientada e Habilidade técnica ( $r = 0,23$ ) e Condição física e Comportamento militar ( $r = 0,27$ ). Esses dois estudos sugerem que quando preditor e critério são mais homogêneos há uma maior validade.

Murphy e Shiarella (1997) também investigaram a capacidade preditiva dos traços de personalidade e capacidades cognitivas do desempenho. Nesse trabalho, os autores fizeram uma revisão na literatura e encontraram indícios mostrando que as duas medidas juntas captam uma maior variância que não pode ser observada ao utilizar essas medidas separadas, e, portanto, esses dois preditores combinados propiciam um maior impacto na validade de baterias de seleção de pessoal. Eles estimaram, por meio de uma simulação, a validade de testes de capacidade cognitiva geral e traços de personalidade em predizer desempenho no trabalho, no qual desempenho é conceitualizado como uma medida múltipla (desempenho individual nas tarefas de trabalho e comportamentos organizacionais). A validade da bateria dos testes variou de  $r = 0,20$  a  $r = 0,78$ , tendo as medidas de capacidades cognitivas como a principal preditora.

A personalidade também foi investigada como preditora de acidentes no trabalho, causados pelo comportamento humano, critério que pode ser considerado associado ao desempenho no trabalho. Para a finalidade do estudo, utilizou-se o teste dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (*Big Five*), que avalia as dimensões de Neuroticismo, Extroversão, Abertura para experiências, Agradabilidade e Conscienciosidade. Os resultados sugerem que Agradabilidade e Conscienciosidade estão associados a um baixo número de acidentes ( $r = -0,15$  e  $r = -0,08$  respectivamente) e Neuroticismo e Abertura são correlacionados a um alto número de acidentes ( $r = 0,17$  e  $r = 0,15$ , respectivamente). Os dados sugerem que, em geral, personalidade está associada ao acidente no trabalho e que o empregador precisa considerar a personalidade em relação à segurança no trabalho (Lauver & Lê, 2001).

Hartmann, Sunde, Kristensen e Martinussen (2003) relatam outro estudo objetivando buscar a validade preditiva de traços de personalidade, avaliados pelos testes do *Big Five* e Rorschach, e capacidades cognitivas em um processo de seleção de candidatos para a força naval da Noruega. Participaram do estudo 71 candidatos selecionados para a fase de treinamento, que também era eliminatória. Os resultados indicaram que os testes de capacidade cognitiva não se correlacionaram com desempenho no treinamento. Em relação às variáveis da personalidade, as avaliadas pelo *Big Five* não se correlacionaram significativamente com o desempenho no treinamento, apenas as variáveis do Rorschach ligadas à tolerância ao estresse, à percepção da realidade, ao funcionamento cognitivo, ao ajustamento social e à estabilidade emocional tiveram correlações significativas e baixas com desempenho no treinamento.

Filizatti (2004) investigou a validade preditiva do desempenho de profissionais de diversos segmentos da indústria de medidas de capacidades cognitivas avaliadas pela

Bateria de Provas de Raciocínio 5 (BPR-5) e personalidade examinada por meio do 16PF. Os resultados apontaram uma associação positiva entre todos os subtestes da BPR-5, com avaliação de desempenho (Raciocínio abstrato  $r = 0,28$ ; Raciocínio verbal  $r = 0,20$ ; Raciocínio mecânico  $r = 0,17$ ; Raciocínio espacial  $r = 0,33$ ; Raciocínio numérico  $r = 0,26$  e Raciocínio Geral  $r = 0,32$ ). Com o teste de personalidade, a avaliação de desempenho correlacionou-se apenas com o fator B (inteligência) do 16PF ( $r = 0,39$ ). Esses dados sugerem, acordo com a literatura, que inteligência é uma variável mais importante na previsão do bom desempenho.

Os construtos inteligência e personalidade também foram estudados por Baumgartl (2004) em relação à previsão de desempenho. A autora verificou a validade dos testes Bateria de Provas de Raciocínio 5 (BPR-5), Bateria de Funções Mentais para Motorista – BFM 1 e Teste Psicodiagnóstico Miocinético – PMK para prever desempenho no trabalho, acidente no trabalho e produtividade em um grupo de eletricitários que trabalham em tarefas de alto risco. Os resultados indicaram que, em relação ao acidente de trabalho, houve correlação significativa para o grupo com menor tempo de experiência nos subtestes da BPR-5 (Raciocínio abstrato  $r = -0,39$ , Raciocínio verbal  $r = -0,37$ , Raciocínio espacial  $r = -0,42$  e Escore Geral dos Raciocínios  $r = -0,39$ ). Os subtestes atenção difusa ( $r = -0,22$ ) e omissão nos testes de atenção discriminativa ( $r = 0,26$ ) do BFM-1 e o fator agressividade do PMK ( $r = 0,28$ ) também se correlacionaram significativamente com acidentes no trabalho. A avaliação de desempenho apenas se correlacionou com o teste de atenção concentrada do BFM-1 ( $r = 0,28$ ) e números de erros no teste de atenção discriminativa do BFM-1 ( $r = -0,41$ ). Finalmente, produtividade apresentou somente correlação com número de omissões no teste de atenção discriminativa do BFM-1 ( $r = -0,52$ ) e impulsividade do PMK ( $r = 0,69$ ).

Por meio desses estudos, pode-se verificar que a avaliação de desempenho tem uma história na qual personalidade e principalmente as capacidades cognitivas são sistematicamente associadas ao bom desempenho. No entanto, também pode ser observado que as correlações significativas entre os construtos de personalidade e as capacidades cognitivas com desempenho apresentam-se baixas e moderadas explicando apenas parte da variabilidade do desempenho.

Nos anos 1990 a inteligência emocional passou a ser vislumbrada na área organizacional, como sendo uma variável imprescindível para o bom desempenho no trabalho. Isso ocorreu principalmente após o lançamento do livro de Goleman (1995), que disseminou a idéia de que, o mercado de trabalho, em mudança constante, busca profissionais que, para além da inteligência tradicionalmente definida e da formação acadêmica, e do grau de formação, possuam outras capacidades ligadas ao relacionamento pessoal. Goleman ressaltou que o indivíduo está sendo avaliado pela maneira como lida consigo e com os outros, sendo este o critério que cada vez mais é utilizado para decidir quem será contratado ou não e quem será promovido ou não.

A inteligência emocional, no meio organizacional é tão prestigiada que, hoje em dia, encontram-se cursos que ensinam como desenvolver essa capacidade e como, a partir dela, ter um futuro mais promissor. Para Roberts, Flores-Mendonza e Nascimento (2002), esse amplo interesse pode estar vinculado a uma conjectura de que as pessoas com um melhor gerenciamento de suas próprias emoções são possivelmente mais bem-sucedidas no mercado de trabalho e acabam por ter melhor qualidade de vida.

Ressalta-se que esse conceito de inteligência emocional tão propagado no cotidiano organizacional está vinculado à conotação de senso comum, que é o conceito misto da inteligência emocional, ou seja, aquela concepção que a confunde com traços positivos de personalidade, variáveis de bem-estar entre outros construtos já conhecidos

pelas teorias de personalidade. No entanto, não há pesquisas substanciais que sustentem a hipótese da inteligência emocional como melhor preditora do desempenho no trabalho que medidas tradicionais de inteligência.

O presente trabalho segue uma linha diferente, mais freqüentemente referida no meio científico, na qual a inteligência emocional é explorada como capacidade cognitiva e com afirmações menos pretensiosas, embasadas sempre em dados empíricos. Nesse sentido, duas referências tratam da eficácia da inteligência emocional como preditora do desempenho profissional. Uma já citada na primeira seção (Cobêro, 2004), na qual a autora conclui que inteligência emocional contribui para a predição do desempenho profissional, mas deve-se utilizar esse achado com ressalvas, pois houve correlação apenas em uma das duas áreas que compõem a inteligência emocional.

Outro estudo foi realizado por Bedwell (s.d), com os objetivos de verificar a validade de uma medida de inteligência emocional de auto-relato para predizer desempenho no trabalho e o quanto de variância ela soma sobre medidas tradicionais de personalidade. Participaram do estudo 66 indivíduos responsáveis pelo suporte social e emocional de pessoas portadoras de deficiências mentais e físicas. Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Julgamento Emocional – EJI (avalia inteligência emocional por auto-relato), o Questionário de 16 Fatores de Personalidade – 16PF (avalia traços da personalidade) e Avaliação de Desempenho dos funcionários preenchida pelos supervisores. Os resultados demonstraram correlações positivas e significativas entre a Avaliação de desempenho geral e as escalas do EJI Consciência emocional ( $r = 0,25$ ). Identificação das emoções nos outros ( $r = 0,26$ ), Usando a emoção para resolver problemas ( $r = 0,24$ ) e Expressando emoções ( $r = 0,30$ ). Com o 16 PF o fator Ansiedade foi o que apresentou mais correlações significativas com os fatores Profissionalismo ( $r = -0,26$ ), Controle emocional ( $r = 0,24$ ) e Disciplina ( $r = -$

0,24) da Avaliação de Desempenho. A análise de regressão efetuada indicou que inteligência emocional possui validade incremental para Avaliação de Desempenho. Os autores concluem que inteligência emocional é provavelmente mais relevante para trabalho, no qual há uma intensa ou crônica relação interpessoal.

Os autores Caruso e Wolf (2001) também testemunham a importância da inteligência emocional no ambiente de trabalho a partir de suas experiências práticas como consultores organizacionais. Descrevem que utilizam os escores dos testes de inteligência emocional, principalmente o modelo de quatro fatores Mayer-Salovey (identificação das emoções, usando emoções para facilitar o pensamento, compreensão das emoções e administração das emoções), para compreenderem melhor essas capacidades e suas relações com a satisfação e o desempenho com os tipos de trabalho. Respaldam suas intervenções em treinamentos sobre relações interpessoais, procurando desenvolver a inteligência emocional, verificando que essas capacidades ajudam a resolver determinados problemas como o relacionamento de uma equipe. Em suas consultorias, os autores fazem uso de outros instrumentos, como o de personalidade, mas alertam que estes apenas proporcionam informações sobre o que o indivíduo pensa sobre si; já os testes de inteligência emocional informam quais habilidades fundamentais, problemas e potenciais, a pessoa possui atualmente. Os autores acreditam que inteligência emocional oferece uma nova perspectiva dentro do desenvolvimento de carreiras, seleção de pessoal, equipes e desenvolvimento de líderes.

Mayer e Salovey (1997) rejeitam a idéia de que inteligência emocional seja fundamental em todos os aspectos da nossa vida, mas acreditam que ela pode ser importante em áreas como liderança, desenvolvimento de carreiras, desenvolvimento de gerência, eficácia da equipe e vida profissional em geral. Os autores ainda afirmam que inteligência emocional pode realçar os resultados no trabalho, mas, em contrapartida, a

ausência dela não leva necessariamente a insucessos. Reconhecem que alguns trabalhos requerem um nível mais elevado de inteligência emocional do que outros e até consideram a possibilidade de que em alguns a inteligência emocional pode ser uma desvantagem. O trabalho do policial militar, que é a população aqui estudada, parece requerer um nível maior de inteligência emocional, principalmente em relação ao gerenciamento das emoções, pois o policial precisa ter controle das emoções, administrar as emoções para poder comportar-se eficientemente em ambientes com contingências adversas, perigosas e até com risco de vida.

Como já visto, a avaliação de desempenho também tem o objetivo de verificar se o que foi previsto na seleção de pessoal em relação aos comportamentos futuros do indivíduo é de fato perpetuado no dia-a-dia, no desempenho da sua função. Dessa forma a avaliação de desempenho serve para verificar se os procedimentos utilizados na seleção de pessoal, como baterias de testes psicológicos, estão realmente contribuindo para a previsão do comportamento futuro.

Na seleção de policiais militares são utilizados procedimentos de avaliação médica, física e psicológica, abarcando testes e entrevista. Na avaliação psicológica, normalmente são utilizados testes de capacidades cognitivas, habilidades psicomotoras e traços de personalidade. Testes de inteligência emocional não são utilizados, porque não existem testes aprovados para uso no Brasil. A presente pesquisa pretende buscar evidência de validade do MSCEIT em relação à sua predição no desempenho profissional de policiais militares e assim contribuir, caso os dados sejam favoráveis, para que um dia o teste de inteligência emocional possa ser utilizado no processo de seleção.

## OBJETIVOS

Ao longo da introdução procurou-se mostrar as questões que se pretende investigar, o porquê estudá-las e qual a trajetória que será percorrida para tentar responder e compreender melhor tais questões. Para uma maior clareza quanto à finalidade deste presente projeto, buscou-se organizar a seguir os objetivos e questões que serão explorados.

Ao longo desses quinze anos do construto de inteligência emocional, muitas questões foram e continuam a ser levantadas, e várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas com a finalidade de compreender se esse construto é realmente um novo tipo de inteligência. Algumas pesquisas demonstram dados sustentando que inteligência emocional é uma forma de inteligência, já outros trabalhos apontam resultados que conduzem a cautela quanto a esse posicionamento.

Outro questionamento fortemente discutido, diz respeito à inteligência emocional ser apenas um novo rótulo para traços de personalidade já existentes, como Agradabilidade da Teoria dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Correlações encontradas entre inteligência emocional e alguns traços de personalidade não necessariamente apontam sobreposição de construtos. Tais resultados, na verdade, podem sugerir que há um construto comum no qual inteligência emocional e traços de personalidade, como Agradabilidade, se assemelham.

Ao lado dessas discussões, também há as pesquisas que exploram a contribuição da inteligência emocional para áreas da vida, como a educacional, as relações interpessoais e profissional. No entanto, ainda são necessárias mais pesquisas que colaborem para o entendimento da inteligência emocional e de sua influência na vida das pessoas.

O objetivo que conduz este trabalho é a busca de evidências de validade com outras variáveis para o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test*. O procedimento de validade será o teste-critério com o Método das Manchas de Tinta do Rorschach que avalia personalidade e com a Avaliação de Desempenho dos Policiais Militares.

Esses estudos de evidências de validade permitirão verificar o grau de associação entre inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT e variáveis do funcionamento da personalidade descritas no teste do Rorschach, bem como averiguar o quanto a inteligência emocional consegue prever desempenho em policiais militares. Em relação ao Rorschach, também serão analisadas com o MSCEIT três variáveis (Localização, Respostas Populares e Qualidade Formal), por apresentarem métodos de correção semelhantes ao MSCEIT. Basicamente, são essas questões que nortearão o presente projeto, procurando confirmar ou refutar as hipóteses do trabalho.

## **Geral**

Investigar evidências de validade com base na relação com outras variáveis do *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT).

## **Específicos**

- Verificar evidências de validade teste-critério, correlacionando as variáveis do Rorschach com os fatores da inteligência emocional;
- Verificar a evidência de validade teste-critério por meio da Avaliação de Desempenho;

- Verificar a evidência de validade incremental para o teste de inteligência emocional em prever desempenho.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram do presente estudo 80 policiais militares, 40 policiais de uma cidade situada no interior e outros 40 da capital do estado de São Paulo. Desses participantes, 78,8% são do sexo masculino. A idade média foi de 30,11, com desvio padrão de 7,40, sendo que a idade mínima foi de 20 anos e a máxima de 47 anos.

### Material

*Mayer, Salovey, Caruso Emotional Intelligence Test-MSCEIT v.2.0 (Mayer, Salovey, Caruso, 2002b).*

O MSCEIT é uma medida da inteligência emocional por meio de desempenho máximo, projetado para produzir um resultado geral de inteligência emocional, bem como resultados para as facetas de Percepção, Facilitação, Compreensão e Gerenciamento (Bar-on & Parke, 2002).

O MSCEIT é uma escala recentemente desenvolvida com 141 itens designados para avaliar a inteligência emocional em quatro capacidades específicas, que são denominadas facetas: (a) Percepção das emoções, (b) Facilitação do pensamento, (c) Compreensão das emoções e (d) Gerenciamento das emoções. As duas primeiras habilidades correspondem à área Experiencial da inteligência emocional, as duas últimas formam a área Estratégica da inteligência emocional. Cada uma das quatro habilidades é medida com dois subtestes. Percepção das emoções é mensurada pelos subtestes Faces e Figuras, Facilitação do pensamento é mensurada pelos subtestes Sensação e Facilitação, Compreensão da emoção é mensurada pelos subtestes Transição

e Mistura e a capacidade de Gerenciamento das emoções é mensurada pelos subtestes Administração das emoções e Relações emocionais. A Tabela 1 sumariza essas informações.

**Tabela 1.** Organização dos subtestes do MSCEIT.

ESCALA GERAL	ÁREA	FACETA	SUBTESTE	SEÇÃO
Inteligência Emocional	Experiencial (IEE)	Percepção das emoções	Faces	A
			Paisagem	E
		Facilitação do pensamento	Facilitação	B
			Sensações	F
	Estratégica (IES)	Compreensão das emoções	Transições	C
			Misturas	G
		Gerenciamento das emoções	Administração das emoções	D
			Relações emocionais	H

O subteste Faces é composto por quatro grupos de itens com cinco respostas cada. Os participantes vêem várias faces e para cada uma respondem numa escala de cinco pontos, indicando o grau que determinada emoção está presente na face. O subteste Figuras é formado por seis grupos com cinco respostas cada, nas quais o indivíduo indica, numa escala de cinco pontos discriminada com faces de emoção, o quanto cada uma delas está presente em certa paisagem ou desenho abstrato. O subteste Sensação consta de cinco grupos de tarefas com três respostas cada. As respostas criam uma emoção e associam uma sensação a essa emoção, por exemplo, criam uma situação com sentimento de culpa, e a pessoa tem de decidir o quanto isso se parece com as

sensações doce ou amargo. O subtteste Facilitação apresenta cinco grupos de itens com três respostas cada, e o participante julga qual seria a emoção que poderia ajudar a pensar em soluções para determinada situação, por exemplo, o quanto a emoção raiva ajudaria na composição de uma marcha militar. O subtteste Misturas é composto por 12 itens, que solicitam do participante quais emoções podem ser combinadas para formar outra emoção, por exemplo, perguntam qual emoção resultaria da combinação de aceitação e preocupação. O subtteste Transição é composto por 20 itens, nos quais os participantes escolhem qual emoção se seguiria da seqüência apresentada, por exemplo, a depressão em razão do aumento da intensidade de tristeza. O subtteste Administração de emoções é formado por cinco grupos de itens com quatro respostas cada, nos quais os participantes julgam as ações que são mais efetivas para obter ou manter um estado emocional em determinada situação. Por fim, o subtteste Relações emocionais é constituído por três grupos de itens com três respostas cada, nos quais a pessoa julga qual ação seria mais efetiva para controlar os sentimentos de outra pessoa.

A correção utilizada nesta pesquisa para o MSCEIT é derivada do sistema de consenso dos sujeitos que responderam ao teste. Nesse critério, a pontuação dada a cada alternativa corresponde à porcentagem de sujeitos que escolheram aquela alternativa. Então, se um indivíduo responder a uma alternativa que 90% do grupo escolheu, essa pessoa ganha 0,9 a esse item (Bueno, 2002). Para a correção foi usado um programa desenvolvido por Miguel (no prelo), que faz a correção informatizada a partir do banco de dados adotando esse sistema de consenso. Na época em que foi feita a correção, o consenso foi calculado a partir da resposta de mais de 1.000 sujeitos do banco de dados do MSCEIT do Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional (LabAPE) da Universidade São Francisco. Esses dados provêm do projeto mais amplo, do qual essa

dissertação faz parte, ligado ao desenvolvimento e validação de novos instrumentos de avaliação da inteligência.

***Método das Manchas de Tinta do Rorschach - Sistema compreensivo (Exner, 1995)***

O método do Rorschach é utilizado para avaliar características relativas a organização e ao funcionamento da personalidade. As áreas globais que ele abrange na avaliação são: Processamento cognitivo (como o indivíduo capta as informações exteriores); Mediação (como o indivíduo traduz, percebe a informação captada); Ideação (diz respeito à elaboração da informação captada e traduzida); Afeto (como as emoções interferem no funcionamento mental); Autopercepção (conceitos e atitudes que o indivíduo constrói sobre si e o que faz em relação ao seu autoconhecimento e autoavaliação); Relações interpessoais (necessidades, atitudes, preconceitos e estilos de respostas que o indivíduo mantém nos seus relacionamentos); Índice de controle e tolerância ao estresse (são as habilidades e os recursos disponíveis que o indivíduo possui para atuar de maneira eficaz para si mesmo); Estresse situacional (aponta para algum momento atual de estresse que o indivíduo esteja experienciando) e constelações de indicadores psicopatológicos (são agrupamentos de variáveis que sinalizam indícios de esquizofrenia, depressão, déficit relacional, hipervigilância, estilo obsessivo e suicídio)(Exner & Sendín, 1998).

O Rorschach é composto de dez pranchas que contêm manchas de tintas, nas quais o examinando deve falar com o que se parecem, explicar onde está localizada a figura que observou e que característica do estímulo fez parecer aquilo que viu. Na aplicação também é utilizada uma folha de localização das respostas (Exner, 1995; Exner & Sendín, 1998; Weiner, 2000). Para a análise das classificações do Rorschach foi utilizado o software *Rorschach Interpretation Assistance Program* (RIAP)

disponível aos pesquisadores do LabAPE. A precisão das medidas obtidas para as variáveis do Rorschach para esse estudo foi apresentada em mais detalhes na seção de resultados.

### ***Escala de Avaliação do Desempenho dos Policiais.***

A Escala de Avaliação de Desempenho dos Policiais foi inicialmente desenvolvida para avaliar o desempenho de guardas municipais para outro estudo de validade do Rorschach elaborado no LabAPE (Lima & Primi, 2004). Na criação dos itens, houve a contribuição de um comandante da Guarda-Municipal. Essa escala é subdividida em duas partes. A primeira é composta por 19 itens relacionados a características consideradas desejadas e indesejadas para o desempenho da função de guarda municipal. Foi instituída uma escala de 1 a 4 na qual 1 refere-se à ausência de comportamento, 2 a comportamento pouco freqüente, 3 a comportamento freqüente e 4 a comportamento muito freqüente. A segunda parte são itens que listam 24 ocorrências negativas que podem acontecer no exercício da função desses guardas. Esse instrumento constou de uma escala de 0 a 1, na qual 0 se refere à ausência da ocorrência e 1 se refere à presença da ocorrência (ver Anexo 2).

Para esse instrumento foi feito um estudo de precisão, obtido por meio das avaliações de desempenho de 27 guardas-municipais, respondidas por dois superiores da Guarda. A precisão entre os avaliadores foi de  $r = 0,81$  ( $p = 0,0001$ ) para o instrumento total e  $r = 0,66$  ( $p = 0,0001$ ) para os itens relacionados a características de comportamento e  $r = 0,86$  ( $p = 0,0001$ ) para os itens que se referem às ocorrências (Primi, Petrini, Lima, Nascimento & Cruz, no prelo).

## Procedimento

Primeiramente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade São Francisco. Após a aceitação do comitê, houve o contato com superiores da Polícia Militar dos locais onde os dados da pesquisa foram coletados, para expor a finalidade do estudo. Em seguida, junto com os superiores dos policiais que participaram da pesquisa, foi analisado se a Avaliação de Desempenho elaborada para os guardas municipais adequava-se para o contexto dos policiais militares. Essa verificação indicou que a escala era adequada. Na sequência, os superiores avaliaram os policiais de seu comando.

A segunda etapa consistiu na aplicação coletiva do *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) nos policiais participantes. A terceira etapa foi a aplicação individual do método de Rorschach. Com os dados coletados foram feitas as análises da pesquisa. Ressalta-se que as etapas 2 e 3 só ocorreram depois do consentimento dos policiais voluntários participantes da pesquisa e da assinatura do Termo de Consentimento (ver anexo 1).

Ressalta-se que para o método de Rorschach, foi feita uma análise de precisão das classificações dos protocolos dos sujeitos. Essa precisão foi às cegas, entre avaliadores peritos no método compreensivo do Rorschach. Para isso foram escolhidos aleatoriamente 16 protocolos do Rorschach, já classificados pela autora da presente pesquisa. O passo seguinte foi entregar oito protocolos a um avaliador e outros oito a outro avaliador, sem que eles soubessem da classificação já existente. Após a classificação desses avaliadores, foi feita uma análise de concordância por frequência simples para as variáveis do Rorschach utilizadas nas hipóteses da presente pesquisa. Como foram dois avaliadores, as análises de concordância foram feitas separadas e depois somadas e divididas por dois. Por exemplo, entre o Avaliador 1 a autora da

pesquisa, a variável FC obteve concordância de 64% e entre a autora e o Avaliador 2 a concordância foi de 100% então somou-se esses resultados e fez-se a divisão por dois, obtendo assim, a precisão de 82% para a variável FC.

## **Hipóteses**

Em decorrência do problema de pesquisa e dos objetivos anteriormente citados estabeleceram-se as seguintes hipóteses:

1. As variáveis do Rorschach EB-Extratensivo,  $FC > CF + C$ , Quociente Afetivo (Afr), Índices D e Dajustado que denotam maior interação entre cognição e emoção de forma adequada possuem correlação significativa positiva e baixa com os fatores da inteligência emocional. As variáveis do Rorschach EB-Introvertivo, Cor Acromática ( $FC'$ ,  $C'F$  e  $C'$ ), CDI, Sombreado Difuso (FY, YF e Y) e Movimento Inanimado (m) que denotam maior interação entre emoção e cognição de maneira inadequada apresentam correlação significativa negativa e baixa com os fatores da inteligência emocional.
2. As variáveis do Rorschach (FQ, Localização e P), apresentam correlação significativa moderada com o teste do MSCEIT.
3. Indivíduos com maior capacidade de inteligência emocional apresentam melhores pontuações nas avaliações de desempenho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados procurando responder a três hipóteses levantadas nesse trabalho. Esta parte inicia-se com os resultados referentes a verificação da Hipótese 1, a saber:

- As variáveis do Rorschach EB-Extratensivo,  $FC > CF + C$ , Quociente afetivo (Afr), Índices D e Dajustado que denotam maior interação entre cognição e emoção de forma adequada possuem correlação significativa positiva e baixa com os fatores da inteligência emocional. As variáveis do Rorschach EB-Introvertido, Cor Acromática, CDI, Sombreado Difuso e Movimento Inanimado que denotam maior interação entre emoção e cognição de maneira inadequada apresentam correlação significativa negativa e baixa com os fatores da inteligência emocional.

Antes de iniciar a apresentação dos dados, serão mostradas as estatísticas descritivas e a precisão das variáveis de interesse referentes a essa hipótese, para que se possa ter uma melhor compreensão das variáveis trabalhadas. No caso das variáveis da inteligência emocional, também será apresentada a análise fatorial investigando a estrutura interna dos testes do MSCEIT.

A Tabela 2 mostra as estatísticas descritivas dos subtestes da inteligência emocional. As estatísticas do escore inteligência emocional geral (IE) e das facetas não serão apresentadas, pois se optou por trabalhar apenas com os subtestes, uma vez que tanto a IE quanto as facetas são somatórias dos subtestes, consistindo, portanto, em informações redundantes.

**Tabela 2.** Estatísticas descritivas dos subtestes da inteligência emocional.

	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Faces	38,12	8,52	17,75	51,77
Paisagem	41,74	6,92	13,22	51,38
Facilitação	41,56	7,71	14,08	53,01
Sensação	35,83	8,98	14,65	49,74
Transição	39,61	5,84	20,79	50,21
Mistura	37,66	6,89	17,73	50,39
Gerenciamento	39,03	8,05	10,82	49,50
Relações	36,24	8,44	12,65	48,53

Todos os itens dos subtestes possuem pontuação mínima de 0 e máxima de 100 definidas a partir do consenso que indica a porcentagem de pessoas que deram a mesma resposta. Apesar dos subtestes apresentarem número de itens diferentes, para compor a nota, soma-se a pontuação do sujeito em cada item e tira-se a média. Por isso, pode-se fazer comparações entre os subtestes com números de itens diferentes para se verificar, por exemplo, qual subteste foi mais fácil ou mais difícil.

Pela Tabela 2 pode-se observar que a menor média foi no subteste Sensação ( $M = 35,83$  e  $DP = 8,98$ ), tendo os indivíduos pontuados no mínimo 14,65 e no máximo 49,74. O subteste Paisagem demonstra a maior média, 41,74 com desvio padrão de 6,92, e a pontuação mínima apresentada foi 13,22 e a máxima 51,38. Com esses dados das médias e desvios padrões verifica-se que nessa amostra o subteste Sensação é considerado o mais difícil, e o subteste Paisagem o mais fácil, já que em Sensação a média é baixa e o desvio padrão, que é a variabilidade de respostas dos sujeitos, é maior, ao contrário do subteste Paisagem, com maior média e pouca variabilidade.

Os dados dessa amostra foram comparados com as estatísticas descritivas de um banco de dados da inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT composto de 1.087 sujeitos. Essa comparação foi realizada a fim de verificar se as medidas de tendência central e de variabilidade na amostra da presente pesquisa mantêm-se semelhantes aos

dados mais gerais. A Tabela 3 apresenta as estatísticas descritivas desse banco de dados da inteligência emocional, referentes ao teste MSCEIT.

**Tabela 3.** Estatísticas descritivas do banco geral da inteligência emocional.

	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Faces	39,24	8,31	11,5	53,8
Paisagem	38,38	9,29	8,2	52,6
Facilitação	40,78	8,51	11,2	60,5
Sensação	35,33	8,91	12,1	51,0
Transição	40,07	6,94	12,3	53,2
Mistura	36,26	7,99	9,8	50,5
Administração	36,06	9,28	7,0	51,3
Relações	33,06	9,69	7,8	48,7

Os dados da Tabela 3 mostram que, para essa amostra de 1.087 sujeitos, o subteste Relações obteve menor média ( $M = 33,06$  e  $DP = 9,69$ ) com pontuação mínima de 7,8 e máxima de 48,7. Já o subteste Facilitação apresentou a maior média ( $M = 40,78$  e  $DP = 8,51$ ), com pontuação mínima de 11,2 e máxima de 60,5. Verifica-se que nessa amostra do banco geral, Relações foi o subteste mais difícil e Facilitação o mais fácil. Os resultados entre as duas amostras foram diferentes; no entanto, Sensação foi o segundo subteste mais difícil para a amostra geral, assim como Relações foi o segundo mais difícil para a amostra dessa pesquisa, bem como Paisagem foi o terceiro subteste mais fácil da amostra geral e Facilitação o segundo mais fácil para a presente amostra. Considerando a disparidade do número de sujeitos entre uma amostra e outra, os resultados podem ser ponderados como praticamente similares. Outro aspecto que deve ser ressaltado é que a presente amostra é mais homogênea, a maioria homens e todos policiais militares, enquanto a amostra geral é mais heterogênea quanto ao sexo e às ocupações profissionais.

A Tabela 4 traz as estatísticas descritivas das variáveis do Rorschach utilizadas para a pesquisa, sendo que algumas fazem parte da Hipótese 1 (EB-Extratensivo,

FC,CF,C, Afr, Nota D, Nota Dajustado, EB-Introversivo, FC', C'F , C', CDI, FY, YF, Y e m) e outras da Hipótese 2 (W, D, Dd, FQ+, FQo, FQu, FQ-, FQnone, FQf+, FQfo, FQfu, FQf-).

Com relação às variáveis do Rorschach não faz sentido discutir qual a variável obteve menor ou maior média, assim como é incorreto falar de itens mais fáceis ou mais difíceis, porque não é um teste de desempenho máximo, no qual averiguamos o quanto o indivíduo sabe ou não resolver uma tarefa. O Rorschach é um método projetivo para verificar o funcionamento da personalidade de um indivíduo, e, por isso, as variáveis não são tratadas como certas ou erradas, são avaliadas para compreender o funcionamento da personalidade, que é único a cada sujeito.

**Tabela 4.** Estatísticas descritivas das variáveis do Rorschach selecionadas para estudo da Hipótese 1.

Variáveis do Rorschach	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
m	0,46	0,71	0,00	3,00
FC	2,25	2,19	0,00	13,00
CF	0,47	1,00	0,00	7,00
C	0,03	0,18	0,00	1,00
FC'	1,69	1,70	0,00	8,00
C'F	0,06	0,23	0,00	1,00
C'	0,01	0,11	0,00	1,00
FY	1,29	1,68	0,00	9,00
YF	0,02	0,15	0,00	1,00
Y	0,01	0,11	0,00	1,00
P	3,58	1,81	0,00	8,00
Afr	0,54	0,20	0,21	1,14
Nota_D	-3,39	4,21	-19,00	7,00
Nota Dajustada	-2,52	3,66	-16,00	7,00
EB introversivo	0,40	0,49	0,00	1,00
EB extratensivo	0,15	0,36	0,00	1,00
W	6,71	4,20	0,00	22,00
D	9,20	5,03	0,00	30,00
Dd	4,39	3,87	0,00	26,00
S	1,43	1,52	0,00	7,00
FQ+	0,00	0,00	0,00	0,00
FQo	9,70	3,08	3,00	18,00
FQu	7,91	4,33	1,00	25,00
FQ-	2,63	2,29	0,00	12,00

Variáveis do Rorschach	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
FQnone	0,07	0,25	0,00	1,00
FQf+	0,00	0,00	0,00	0,00
FQfo	4,11	2,08	0,00	10,00
FQfu	3,30	2,32	0,00	10,00
FQf-	1,34	1,41	0,00	7,00
CDI	0,69	0,47	0	1

Apesar da idiosincrasia do Rorschach, as estatísticas descritivas para esse método, assim como em qualquer teste psicológico, ajudam verificar as diferenças e igualdades normativas entre amostras. Dessa forma para fazer essa comparação e verificar o comportamento das variáveis do Rorschach nessa pesquisa, em relação a outro dado amostral, a Tabela 5 apresenta as estatísticas descritivas das mesmas variáveis selecionadas advindas de um estudo normativo para o sistema compreensivo do Rorschach para o estado de São Paulo (Nascimento, 2002). Essa amostra foi composta por 200 indivíduos, ambos os sexos, com idade de 17 a 65 anos, de todos os estados civis e grau de escolaridade, de diferentes níveis socioeconômicos, com diversificadas profissões e ocupações e que não apresentavam queixa ou estivessem em tratamento psicológico ou psiquiátrico.

**Tabela 5.** Estatísticas descritivas das variáveis do Rorschach para a população do estado de São Paulo (Nascimento, 2002).

Variáveis do Rorschach	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
m	1,39	1,39	0,00	0,00
FC	1,37	1,53	0,00	8,00
CF	0,89	1,09	0,00	5,00
C	0,36	0,74	0,00	4,00
SumC'	1,13	1,29	0,00	6,00
SumY	1,78	2,08	0,00	13,00
P	4,08	1,79	0,00	9,00
Afr	0,56	0,26	0,20	1,75
Nota D	-1,07	1,57	-7,00	4,00
Nota Dajustada	-0,50	1,25	-6,00	6,00
W	7,69	4,00	0,00	0,00
D	8,72	4,52	0,00	27,00
Dd	4,00	3,31	0,00	19,00
S	1,77	1,73	0,00	10,00
FQ+	0,19	0,46	0,00	2,00
FQo	8,70	3,44	3,00	23,00
FQu	6,15	3,45	1,00	22,00
FQ_	5,06	2,75	0,00	16,00
FQnone	0,31	0,78	0,00	6,00

As variáveis FC', C'F, C'e FY, YF, Y foram somadas no estudo normativo para o estado de São Paulo e são apresentadas com as siglas SumC' e SumY. As variáveis EB introversivo, EB extratensivo, FQf+, FQfo, FQfu e FQf- foram criadas para este trabalho; por isso, não aparecem na Tabela 5 com os dados normativos para o estado de São Paulo. Já o CDI é apresentado para a amostra do estado de São Paulo como porcentagem de casos positivos (45%), para o atual trabalho interpreta-se a média como a porcentagem de sujeitos para os quais o índice CDI foi atribuído (69%).

Ao comparar as variáveis da amostra da presente pesquisa com os dados normativos do estado de São Paulo, verifica-se uma disparidade considerável para mais ou para menos nas médias das variáveis. As diferenças que mais chamam a atenção são em relação às variáveis ligadas ao controle do estresse, ou seja, as Notas D e Dajustado. Na pesquisa efetuada para os dados normativos do estado de São Paulo, essas notas

apresentaram médias negativas e abaixo da população americana, levando a autora a interpretar que a população do estado de São Paulo está “vivenciando um clima de estresse e insegurança” (p.130). As médias das Notas D e Dajustada encontradas na presente pesquisa foram ainda mais negativas e baixas; portanto, se essa interpretação for seguida, esse dado indica que os policiais militares também estão vivenciando um clima de estresse ainda maior do que a população de São Paulo, e não demonstram recursos para lidarem com essa situação.

Com relação às precisões, tanto das variáveis da inteligência emocional quanto do Rorschach, também serão apresentados apenas os coeficientes das variáveis que foram utilizadas nas hipóteses do estudo. A precisão tem a ver com a consistência interna dos itens em relação a determinada escala, ou seja, esse índice mostra o quanto os itens formam uma escala precisa ao avaliar um determinado construto. De acordo com a resolução nº 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta o uso dos testes psicológicos no Brasil, a precisão mínima para um teste ser aprovado para utilização é de 0,60. A seguir serão apresentadas as precisões dos subtestes do teste de inteligência emocional MSCEIT. Tais precisões foram calculadas pelo alfa de Cronbach (Tabela 6).

**Tabela 6.** Precisão dos subtestes da inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT.

Subtestes do MSCEIT	Alfa
Faces	0,77
Figuras	0,82
Facilitação	0,62
Sensação	0,76
Transição	0,48
Mistura	0,45
Administração das emoções	0,79
Relações emocionais	0,58

Pela Tabela 6, verifica-se que três subtestes (Transição, Mistura e Relações emocionais) não alcançam o padrão da precisão especificado pela resolução nº 002/2003. No entanto, os subtestes Transição e Mistura formam a faceta Conhecimento Emocional da inteligência emocional e esta faceta apresenta precisão de 0,64. O mesmo ocorre com o subteste Relações emocionais, que com o subteste Administração das emoções formam a faceta Gerenciamento das Emoções, sendo que esta faceta apresenta precisão de 0,80. As outras duas facetas, Percepção das Emoções, que é a junção dos subtestes Faces e Figuras, e a faceta Facilitação do Pensamento, que soma os subtestes Facilitação e Sensação, apresentam respectivamente as precisões de 0,83 e 0,79. O escore geral de inteligência emocional indica o coeficiente de precisão é de 0,90.

De modo geral, a precisão é afetada pelo número de itens de tal forma que, quanto maior for a quantidade de itens, maior tenderá a ser o coeficiente de precisão, desde que os novos itens sejam adequados e se correlacionem com os outros itens da escala. Conforme os subtestes se agrupam para formarem as facetas, e bem como as facetas se agrupam para formar os escores amplos de áreas, os coeficientes de precisão aumentam. Com isso, pode-se dizer que os subtestes Transição, Mistura e Relações, apesar de sozinhos não obterem boas precisões, ao se unirem com outros subtestes para formarem os escores das facetas, apresentam informações úteis para que esses escores agregados atinjam a valores mais adequados.

As precisões verificadas para o MSCEIT referentes ao escore geral, às áreas, às facetas e aos subtestes neste estudo são semelhantes aos dados encontrados na pesquisa realizada por Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios (2003), os quais procuraram investigar a precisão desse teste, tanto pelo sistema de correção por consenso quanto por especialistas. Os autores constataram que os escores do MSCEIT, assim como suas subdivisões, corrigidos pelo método por especialista apresentaram maior precisão,

porém muito próximas às precisões por consenso. Outros estudos que procuraram verificar a precisão do MSCEIT também utilizaram o sistema de correção por consenso e as precisões obtidas foram semelhantes ao coeficiente aqui encontrado da inteligência emocional geral (Dantas, 2004; Jesus Jr. 2004). Como não há diferença significativa entre um método e outro, e as pesquisas pelo método de consenso obtiveram precisões parecidas, nesse estudo, a opção pelo método de consenso foi escolhida em função da praticidade, pois o LabAPE possui um programa de correção elaborado por Miguel (2005) como parte do projeto geral com esse instrumento desenvolvido no laboratório.

A Tabela 7 mostra as precisões das variáveis do Rorschach utilizadas nas hipóteses do estudo. Por ser um método projetivo e não possuir respostas certas ou erradas e ainda necessitar de julgamentos complexos no processo de avaliação, a precisão adotada aqui foi a precisão por avaliadores, na qual alguns protocolos são aleatoriamente escolhidos e duas pessoas capacitadas a avaliar o Rorschach o codificam sem que uma saiba das codificações da outra. Com esses dados em mãos, compara-se as codificações e verifica-se a porcentagem de concordância em cada variável. Pode-se adotar também o coeficiente Kappa, que é um coeficiente de concordância. Na presente pesquisa optou-se por fazer uma frequência simples de concordância.

**Tabela 7.** Precisão das variáveis do Rorschach.

Variáveis Rorschach	Concordância %
Loc	88,39
FQ	73,28
P	76,5
FC	82,15
CF	58,34
C	50
FC'	85,71
C'F	Essa variável não ocorreu
C'	50
FY	61,11
YF	Essa variável não ocorreu
Y	Essa variável não ocorreu
m	58,34

Os dados da presente pesquisa em relação às variáveis do Rorschach EB extratensivo, EB introversivo, Afr e CDI, não entraram no cálculo da concordância para precisão, pois são derivadas de outras variáveis do Rorschach a partir de fórmulas específicas. Índices de precisão entre avaliadores iguais ou maiores do que 0,80 são considerados adequados; no entanto, para pesquisas, os índices acima de 0,70 já são aceitáveis. Das variáveis estimadas na Tabela 7, observa-se que quatro delas estão com índices de precisão abaixo do esperado. Esse dado alerta que os resultados da presente pesquisa contendo tais variáveis devem ser considerados com cautela. Apesar do CFP aceitar precisões com o mínimo de 0,60, sabe-se que, para um teste ser mais confiável, os coeficientes deveriam ser maiores que 0,80 (Groth-Marnat, 1997)

Ressalta-se que a precisão das variáveis do Rorschach feita nesta pesquisa, diz respeito à fidedignidade dos dados da pesquisa e não necessariamente os dados de precisão do sistema de codificação. Essa análise de precisão se faz necessária, para que se torne possível verificar em que medida as codificações produzidas em um determinado estudo estão de acordo com os procedimentos classificação prescritos pelo sistema e, portanto, em que medida dos dados da presente pesquisa são confiáveis.

Com relação à inteligência emocional, foi feita uma análise fatorial exploratória a fim de verificar em quantos fatores os oito subtestes se dividiriam. O teste MSCEIT foi construído fundamentando-se nas quatro capacidades da inteligência emocional: Percepção da emoção, Facilitação do pensamento, Conhecimento emocional e Gerenciamento da emoção, que no teste são denominadas facetas. Dessa forma o teste é formado por oito subtestes, em que cada grupo de dois subtestes avalia um tipo de capacidade.

No estudo de Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios (2003), a análise fatorial confirmatória sustentou os modelos de um, dois e quatro fatores, ou seja, o modelo de um fator apresenta cargas altas dos oito subtestes da inteligência emocional, o modelo de dois fatores divide as facetas em duas áreas: Experiencial (Percepção e Facilitação) e Estratégica (Compreensão e Gerenciamento); o modelo de quatro fatores organiza os subtestes em quatro grupos, cada um referente a uma capacidade da inteligência emocional.

Contudo, estudos recentes vêm mostrando que o teste se divide somente em dois fatores, de acordo com as áreas da inteligência emocional, e não com relação às capacidades (Cobêro, 2004; Dantas, 2004; Jesus Jr., 2004). Essas áreas se referem à parte Experiencial da inteligência emocional, composta pelas facetas Percepção da emoção e Facilitação do pensamento e a parte Estratégica formada pelas facetas Conhecimento emocional e Gerenciamento da emoção. A Tabela 8 mostra os fatores extraídos da análise fatorial.

**Tabela 8.** Fatores extraídos da inteligência emocional.

Subtestes do MSCEIT	Fatores	
	1	2
Relações	0,73	-0,11
Administração	0,72	-0,01
Paisagem	0,67	-0,08
Sensação	0,62	0,24
Facilitação	0,61	0,23
Transição	-0,03	0,87
Mistura	-0,05	0,82
Faces	0,32	0,47

A análise fatorial foi extraída por componentes principais e por meio da rotação Oblimin que sugere correlação entre as variáveis. A medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin foi igual à 0,79 e o teste de esfericidade de Bartlett indicou que a matriz de correlação não é uma matriz identidade. Nessa análise, foram extraídos dois fatores com eigenvalues maiores que um, explicando 53,86 da variância total.

A Tabela 8 mostra que inteligência emocional se dividiu em dois fatores: o primeiro composto pelos subtestes Relacionamento, Gerenciamento, Paisagem, Sensação e Facilitação, e o segundo formado pelos subtestes Transição, Mistura e Faces. O subteste Faces tem saturações próximas nos dois fatores, isso indica que esse subteste não é tão claro quanto à clareza do fator específico que mensura. O primeiro fator ficou constituído por três capacidades da inteligência emocional, já que Relações e Administração avaliam a capacidade do Gerenciamento da emoção, Paisagem avalia a capacidade de Percepção da emoção e Sensação e Facilitação avaliam a capacidade da Facilitação do pensamento. Enquanto o segundo fator foi constituído pelos subtestes Transição e Mistura, que avaliam a capacidade do Conhecimento emocional.

Nessa análise, não se confirmaram os achados anteriores de dois fatores dividindo a inteligência emocional pelas áreas Estratégica e Experiencial, pois o primeiro fator engloba as duas áreas. No entanto, a correlação entre os dois fatores encontrados é de

0,38, indicando uma associação entre eles coerente com o modelo de um fator mais amplo de inteligência emocional. A análise fatorial aplicada aos subtestes do MSCEIT, foi uma forma de explorar os dados verificando como se comportariam os fatores da inteligência emocional. Entretanto deve-se considerar esses resultados com cautela já que para se obter uma estrutura fatorial mais estável, seria necessário uma amostra de no mínimo 1000 sujeitos.

Após todas essas considerações em relação as variáveis da inteligência emocional e do Rorschach, as variáveis do Rorschach pertencentes à Hipótese 1 foram correlacionadas com os subtestes da inteligência emocional a fim de corroborar ou refutar as hipóteses levantadas. A Tabela 9 apresenta os resultados dessa análise.

A primeira parte da Hipótese 1 menciona que as variáveis do Rorschach FC>CF+C, Nota D, Nota Dajustada, Afr e EBextratensivo se correlacionam positivamente com magnitude baixa com os subtestes da inteligência emocional, pois tais variáveis do Rorschach demonstram a interação entre cognição e afeto de maneira mais adequada. Por meio da Tabela 9, pode-se verificar que apenas as notas D e Dajustada e EBextratensivo não se correlacionaram com nenhum subteste da inteligência emocional. Entretanto, as correlações obtidas foram todas negativas e baixas, exceto uma que foi moderada, ou seja, acima de 0,40 (Tabela 9)

**Tabela 9.** Correlação entre os subtestes da inteligência emocional e as variáveis do Rorschach relacionadas à Hipótese 1.

	Faces	Paisagem	Facilitação	Sensação	Transição	Mistura	Administrar	Relações
FC>CF+C	-0,12	-0,06	-0,41**	-0,13	-0,20	-0,09	-0,11	-0,14
FC	-0,12	-0,07	-0,41(**)	-0,09	-0,21	0,05	-0,11	0,03
CF	-0,11	0,07	0,00	0,09	-0,06	-0,02	-0,13	0,04
C	0,17	0,11	0,07	0,10	0,01	0,07	0,10	0,17
FC'	-0,22	0,11	-0,07	0,04	-0,15	0,03	0,09	0,04
C'F	-0,08	0,07	0,02	-0,11	0,07	-0,03	-0,27(*)	-0,10
C'								
FY	-0,13	-0,07	-0,38(**)	-0,27(*)	-0,32(**)	0,08	-0,01	-0,12
YF								
Y	0,17	0,07	-0,02	-0,08	-0,12	0,01	0,10	-0,07
m	0,06	-0,07	-0,09	-0,07	-0,03	0,05	-0,11	0,05
Nota D	0,10	-0,08	0,13	0,07	0,16	-0,04	-0,18	0,03
NotaDajustada	0,05	-0,11	0,00	-0,02	0,04	-0,03	-0,23	-0,04
EBextratensivo	0,11	0,17	0,14	0,09	0,13	0,10	0,16	0,20
EBintroversivo	0,01	-0,09	0,00	-0,06	0,07	-0,12	0,14	-0,06
CDI	-0,22	-0,10	0,03	-0,11	-0,13	-0,21	-0,06	-0,21
Afr	-0,15	-0,16	0,03	-0,11	-0,24(*)	-0,21	-0,10	-0,05

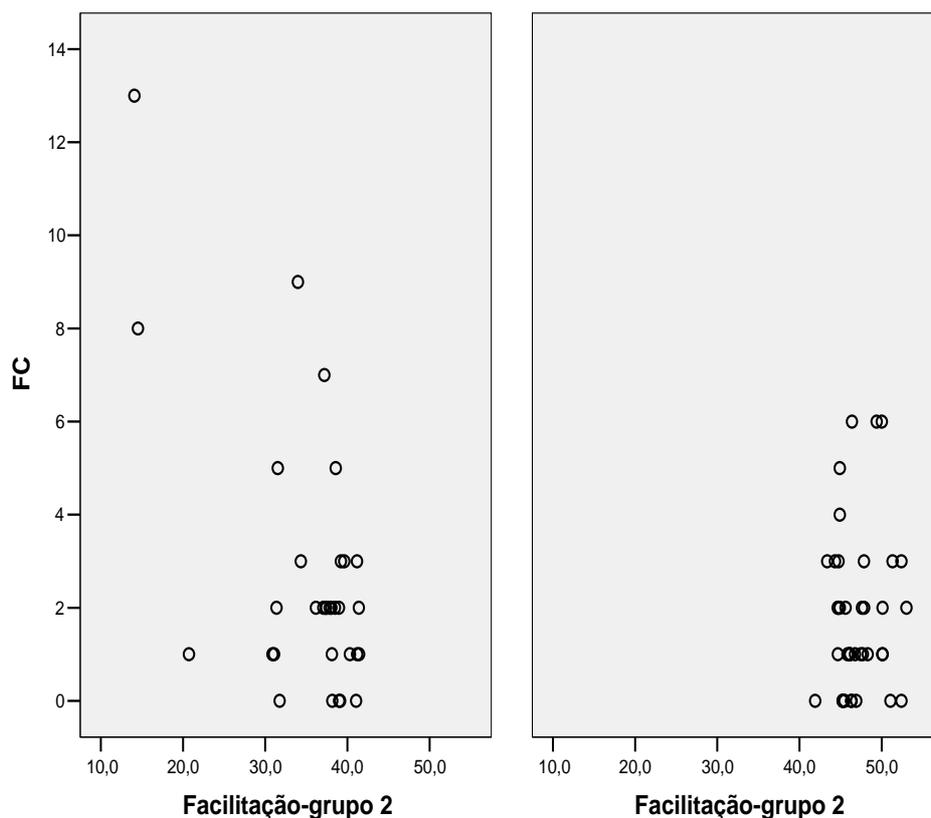
\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

Tais correlações ocorreram entre o subteste Facilitação e as variáveis FC>CF+C ( $r = -0,41$   $p=0,01$ ) e o subteste Transição com a variável Afr ( $r = -0,24$   $p = 0,05$ ). A correlação negativa entre Facilitação e FC>CF+C incidiu-se em função da variável FC, que também se correlacionou significativamente moderada e negativa com Facilitação, obtendo o mesmo valor de correlação que a variável FC>CF+C. Esse resultado causou surpresa, pois FC>CF+C, assim como o FC, indica modulação do afeto, ou seja, um amadurecimento e controle das emoções utilizando a cognição, e essa modulação do afeto é um pressuposto básico da inteligência emocional, que propõe que pessoas com maior inteligência emocional tendem a regular melhor suas emoções com o auxílio do raciocínio. O subteste Facilitação é justamente usado para verificar o quanto as pessoas conseguem raciocinar tendo a influência direta da emoção, esperando que pessoas com inteligência emocional utilizem as emoções para facilitar seus processos de pensamento. Para investigar melhor esse dado, fez-se um gráfico da variável FC com os escores da amostra no subteste Facilitação, com a finalidade de verificar se os indivíduos com alto



baixa capacidade no subtteste Facilitação tendem a dar um número elevado de respostas FC, e por isso a correlação foi negativa.

Para visualizar melhor as respostas FC nos indivíduos com capacidade alta e baixa no subtteste Facilitação, separaram-se esses indivíduos em dois grupos, um abaixo da média (0) e outro acima da média (1) (Figura 2).



*Figura 2.* Grupos de indivíduos com escores abaixo e acima da média do subtteste Facilitação, comparando-os em relação às respostas FC.

Ao se recalcularem as correlações Facilitação-FC para esses dois grupos apenas no grupo abaixo da média no subtteste Facilitação observou-se um coeficiente significativo ( $r = -0,58$   $p = 0,01$ ). Com o grupo acima da média, a correlação foi próxima a zero. Esses resultados parecem indicar que indivíduos com baixos escores no subtteste Facilitação apresentam uma modulação afetiva ainda maior, podendo-se interpretar que exerçam uma influência intensa da cognição nas emoções. Então, de acordo com essa

interpretação, o resultado negativo entre FC e o subteste Facilitação seria mais coerente com as expectativas dos significados dessas variáveis, porque FC implica a utilização da cognição para modular as emoções. Já o subteste Facilitação sugere o uso das emoções para auxiliar o raciocínio. Assim, pessoas com baixo escore no subteste Facilitação tenderiam a ter um número elevado de FC, pois não estariam tão abertos para que as emoções interfiram de maneira “espontânea” no pensamento.

O subteste Transição correlacionou-se negativamente com Afr. A variável Afr é gerada a partir de uma fórmula que soma as respostas nas três últimas pranchas que são coloridas e divide pelo número de respostas ocorridas nas sete primeiras pranchas, que são acromáticas, verificando se as cores cromáticas estimulam o sujeito a emitir mais respostas. Indivíduos com Afr alto demonstram maior reatividade à estimulação provocada pelas cores, indicando uma maior abertura às emoções. A correlação negativa entre Afr e o subteste Transição que avalia o conhecimento emocional, as mudanças e as evoluções entre uma emoção e outra, indica que indivíduos com escore alto em Transição tendem a não ser tão responsivos às cores e conseqüentemente menos abertos às emoções. Esse resultado parece contraditório, já que se esperava que pessoas com alta inteligência emocional fossem mais influenciadas pelas emoções. Uma interpretação alternativa poderia ser sugerida considerando que o subteste Transição refere-se apenas ao conhecimento emocional, que é uma capacidade mais ligada à inteligência cristalizada, ou seja, ligada à extensão e profundidade de domínio sobre os conteúdos tratados: o conhecimento sobre emoções. Esse conhecimento não necessariamente decorreria de uma postura mais aberta a estimulação emocional (pressuposto de que o índice Afr de fato mede essa predisposição).

A primeira parte da Hipótese 1 foi refutada, pois nenhum dado encontrado esteve de acordo com o que foi proposto. Das 64 possibilidades de correlações entre os

subtestes da inteligência emocional e as variáveis do Rorschach escolhidas para essa primeira parte da hipótese, foram encontradas apenas duas correlações significativas, uma baixa, outra moderada, mas as duas em sentidos opostos ao esperado. Esses resultados sugerem que personalidade e inteligência emocional apresentam maior divergência do que convergência.

A segunda parte da Hipótese 1 sugere que as variáveis do Rorschach Cor Acromática (FC', C'F e C'), EBperI, Sombreado Difuso (FY, YF e Y), Movimento Inanimado (m) e CDI se correlacionariam negativamente com os subtestes da inteligência emocional, pois indicam maior interação entre emoção e cognição de forma inadequada. Pela Tabela 9, pode-se observar que apenas duas variáveis do Rorschach se correlacionaram negativamente como previsto com a inteligência emocional. Tais correlações foram obtidas entre o subteste Administração das emoções com a variável C'F ( $r = -0,27$ ,  $p = 0,05$ ), o subteste Facilitação com a variável FY ( $r = -0,38$   $p = 0,01$ ), o subteste Sensação com a variável FY ( $r = -0,27$   $p = 0,05$ ) e o subteste Transição com a variável FY ( $r = -0,32$   $p = 0,01$ ). Todas essas correlações estão de acordo com o esperado na hipótese, pois as variáveis que se correlacionaram negativamente com os subtestes da inteligência emocional indicam menor controle cognitivo sobre as emoções e a presença de sentimentos disfóricos.

O subteste Administração das emoções correlacionou-se negativamente com a variável C'F, que denota menor controle cognitivo sobre as emoções, especialmente aquelas com conteúdos mais negativos. Essas respostas sugerem que tais emoções são contidas pelo indivíduo que não consegue lidar adequadamente com elas para que sejam elaboradas. O subteste Administração avalia a capacidade da pessoa em gerenciar suas emoções de forma adaptativa. A correlação encontrada sugere que indivíduos com baixo escore nesse subteste tendam a apresentar mal-estar interno, pois reprimem emoções de

conteúdos negativos e não conseguem administrá-las a fim de expressá-las de forma adequada ou até mesmo trabalhá-las internamente, para que sejam amenizadas, compreendidas, diminuindo assim o sofrimento. O sentido dessa associação negativa está justamente nos mecanismos opostos indicados pelas duas variáveis, uma vez que enquanto uma pressupõe o controle da emoção (Administração) a outra tem em sua base a falta de controle emocional (C<sup>F</sup>).

Os subtestes Facilitação e Sensação fazem parte da faceta Facilitação do Pensamento, que significa capacidade de o indivíduo utilizar as emoções para auxiliar o pensamento, ou seja, a pessoa saber identificar qual emoção pode colaborar na resolução de alguma tarefa. Esses subtestes se correlacionaram negativamente com a variável FY, que indica tensão e mal-estar diante de situações externas, bloqueio da capacidade de reagir diante dessas situações. As correlações entre os subtestes Facilitação e Sensação com a variável FY sugerem que indivíduos com baixos escores nesses subtestes apresentam maior dificuldade em lidar com situações que lhes tragam desconforto emocional, enquanto indivíduos com escores altos conseguem enfrentar melhor essas situações. Esse dado parece demonstrar que indivíduos com maior capacidade nesses subtestes se utilizam de emoções que irão auxiliá-los a agirem de maneira mais adequada.

Outro subteste que também se correlacionou negativamente com FY foi Transição, que avalia o conhecimento emocional. Tal correlação sugere que indivíduos com escore baixo em Transição apresentam maior probabilidade de experimentarem tensões e mal-estar diante de situações externas estressantes. Provavelmente, em razão do conhecimento mais escasso sobre as emoções, esses indivíduos podem ter mais problemas para identificar realmente o que sentem, pois a identificação pressupõe o conhecimento das emoções para nomeá-las e entender os encadementos comuns entre

elas. Como consequência, isso pode dificultar a administração das emoções em situações mais estressantes.

Os resultados encontrados na segunda parte da Hipótese 1 confirmam parcialmente a tese de que os subtestes da inteligência emocional apresentariam correlações significativas baixas e negativas com as variáveis do Rorschach Cor Acromática (FC', C'F e C'), EBintroversivo, Sombreado Difuso (FY, YF e Y), Movimento Inanimado (m) e CDI. Das 72 possibilidades de correlações entre os subtestes e as variáveis do Rorschach hipotetizadas nessa segunda parte, houve apenas quatro correlações que indicaram baixa associação entre subtestes da inteligência emocional e as variáveis do Rorschach. Esses dados novamente sustentam que inteligência emocional e personalidade divergem mais do que convergem.

A segunda hipótese afirma o seguinte:

- As variáveis do Rorschach ligadas à Qualidade Formal (FQ), Localização (W, D, Dd e S) e Popular (P) apresentam correlação significativa positiva e moderadamente alta com inteligência emocional.

Essa hipótese foi formulada para verificar se há alguma variância em comum nessas variáveis em razão do método pelo qual essas variáveis são construídas, isto é, em razão do sistema de consenso que sustenta a definição dessas variáveis. É evidente que apenas considerando os dados correlacionais não há como se verificar se realmente essas associações incidem somente por causa da semelhança entre os sistemas de correção e avaliação. Entretanto, correlações positivas moderadas ou altas entre todas ou a maioria dessas variáveis do Rorschach com MSCEIT seriam suficientes para pressupor um construto comum com os testes de inteligência emocional. Provavelmente tais

correlações indicariam que essas variáveis associadas refletiriam a tendência, a percepção e o raciocínio mais convencional.

O sistema de correção da inteligência emocional é por consenso, ou seja, a resposta correta é aquela que a maioria das pessoas escolhe como sendo a correta. Esse sistema de pontuação indica a percepção mais comum entre as pessoas. No Rorschach, as variáveis FQ, Localização e Popular foram extraídas também a partir de um consenso da população. Assim, para decidir que tipo de resposta levaria a determinado código de qualidade formal, localização ou popular, foram verificadas as respostas com maior incidência na população. Por exemplo, na prancha cinco, a resposta morcego no desenho todo é considerada uma resposta popular, pois freqüentemente as pessoas relatam ter percebido um morcego nessa prancha na mancha toda. Esse sistema de avaliação no Rorschach também indica as percepções mais comuns entre as pessoas; dessa maneira a percepção convencional pode ser sugerida como responsável por eventuais correlações que poderiam ocorrer entre essas variáveis e os subtestes do MSCEIT.

Para verificar a Hipótese 2, correlacionaram-se os subtestes da inteligência emocional com as variáveis do Rorschach, que fazem parte dessa Hipótese (Tabela 10).

**Tabela 10.** Correlações entre os subtestes da inteligência emocional e as variáveis do Rorschach na hipótese 2.

	Faces	Paisagem	Facilitação	Sensação	Transição	Mistura	Administrar	Relações
W	-0,09	0,02	-0,24(*)	0,01	-0,02	0,11	-0,13	0,05
D	-0,24(*)	0,00	-0,30(*)	-0,22	-0,24(*)	0,04	0,05	-0,07
Dd	0,01	-0,01	-0,05	-0,10	-0,16	0,03	0,23(*)	0,05
S	0,07	0,07	0,07	0,08	-0,09	0,18	0,20	0,16
FQ+								
FQo	-0,07	0,09	-0,27(*)	-0,10	-0,12	0,27(*)	0,02	0,07
FQu	-0,18	-0,04	-0,31(**)	-0,18	-0,26(*)	0,02	0,12	-0,08
FQ-	-0,25(*)	-0,01	-0,20	-0,14	-0,18	-0,06	0,03	0,07
FQnone	0,19	-0,14	-0,13	-0,11	-0,09	-0,12	0,01	-0,03
FQf+								
FQfo	-0,06	-0,06	0,05	-0,02	0,03	0,04	-0,13	0,04
FQfu	-0,14	-0,03	0,03	-0,12	-0,05	-0,20	0,27(*)	0,03
FQf-	-0,29(*)	-0,03	-0,25(*)	-0,17	-0,11	-0,16	0,01	-0,01
P	0,15	0,06	0,06	0,09	0,07	0,27(*)	0,19	0,11

\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

A Tabela 10 mostra que o subteste Facilitação foi o que apresentou maior número de correlações com as variáveis do Rorschach, sendo essas correlações com W ( $r = -0,24$   $p < 0,05$ ), D ( $r = -0,30$   $p < 0,05$ ), FQo ( $r = -0,27$   $p < 0,05$ ), FQu ( $r = -0,31$   $p < 0,01$ ) e FQf- ( $r = -0,25$   $p < 0,05$ ), as outras correlações ficaram distribuídas entre os demais subtestes, exceto os subtestes Paisagem, Sensação e Relações. Das 96 possibilidades de correlação foram obtidas apenas 14 e todas consideradas baixas. Com esses resultados, a Hipótese 2 foi refutada, indicando que, apesar de o sistema de pontuação da inteligência emocional e de o sistema de avaliação das variáveis FQ, Localização e P estarem embasados na percepção mais freqüente dos indivíduos, elas não se correlacionam, sugerindo que, apesar da semelhança, o construto que está por trás é diferente, porque muitas das correlações significativas encontradas não são tão justificáveis.

O subteste Faces correlacionou-se com as variáveis do Rorschach D ( $r = -0,24$   $p < 0,05$ ), FQ- ( $r = -0,25$   $p < 0,05$ ) e FQf- ( $r = -0,29$   $p < 0,05$ ). A variável D indica uma forma mais simples, rápida e prática de resolver um problema, as variáveis FQ- e FQf-

representam uma percepção mais distorcida da realidade. As correlações obtidas entre o subteste Faces e as variáveis D, FQ- e FQf- sugerem que indivíduos com escores altos no subteste Faces não tendem a focalizar atenção em percepções mais óbvias, ainda que, ao mesmo tempo, apresentem percepções mais objetivas e convencionais sobre a realidade. Esse dado também indica que esses indivíduos, que obtêm maior êxito nesse subteste, precisam fazer uma análise perceptual mais complexa do estímulo, pois se deparam com figuras de faces que, apesar de expressarem emoções mais básicas, como tristeza e alegria, devem ser transformadas de algo estático para uma percepção mais global a partir da união de várias informações que se podem obter por meio principalmente dos olhos e da boca.

As correlações encontradas no subteste Transição foram com as variáveis D ( $r = -0,24$   $p < 0,05$ ) e FQu ( $r = -0,26$   $p < 0,05$ ), esta última variável se refere a uma percepção mais individual, até mesmo criativa, mas condizente com a realidade. Por meio dessa correlação entre o subteste Transição e as variáveis D e FQu, pode-se interpretar que os indivíduos com alto escore no subteste Transição não tendem a focalizar atenção em percepções mais óbvias e, ao mesmo tempo, apresentam percepções subjetivas, embora condizentes com a realidade. O subteste Transição realmente apresenta certa complexidade, exigindo do indivíduo maior esforço cognitivo. Essa tarefa avalia a capacidade que a pessoa tem para reconhecer as mudanças das emoções, tanto de nuance na mesma emoção quanto para outro tipo de emoção.

Outra correlação obtida foi entre o subteste Mistura e as variáveis FQo ( $r = 0,27$   $p < 0,05$ ) e P ( $r = 0,27$   $p < 0,05$ ). A primeira variável diz respeito à percepção comum e adequada da realidade, e a segunda refere-se à percepção mais convencional. Esse resultado é o único que corrobora parcialmente a Hipótese 2, pois os códigos FQo e P são atribuídos às respostas em função da frequência de ocorrência na população, por

exemplo FQo indica respostas ordinárias, e P, respostas ainda mais convencionais. Assim, associação pode sugerir que parte dos escores nesses subtestes do MSCEIT relaciona-se à percepção mais convencional. Entretanto, a correlação foi baixa e só ocorreu com alguns subtestes, impedindo que se afirme que os escores no MSCEIT estejam altamente relacionados à percepção convencional.

Com o subteste Administração, as variáveis que se correlacionaram foram Dd ( $r = 0,23$   $p < 0,05$ ) e FQfu ( $r = 0,27$   $p < 0,05$ ). A variável Dd refere-se a uma percepção muito presa aos detalhes, perdendo o sentido de síntese entre várias informações, e FQfu está ligada a uma percepção mais individual, mas não distorcida, da realidade. A variável Dd parece não ser condizente com o subteste Administração, já que se pressupõe que a pessoa que tem essa capacidade de administrar as emoções precisa saber lidar com várias possibilidades de gerenciamento, tendo uma visão mais ampla para poder ter uma compreensão maior das situações e das emoções envolvidas. A variável FQfu também parece não compatível, pois trata-se de uma percepção mais particular, que se diferencia da maioria das pessoas; no entanto, para ter bom desempenho em qualquer subteste do MSCEIT, o indivíduo precisa concordar com a maioria dos sujeitos.

Por fim, retorna-se ao subteste Facilitação, que foi deixado para ser comentado por último em função das variáveis que se correlacionaram com ele. Todas as correlações foram baixas e negativas. As variáveis foram: W que indica uma percepção mais ampla e sintetizada com um funcionamento cognitivo mais complexo, D que se refere a um funcionamento cognitivo com menor esforço mental e mais prático, FQo que diz respeito a uma percepção mais convencional e adequada à realidade, FQu que aponta uma percepção mais idiossincrática, diferente do habitual, porém adequada, e FQf- que indica uma percepção distorcida da realidade.

As interpretações dessas correlações são difíceis de formular, os dados sugerem a ocorrência simultânea de sentidos contraditórios, pois, ao mesmo tempo em que foram obtidas correlações negativas com determinada variável, não foram encontradas correlações positivas com as variáveis opostas, que supostamente deveriam ocorrer. Por exemplo, o subteste Faces apresentou correlação negativa com D, que indica um funcionamento cognitivo mais simples; então, pressupõe-se que o indivíduo com alto escore em Faces apresenta um funcionamento cognitivo mais complexo. No entanto, a variável W, que indicaria um funcionamento cognitivo mais complexo, não se correlacionou positivamente com Faces; assim a única informação que se tem é que tal indivíduo não apresenta um funcionamento cognitivo simples nem complexo, apesar de parecer óbvio que, se ele não apresenta simplicidade no pensamento, apresentaria complexidade.

Em função dessas correlações obscuras, levantou-se o questionamento da influência do número de respostas como mediadoras das associações. O Rorschach é um teste de produção de idéias, e essas idéias (respostas) são codificadas em várias categorias (localização, qualidade formal, por exemplo). Tais categorias são subdivisões do número total de respostas, e por isso naturalmente estão correlacionadas ao número total de respostas. Contudo, essa associação não é de mesma magnitude para os vários códigos de determinada categoria de classificação. Dependendo da associação das codificações de localização com o número total de resposta, por exemplo, à medida que o número de respostas diminui algumas codificações diminuirão mais do que outras, isto é, as diferentes categorias diminuem em proporções diferentes. A variável que diminuir mais é a que apresenta maior correlação com a variável resposta. Então, quando se correlacionam as variáveis do Rorschach dessa hipótese com os subtestes, as associações encontradas podem ser explicadas pela relação com o número total de

respostas. Isso justifica o porquê de quando ocorrer correlação negativa com uma variável, a variável oposta a essa não apresentar correlação positiva, como nos casos das variáveis D, W e Dd.

Para verificar o questionamento exposto, inicialmente se correlacionaram os subtestes da inteligência emocional com a variável resposta do Rorschach. Tais resultados são apresentados na Tabela 11.

**Tabela 11.** Correlação entre os subtestes da inteligência emocional e a variável R

Subtestes	R- resposta
Faces	-0,206
Paisagem	0,008
Facilitação	-0,354(**)
Sensação	-0,193
Transição	-0,258(*)
Mistura	0,101
Administração	0,088
Relações	0,003

$p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

Pela Tabela 11, observa-se que as correlações encontradas foram entre a variável R e os subtestes Facilitação ( $r = -0,354$   $p < 0,01$ ) e Transição ( $r = -0,258$   $p < 0,01$ ); em relação aos outros subtestes, verifica-se correlação nula (Paisagem, Mistura, Administração e Relações) ou marginal negativa (Faces e Sensação). Esses resultados indicam que a variável número de respostas tem associação negativa com alguns subtestes, principalmente com Facilitação. Esse é justamente o subteste com maior quantidade de correlações negativas com as variáveis testadas. Esses dados dão mais sentido à interpretação dos coeficientes encontrados como sendo efeito da diminuição geral do número de respostas. Isso será ainda mais evidente se observarmos que as variáveis do Rorschach selecionadas para a segunda hipótese foram as que mais se correlacionaram com o número de respostas. Essa indagação foi respondida em um

segundo passo, que correlacionou as variáveis da segunda hipótese com o número total de resposta. Esses dados podem ser vistos na Tabela 12.

**Tabela 12.** Correlação entre as variáveis do Rorschach referentes à segunda hipótese e a variável resposta.

Variáveis do Rorschach	Correlação com R (respostas)
W	0,25(*)
D	0,73(**)
Dd	0,71(**)
S	0,30(**)
FQ+	
FQo	0,76(**)
FQu	0,87(**)
FQ-	0,57(**)
FQnone	0,11
FQf+	
FQfo	0,11
FQfu	0,41(**)
FQf_	0,32(**)
P	0,18

$p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

Como se pôde verificar na Tabela 12, a variável resposta não se correlacionou com FQfo e P; entretanto, todas as correlações obtidas com as outras variáveis foram positivas moderadas ou altas, exceto com FQf- e W, que foram positivas baixas. De modo geral, observaram-se correlações moderadas e altas do número total de respostas com as variáveis testadas nessa hipótese. Em razão disso, o terceiro passo dessa investigação foi correlacionar novamente as variáveis do Rorschach da segunda hipótese com os subtestes da inteligência emocional, controlando a variável resposta (empregando o procedimento de correlações parciais). Esses resultados são apresentados na Tabela 13.

**Tabela 13.** Correlações parciais (controlando-se o número total de respostas) entre as variáveis do Rorschach e os subtestes da inteligência emocional.

Rorschach		Faces	Paisagem	Facilit.	Sensação	Transição	Mistura	Admin.	Relações
W	r	-0,05	0,01	-0,17	0,06	0,04	0,09	-0,15	0,05
	p	0,707	0,900	0,155	0,611	0,723	0,451	0,208	0,703
D	r	-0,14	-0,00	-0,05	-0,12	-0,08	-0,06	-0,02	-0,11
	p	0,251	0,978	0,695	0,309	0,519	0,613	0,845	0,347
Dd	r	0,23	-0,02	0,30	0,06	0,03	-0,06	0,25	0,07
	p	0,054	0,883	0,011	0,632	0,796	0,632	0,039	0,566
S	r	0,12	0,07	0,16	0,13	-0,04	0,16	0,19	0,17
	p	0,310	0,556	0,179	0,269	0,775	0,184	0,122	0,162
FQ+	r	.	.	.	.	.	.	.	.
	p	.	.	.	.	.	.	.	.
FQo	r	0,13	0,14	-0,00	0,07	0,11	0,29	-0,07	0,11
	p	0,266	0,259	0,970	0,576	0,344	0,013	0,572	0,38
FQu	r	-0,01	-0,09	-0,00	-0,03	-0,08	-0,13	0,09	-0,18
	p	0,963	0,430	0,975	0,790	0,516	0,266	0,462	0,14
FQ-	r	-0,16	-0,02	0,02	-0,03	-0,03	-0,15	-0,03	0,091
	p	0,173	0,861	0,859	0,835	0,833	0,221	0,813	0,45
FQnone	r	0,21	-0,14	-0,10	-0,09	-0,07	-0,13	0,01	-0,032
	p	0,071	0,250	0,394	0,443	0,581	0,279	0,963	0,79
FQf+	r	.	.	.	.	.	.	.	.
	p	.	.	.	.	.	.	.	.
FQfo	r	-0,06	-0,06	0,07	-0,01	0,03	0,04	-0,14	0,04
	p	0,633	0,603	0,589	0,902	0,790	0,750	0,254	0,740
FQfu	r	-0,06	-0,04	0,20	-0,05	0,06	-0,27	0,25	0,03
	p	0,621	0,762	0,101	0,681	0,619	0,025	0,033	0,809
FQf-	r	-0,23	-0,03	-0,14	-0,11	-0,09	-0,21	-0,03	-0,01
	p	0,050	0,779	0,250	0,363	0,881	0,077	0,807	0,953
P	r	0,20	0,06	0,15	0,13	0,13	0,25	0,17	0,11
	p	0,090	0,651	0,211	0,265	0,283	0,033	0,147	0,365

Analisando a Tabela 13, pode-se constatar que houve seis correlações significativas entre os subtestes e as variáveis do Rorschach. O subteste Faces correlacionou-se com a variável FQf- ( $r = -0,23$   $p < 0,05$ ), Facilitação obteve correlação com a variável Dd ( $r = 0,30$   $p < 0,01$ ), Mistura com as variáveis FQo ( $r = 0,29$   $p < 0,01$ ) e P ( $r = 0,25$   $p < 0,03$ ) e o subteste Administração com as variáveis Dd ( $r = 0,25$   $p < 0,04$ ) e FQfu ( $r = 0,25$   $p < 0,03$ ). Cinco dessas correlações já haviam ocorrido na primeira análise feita entre os subtestes e as variáveis do Rorschach da segunda hipótese. A primeira análise obteve catorze correlações, ou seja, oito a mais, se comparado com essa

segunda análise, o que indica que, nessas oito, a variável resposta tinha de fato uma influência. Outro dado interessante é que nas cinco correlações que permaneceram significativas, a variável número de resposta não se correlaciona com os subtestes que apresentaram correlação com as variáveis do Rorschach, exceto com o subteste Facilitação.

O teste Facilitação, na primeira análise, foi o que obteve maior número de correlações significativas (cinco). No entanto, nessa segunda análise, nenhuma dessas correlações ocorreu. Na segunda análise, Facilitação correlacionou-se positivamente com Dd, e esse dado não tinha aparecido na primeira análise, provavelmente por ter sido encoberto pelo efeito do número de respostas. Como conclusão desse passo, parece que as correlações do subteste Facilitação com as variáveis do Rorschach podem ser explicadas por uma relação com o número de respostas, isto é, maior capacidade nesse subteste está associada a uma diminuição geral do número de respostas. Ainda quando se controla estatisticamente essa variável, anulando a variância do número de respostas, a alta capacidade no subteste Facilitação aparece correlacionada com as respostas Dd, sugerindo que essa capacidade está associada à maior atenção aos detalhes. O subteste Facilitação é composto por itens que exigem do sujeito maior abstração, pois precisa pensar em emoções que o ajudariam a resolver determinado tipo de problema; então é preciso considerar detalhes das emoções, adequando-as com cada situação específica. Algumas dessas situações são mais simples e convencionais, outras, no entanto, são incomuns, como utilizar a emoção e a excitação para compor uma inspiradora marcha militar, ao invés de usar apenas a frustração ou o medo, que são as primeiras emoções que temos ao ouvir uma marcha militar. Assim, as necessidades dessa tarefa parecem justificar a associação com a maior atenção aos detalhes, como indica o aumento de Dd.



Variáveis	Componentes									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
PER		0,79			-0,36					
IAI		0,72								
FV		0,64						0,31		
FT		0,64				0,54				
DQv+		0,62						0,44		
ALOG		0,61		0,35						0,35
Ls		0,60						0,59		
P		0,52			0,32		0,37			
FD		0,50		0,48						
FY	0,35	0,44	0,38							
Sc		0,42	0,31	0,31						
DQo	0,32		0,86							
F		-0,34	0,76							
D	0,33	0,37	0,72							
FQu	0,44		0,63							
A	0,45		0,60							0,41
FQ-	0,44		0,56							
FQo	0,38	0,42	0,47						-0,30	
An			0,44		-0,36					-0,41
Hd	0,43	0,39	0,43							
IAdI										
W				0,71				0,52		
Hh				0,63						
IHdI	0,33	0,38		0,63						
Cg				0,61						
FC				0,59						
S		0,49		0,56						
Art				0,56						
CP				0,48				0,31		
FC'			0,33	0,39						
Facilitação					0,70					
Sensação					0,64					
Gerenciamento					0,64					
Relações					0,61					
Faces			-0,38		0,52					
Paisagem					0,50					
Transição					0,48					
Mistura					0,48					
VF										
CF						0,88				
PSV						0,82			0,33	
DQv						0,70	0,46			
Bl						0,66				
Ex						0,46				
Bt				0,33		0,33				
Fi										
DR1										
FQnone							0,71			
Y							0,62			
MOR							0,60			
C							0,53	0,46		
IHI							0,52		-0,38	
Cl							0,38			
Fr								0,76		
Na			0,49					0,66		
C'F										
Id									0,68	
AB								0,45	0,49	

Variáveis	Componentes									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Ay									0,46	
Xy									0,43	
INC1									-0,35	-0,32
FAB2										0,70
Mi										0,60
INC2				0,36						0,37
Geo										-0,31

*Nota.* a\_ct: movimento ativo, Hx: experiência humana, FM: movimento animal, Mh: movimento humano, AG: movimento agressivo, |2|: pares, COP: movimento cooperativo, DQ+: qualidade evolutiva com resposta sintetizada, Dd: resposta de detalhe incomum, H: figura humana inteira, Food: conteúdo comida, p\_ass: movimento passivo, Ad: detalhe animal, Sx: conteúdo sexo, PER: resposta personalizada, |A|: figura para-animal inteira, FV: forma-vista, FT: forma-textura, DQv+: qualidade evolutiva de resposta sintetizada sem formas, ALOG: lógica inadequada, Ls: conteúdo paisagem, P: resposta popular, FD: forma-dimensão, FY: forma-sombreado difuso, Sc: conteúdo ciência, DQo: qualidade evolutiva de resposta ordinária, F: forma pura, D: resposta de detalhe comum, FQu: qualidade formal incomum, A: figura animal inteira, FQ-: qualidade formal menos, FQo: qualidade formal ordinária, An: conteúdo de anatomia, Hd: detalhe humano, |Ad|: detalhe para-animal, W: resposta global, Hh: conteúdo utensílios domésticos, |Hd|: detalhe para-humano, Cg: conteúdo vestuário, FC: forma-cor, S: resposta de espaço, Art: conteúdo arte, CP: projeção de cor, FC': forma-cor acromática, VF: vista-forma, CF: cor-forma, PSV: perseveração, DQv: qualidade evolutiva vaga, Bl: conteúdo sangue, Ex: conteúdo explosão, Bt: conteúdo botânica, Fi: conteúdo fogo, DRI: resposta desviante, FQnone: qualidade formal ausente, Y: sombreado difuso puro, MOR: conteúdo mórbido, C: cor pura, |H|: figura para-humana inteira, Cl: conteúdo nuvens, Fr: forma-reflexo, Na: conteúdo natureza, C'F: cor acromática-forma, Id: conteúdo inusual, AB: conteúdo abstrato, Ay: conteúdo antropologia, Xy: conteúdo raio X, INCI: combinação incongruente, FAB2: combinação fabulada, Mi: movimento inanimado, INC2: combinação incongruente estranhas e irrealis e Geo: conteúdo geografia.

Dos dez fatores extraídos da análise fatorial, nove são considerados de personalidade e um de inteligência emocional. No Fator de inteligência emocional, três variáveis do Rorschach obtiveram cargas fatoriais, porém de baixa saturação. Essas variáveis foram PER -0,36, P 0,32 e An -0,36. O PER indica imaturidade na conduta do sujeito e dificuldade nas relações interpessoais, identificando pessoas que são inseguras e que necessitam reforçar continuamente a auto-imagem. A variável An está relacionada ao aumento na preocupação com o corpo, o que pode acarretar uma alteração da auto-imagem. A variável P, como já citado, refere-se a uma visão convencional da realidade.

As variáveis PER e An, apresentam saturação baixa e negativa com o Fator da inteligência emocional, sugerindo que elas se associam com inteligência emocional, mas mensurando o pólo oposto, ou seja, com a baixa inteligência emocional sugerindo que a

questão da auto-imagem em PER e em An pode estar associada a uma dificuldade nas relações interpessoais.

Com relação à variável P que saturou com carga positiva no fator da inteligência emocional, ela pode ser explicada em função da percepção convencional que existe tanto nessa variável quanto no teste de inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT. Esse teste possui a correção das respostas em função do consenso da amostra, ou seja, a resposta correta é correspondente de fato a uma percepção da maioria das pessoas, há uma percepção convencional. Entretanto, ressalta-se que quando se correlaciona o P com os subtestes da inteligência emocional, ele apenas se associa com o subteste Mistura.

Nos Fatores da personalidade, inteligência emocional contribui somente por meio do subteste Faces no terceiro fator, que parece se referir a uma dificuldade nos relacionamentos interpessoais (Hd, An e A), a um funcionamento cognitivo simplificado com pouco recurso (DQo, F e D) e às vezes, associado a percepções inadequadas (FQu e FQ-). O subteste Faces tem saturação baixa e negativa, indicando uma associação oposta com esse Fator e fazendo sentido teórico, uma vez que esse subteste avalia a capacidade de o indivíduo perceber expressões faciais, o que pode facilitar as interações sociais.

Diante dos resultados encontrados referentes às hipóteses 1 e 2, verificou-se que inteligência emocional e os traços de personalidade avaliados pelo Rorschach são construtos bem divergentes. A primeira hipótese foi praticamente refutada. Das 104 possibilidades de correlação entre as variáveis do Rorschach com os subtestes da inteligência emocional, houve apenas duas correlações e baixas. Na segunda hipótese poderiam ter ocorrido 96 correlações, no entanto foram encontradas apenas sete, e todas

baixas. Para aumentar ainda mais a credibilidade desses dados, a análise fatorial mostrou que os dois construtos são separados.

Os dados encontrados nessa pesquisa correlacionados à inteligência emocional avaliada pelo MSCEIT e o funcionamento da personalidade avaliada pelo método de Rorschach são originais, pois, até o momento, não foi constatado nenhum trabalho correlacionando esses testes. No entanto, o MSCEIT vem sendo estudado desde 2003 e na maioria das vezes com o objetivo de buscar validade discriminante em relação ao construto personalidade (Brackett & Mayer, 2003; Lopes et al, 2003; Cobêro, 2004 e Dantas, 2004; Primi, Bueno & Nascimento). Esses estudos utilizaram como variáveis critérios instrumentos de auto-relato como o Big Five, EQ-i e o 16PF.

No estudo realizado com MSCEIT e *Big Five*, apenas a faceta Gerenciamento das emoções correlacionou-se significativamente, mas de forma baixa e com Extroversão, Agradabilidade, Abertura e Neuroticismo, esta última com correlação negativa (Lopes et al, 2003). Em uma pesquisa correlacionando o MSCEIT com o EQ-i empregando a análise fatorial encontraram-se dois construtos separados: inteligência emocional e personalidade (Brackett & Mayer, 2003). No fator denominado inteligência emocional, a variável Agradabilidade do EQ-i apresentou uma saturação moderada. Com relação às pesquisas entre MSCEIT e o 16PF, três trabalhos procuraram explorar a distinção e/ou convergência entre os construtos. No estudo de Dantas (2004) foram encontradas correlações baixas entre MSCEIT e os fatores Extroversão, Brandura e Rigidez do Pensamento. Já na pesquisa de Cobêro (2004) não houve nenhuma associação significativa do MSCEIT com os traços de personalidade do 16PF. Houve somente uma correlação com o Fator B do 16PF, que avalia a inteligência, e não a personalidade. Por fim na pesquisa de Primi, Bueno e Nascimento (2005) dos seis fatores extraídos por

meio da análise fatorial, identificou-se dois de inteligência emocional que também foram constituídos por algumas variáveis da personalidade.

No presente trabalho, as correlações significantes encontradas entre o MSCEIT e o Rorschach foram com as variáveis Afr, FC, FY, C<sup>F</sup>, FQf-, FQo, FQu, Dd, P e An. No entanto, não foram todos os subtestes que se correlacionaram com todas essas variáveis, apenas FY se correlacionou com três subtestes e Dd com dois subtestes, as outras variáveis correlacionaram-se com um ou com outro subteste. Esse dado sugere que não há como afirmar que há uma associação geral da inteligência emocional com personalidade, pois as associações encontradas estão vinculadas a capacidades específicas.

As duas variáveis que podem ser consideradas como globalmente relacionadas à inteligência emocional são P e An, uma vez que na análise fatorial apresentaram saturação baixa no Fator denominado inteligência emocional, que foi composto por todos os subtestes do MSCEIT. Todas as variáveis do Rorschach que se correlacionaram com os subtestes ou com o Fator inteligência emocional referem-se à percepção da realidade ou a conteúdos associados ao emocional. As hipóteses pressupunham esses tipos de associações, mas a análise fatorial foi exploratória com todas as variáveis do Rorschach, e as associações também foram com variáveis que indicam percepção da realidade e conteúdo emocional. A percepção da realidade foi associada com inteligência emocional provavelmente porque o MSCEIT, quando corrigido por meio do consenso, está fundamentado na percepção consensual da amostra em relação à resolução correta das tarefas dos subtestes. Já as associações dos conteúdos emocionais são esperadas, pois o teste MSCEIT é embasado nas emoções.

As correlações encontradas entre o MSCEIT e os testes avaliando a personalidade por auto-relato, Big Five, EQ-i e 16PF, também parecem estar embasadas nas questões

relativas ao conteúdo emocional das variáveis consideradas. Extroversão indica maior expressão das emoções, Abertura às Experiências sugere necessidade de maior contato com as emoções, Neuroticismo refere-se, além de outros aspectos, maior constrição das emoções, assim como Rigidez do Pensamento; já Brandura está ligada à sensibilidade e aos sentimentos, Agradabilidade está vinculada às relações sociais (altruísmo), o que pressupõe percepção das emoções, empatia nos relacionamentos, G+ indica consciência, seguimento da moral convencional, O+ preocupação e propensão ao sentimento de culpa, I+ sentimentalismo, compreensão empática baseada no sentimento, M- tendência a estar preso às sensações e percepções concretas externas e a se guiar pela realidade objetiva e menos por abstrações, L- tendência a ser confiante e tolerante com os outros, a acreditar nas características positivas, C+ estabilidade emocional, capacidade de adaptação balanceada e tolerância ao estresse e Q1- convencionalismo, conservadorismo e pouca tolerância à mudança.

Por meio das correlações baixas obtidas entre os subtestes do MSCEIT e as variáveis do Rorschach, bem como as correlações baixas e uma moderada do MSCEIT geral com as variáveis dos testes do *Big Five*, EQ-i e 16PF, verifica-se que inteligência emocional e personalidade são construtos diferentes que apresentam maior divergência do que convergência. Os dados teóricos em relação às variáveis de personalidade que se correlacionam com o MSCEIT permitem inferir que essas associações ocorrem em função desses dois construtos estarem vinculados a processos mentais que envolvem as emoções.

Os dados obtidos aqui e em pesquisas anteriores (Brackett & Mayer, 2003; Lopes et al, 2003; Cobêro, 2004; Dantas, 2004; Jesus Jr.,2004 e Primi, Bueno & Nascimento, 2005) sustentam a posição dos criadores desse construto, que sempre enfatizam que inteligência emocional não é um novo nome para traços de personalidade. Essa questão

sempre foi alvo de muita discussão, porque os estudos iniciais com medidas de inteligência emocional por auto-relato indicavam a sobreposição da inteligência emocional com personalidade (Davies, Stankov & Roberts, 1998; Newsome, Day & Catano, 1999). No entanto, mesmo os autores mais críticos à inteligência emocional admitem que quando ela é mensurada por meio de desempenho máximo, e não auto-relato, os achados são mais favoráveis (Davies, Stankov & Roberts, 1998).

As pesquisas com a MEIS, que é o antecessor do MSCEIT, já apresentavam resultados positivos, indicando divergência com personalidade (Roberts, Zeidner & Matthews, 2001). Esses resultados tornaram-se ainda mais evidentes por meio dos trabalhos desenvolvidos com o MSCEIT (Brackett & Mayer, 2003; Lopes et al, 2003; Cobêro, 2004; Dantas, 2004; Jesus Jr.,2004 e Primi, Bueno & Nascimento, submetido). Resumindo, os resultados de todas essas pesquisas, inclusive os resultados do presente trabalho, sustentam a inteligência emocional como um construto que se distingue de personalidade. Lopes e cols. (2003) refere-se à personalidade como disposições temperamentais e inteligência emocional como competências adquiridas para regular emoção e interagir socialmente. No entanto, cada um desses construtos auxilia com informações distintas e complementares para a compreensão das interações sociais. Mayer e Salovey (1993) entendem personalidade como preferências comportamentais e inteligência emocional como uma capacidade mental envolvida no processamento de informações emocionais.

A terceira hipótese levantada afirma que:

- Indivíduos que apresentam maior habilidade de inteligência emocional demonstram melhores pontuações nas avaliações de desempenho.

Antes de testar essa hipótese, serão apresentadas as estatísticas descritivas e precisões da Avaliação de Desempenho, que é dividida em duas escalas: uma que avalia os comportamentos mais subjetivos dos sujeitos, e outra que avalia os comportamentos mais objetivos, que são as ocorrências negativas no trabalho. A Tabela 15 apresenta a análise descritiva da primeira escala, a qual tem o máximo de pontuação 4; assim, por meio das médias obtidas para cada item, percebe-se que em geral a amostra apresenta comportamentos muito bons, pois todos os itens relacionados ao bom comportamento obtiveram médias muito próximas à nota quatro, enquanto os itens que se referem ao mau comportamento demonstraram médias próximas a 1, o que representa a ausência de tais comportamentos.

**Tabela 15.** Estatísticas descritivas da escala 1 de avaliação de desempenho

Itens da Escala 1	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Disciplina	3,89	0,31	3	4
Resignação	3,49	0,78	1	4
Iniciativa	3,48	0,67	2	4
Humildade	3,84	0,42	2	4
Educação	3,99	0,10	3	4
Firmeza	3,41	0,78	1	4
Resp.pessoas/instituições	3,93	0,26	3	4
Cuidadoso	3,85	0,41	2	4
Companheirismo	3,72	0,63	1	4
Negligência	1,11	0,37	2	4
Imprudência	1,09	0,36	2	4
Agressões físicas	1,01	0,10	3	4
Descaso	1,07	0,26	3	4
Indisciplina	1,12	0,43	2	4
Arrogância, convencimento	1,08	0,40	2	4
Excessos verbais	1,10	0,36	2	4
Comportamentos imaturos	1,22	0,51	1	4
Auto controle	3,73	0,53	1	4
Sensatez	3,86	0,35	3	4

A Tabela 16 descreve as estatísticas descritivas da escala 2, que avalia as ocorrências no trabalho, ou seja, comportamentos inadequados no trabalho que são

passíveis de punição. Essa segunda escala é pontuada por presença (1) e ausência (0) de ocorrência. Por meio dos dados fornecidos na Tabela 16, observa-se que praticamente toda a amostra não apresentou as ocorrências inventariadas, o que deixa ainda mais evidente os bons comportamentos desses policiais militares. Esse dado traz um limite para as análises correlacionais, pois esses instrumentos apresentaram pouca variância. Assim, a investigação da associação entre inteligência emocional e desempenho fica limitada pela ausência de variância no critério. O ideal em investigações desse tipo seria a existência de grupos extremos (alta variância) na variável critério, pois se houver alguma relação entre variável preditora e critério ela ficaria evidente. Portanto, mesmo se houver alguma relação entre inteligência emocional e desempenho, ficará difícil observar tal relação nesse estudo em razão da limitação da variância da avaliação de desempenho.

**Tabela 16.** Estatísticas descritivas da escala 2 de avaliação de desempenho

Itens da escala 2	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Não uso de cinto de segurança	0,01	0,10	0	1
Excessos de velocidade	0,00	0,00	0	0
Estacionamento inadequado de motos que ocasionam quedas	0,01	0,10	0	1
Não realização de verificações preventivas nas viaturas	0,00	0,00	0	0
Quedas de rádio(HT)	0,00	0,00	0	0
Perda de munições	0,00	0,00	0	0
Manuseio inadequado de armas	0,00	0,00	0	0
Disparo acidental de armas de fogo	0,00	0,00	0	0
Disparo intencional de arma de fogo em momento inapropriado	0,00	0,00	0	0
Desaparecimento de equipamentos	0,00	0,00	0	0
Esquecimento de viaturas abertas	0,00	0,00	0	0
Abandono de posto em horário de serviço	0,01	0,10	0	1
Quebra de equipamentos das viaturas por mau uso	0,00	0,00	0	0
Chutes nas pernas de averiguados durante a revista pessoal	0,00	0,00	0	0
Empurrões desnecessários durante averiguações	0,01	0,10	0	1
Pequenas agressões aos colegas a título de brincadeira	0,00	0,00	0	0
Agressões por motivos fúteis	0,00	0,00	0	0
Envolvimento sentimental entre guardas durante o serviço	0,00	0,00	0	0

Itens da escala 2	Média	Desvio		
		padrão	Mínimo	Máximo
Discussões desnecessárias	0,00	0,00	0	0
Palavrões	0,00	0,00	0	0
Discussões calorosas em alto tom de voz	0,00	0,00	0	0
Questionamento extremo das condutas da administração	0,01	0,10	0	1
Discussões para tirar satisfação em incidentes	0,00	0,00	0	0
Competição pela razão em incidentes	0,00	0,00	0	0

A Tabela 17 mostra as análises descritivas do escore geral em cada escala e do escore total do instrumento. Os dados ilustram, ainda mais, as boas avaliações de desempenho obtidas pela amostra. A média geral da escala 1 foi 3,81 e desvio padrão 0,25, com o máximo de pontuação 4 e o mínimo 2,79. Como essa escala avalia a frequência de bom comportamento, pode-se observar que a amostra em geral foi muito bem avaliada. A escala 2 mensura as ocorrências no trabalho que são comportamentos inadequados, a média dessas ocorrências foi zero. O escore mais alto foi de 0,17, indicando que o sujeito com menor desempenho apresentou 17% das ocorrências listadas. Com isso, já se percebe que a amostra na sua maioria não tende a apresentar os comportamentos inventariados.

**Tabela 17.** Estatísticas descritivas dos escores gerais de cada escala e o total do instrumento

Escores Globais	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
av1_a	3,81	0,25	2,79	4,00
av1_b	0,00	0,02	0,00	0,17
av1	3,90	0,15	3,06	4,00

Para obter a nota da Avaliação de Desempenho Geral, somaram-se os escores gerais das duas escalas e dividiu-se por dois, com isso o máximo de pontuação é 4, indicando comportamento excelente e o mínimo 1, indicando mau desempenho. Antes de somar os escores gerais, transformou-se as notas 0 e 1 da escala 2 em 1 e 4, para que

as duas escalas estivessem na mesma forma de pontuação. Para essa transformação utilizou-se a fórmula: Avaliação de Desempenho Geral =  $(av1\_a + (4 - (av1\_b*4))) / 2$  (em que: av1\_a é o escore geral da escala 1 e av1\_b é o escore geral da escala 2). Assim, a média da Avaliação de Desempenho Geral é de 3,90, indicando que a amostra, como um todo, apresenta uma avaliação muito boa do comportamento (ver Tabela 18).

Com relação à precisão, esta foi calculada para cada escala e depois com as duas escalas agregadas pelo método de consistência interna. A precisão da primeira escala foi de 0,90. A segunda escala obteve uma precisão de 0,88, e a escala total, 0,80. Estes resultados são considerados bons, principalmente o valor da primeira escala. Apesar de a segunda escala ter mostrado boa precisão, é necessário considerá-la com ressalva, pois 19 itens dessa escala não entraram na análise de precisão por não terem sido pontuados nas avaliações, ou seja, eles não entraram no cálculo de consistência interna pela ausência de informação sobre eles. Dessa forma, a análise de precisão foi feita a partir de cinco itens que foram pontuados pelo menos uma vez. No entanto, essa Avaliação de Desempenho já foi submetida a uma análise de precisão em outro estudo e obteve coeficientes de alfa satisfatórios (Primi, Petrini, Lima, Nascimento & Cruz, 2004) como já mencionado na seção Método.

Para investigar se os dados são condizentes com a Hipótese 3, correlacionaram-se primeiramente os subtestes da inteligência emocional e a escala 1 de avaliação de desempenho. Os resultados são apresentados na Tabela 18.

**Tabela 18.** Correlação entre os subtestes da inteligência emocional e a avaliação de desempenho

	Faces	Paisagem	Facilitação	Sensação	Transição	Mistura	Administrar	Relações
Disciplina	-0,08	0,04	-0,01	0,05	-0,12	-0,05	0,24(*)	-0,06
Resignação	0,06	0,11	-0,05	0,01	-0,01	0,03	0,31(**)	-0,02
Iniciativa	-0,03	0,18	-0,13	0,00	-0,15	-0,16	0,06	-0,16
Humildade	-0,06	0,07	-0,04	0,02	-0,08	-0,03	0,31(**)	-0,09
Educação								
Firmeza	0,15	0,14	-0,18	-0,01	-0,06	-0,10	-0,04	-0,11
Resp.pessoas/instituições	-0,17	-0,17	-0,04	-0,15	-0,20	-0,13	-0,16	-0,13
Cuidadoso	-0,01	-0,11	-0,12	0,05	-0,12	-0,10	-0,03	-0,04
Companheirismo	-0,18	-0,09	-0,24(*)	-0,01	-0,17	-0,09	-0,08	-0,21
Negligência	0,00	-0,13	-0,10	-0,13	-0,22(*)	-0,05	-0,10	-0,16
Imprudência	-0,02	-0,11	-0,12	-0,13	-0,20	-0,08	-0,10	-0,18
Agressões físicas	-0,04	-0,23(*)	0,02	-0,19	-0,16	-0,07	-0,03	-0,15
Descaso	-0,02	-0,10	0,03	-0,10	-0,15	-0,01	-0,04	-0,16
Indisciplina	-0,06	-0,09	0,00	-0,18	-0,18	-0,07	0,11	-0,14
Arrogância, convencimento	-0,05	-0,19	0,00	-0,17	-0,15	-0,04	0,06	-0,21
Excessos verbais	-0,01	-0,20	0,04	-0,13	-0,10	0,01	0,15	-0,12
Comportamentos imaturos	0,05	-0,06	-0,02	-0,20	-0,16	-0,06	-0,01	-0,21
Auto-controle	-0,06	0,45(**)	0,07	0,17	0,03	0,19	0,15	-0,06
Sensatez	-0,15	0,12	-0,03	0,11	-0,10	-0,13	-0,05	-0,12

\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

As correlações encontradas entre os subtestes da inteligência emocional e os itens da escala 1 de avaliação de desempenho foram Paisagem com Auto-controle ( $r = 0,45$   $p < 0,01$ ) e Agressões físicas ( $r = -0,23$   $p < 0,05$ ), Facilitação com Companheirismo ( $r = -0,24$   $p < 0,05$ ), Transição com Negligência ( $r = -0,22$   $p < 0,05$ ), Administração com Disciplina ( $r = 0,24$   $p < 0,05$ ), Resignação ( $r = 0,31$   $p < 0,01$ ) e Humildade ( $r = 0,31$   $p < 0,05$ ).

O subteste Paisagem compõe a faceta Percepção das emoções, que avalia a capacidade de o indivíduo perceber emoções em si e nos outros, e com isso saber expressar de forma mais adequada suas emoções. A correlação encontrada entre esse subteste e os itens Auto-controle e Agressões físicas sustenta essa colocação das expressões adequadas das emoções em indivíduos com capacidade de percepção

emocional. Esse dado parece demonstrar que pessoas que possuem maior capacidade em percepção emocional conseguem controlar melhor suas emoções e com isso não reagir de maneira inadequada perante o outro, como cometer agressões físicas.

A correlação negativa entre o subtteste Facilitação e o item Companheirismo parece estranha, pois independentemente do subtteste, a inteligência emocional implica comportamentos que conseqüentemente levam a relação adequada com o outro. O subtteste Facilitação faz parte da faceta Facilitação do pensamento. Indivíduos com escore alto em Facilitação demonstram maior capacidade em mesclar emoção com o pensamento de forma a facilitar a tomada de decisões. No entanto, ressalta-se que uma relação adequada com próximo não necessariamente precisa ser adequada às expectativas das pessoas com as quais o sujeito interage. Muitas vezes um comportamento em determinada situação é o mais correto, no entanto não agrada a todas as pessoas.

Outra explicação para essa correlação pode estar vinculada ao fato de que nem todas as capacidades da inteligência emocional estão associadas ao bom relacionamento com o outro. Facilitação do pensamento pode ser uma capacidade ligada ao bem-estar do próprio indivíduo, ou seja, como ele utiliza as emoções para auxiliá-lo no processo de pensamento para que conseqüentemente tome uma decisão ou resolva um problema que será benéfico a ele próprio. O que isso pode provocar nas relações não está implicado nesta capacidade.

A correlação negativa entre o subtteste Transição e o item Negligência indica que pessoas com escore alto em Transição tendem a não infringir as regras. O subtteste Transição avalia a compreensão das emoções, mais especificamente a mudança de intensidade e a passagem de uma emoção para a outra. Essa capacidade parece estar ligada à capacidade de discernimento do indivíduo. Esse resultado sugere que, assim

como indivíduos com alto escore em Transição conseguem discernir as emoções, eles também tendem a ter esse discernimento quanto às regras, bem como consegue cumpri-las.

O subtteste Administração obteve maior número de correlações com os itens da escala 1. Essas correlações foram com os itens Disciplina, Resignação e Humildade, todas positivas, sugerindo que indivíduos com escore alto em Administração tendem a apresentar esses comportamentos. Esses itens estão relacionados à capacidade de gerenciar e controlar as próprias emoções, sendo esta a capacidade avaliada pelo subtteste Administração, por isso houve a correlação entre esse subtteste e os tais itens.

Com relação à escala 2, não foi possível calcular as correlações em razão do número muito reduzido de ocorrências. Por meio de uma análise de frequência, constatou-se que apenas um indivíduo apresentou ocorrência nos itens selecionados para análise. Isso então inviabilizou o cálculo das correlações para a escala 2. A Tabela 19 mostra as correlações obtidas entre o escore geral da escala 1 da avaliação de desempenho e o escore total, agregando as duas com as medidas de inteligência emocional. Para a Escala 2 não foi possível fazer a análise de correlação pela insuficiência de dados e por isso foi excluída da Tabela 19.

**Tabela 19.** Correlação dos subttestes com as avaliações gerais

Subtestes do MSCEIT	Escala 1	Av. Desempenho
Faces	-0,00	-0,00
Paisagem	0,23(*)	0,23(*)
Facilitação	-0,17	-0,17
Sensação	0,06	0,06
Transição	-0,14	-0,14
Mistura	-0,04	-0,04
Gerenciamento	0,15	0,15
Relações	-0,17	-0,17

\*  $p < 0,05$ ;

A Tabela 19 mostra duas correlações entre o subtteste Paisagem com escala geral 1 ( $r = 0,23$   $p < 0,05$ ) e Avaliação de Desempenho ( $r = 0,23$   $p < 0,05$ ), mas por meio dos dados encontrados anteriormente, entende-se que a correlação entre o subtteste Paisagem e Avaliação de Desempenho ocorreu em função da correlação entre esse mesmo subtteste e a escala geral 1. Esse resultado indica que as pessoas com maior capacidade de percepção emocional tendem a receber avaliações mais positivas.

O que chamou a atenção foi a ausência de correlação entre o subtteste Administração e a escala geral 1, conseqüentemente também com a Avaliação de Desempenho. Quando esse subtteste é analisado com os itens da escala 1 observam-se três correlações significativas, portanto seria esperado encontrar uma correlação significativa desse subtteste com a escala 1. Para analisar melhor o porquê de não haver correlação entre o subtteste Administração com escala geral 1 formaram-se duas novas variáveis, uma somando os itens da escala 1 (EG1b) e outra somando somente os itens que se correlacionaram com o subtteste Administração (EG1a). Esse procedimento foi realizado para verificar se há correlação entre o subtteste Administração e essas novas variáveis. A Tabela 20 apresenta as correlações encontradas.

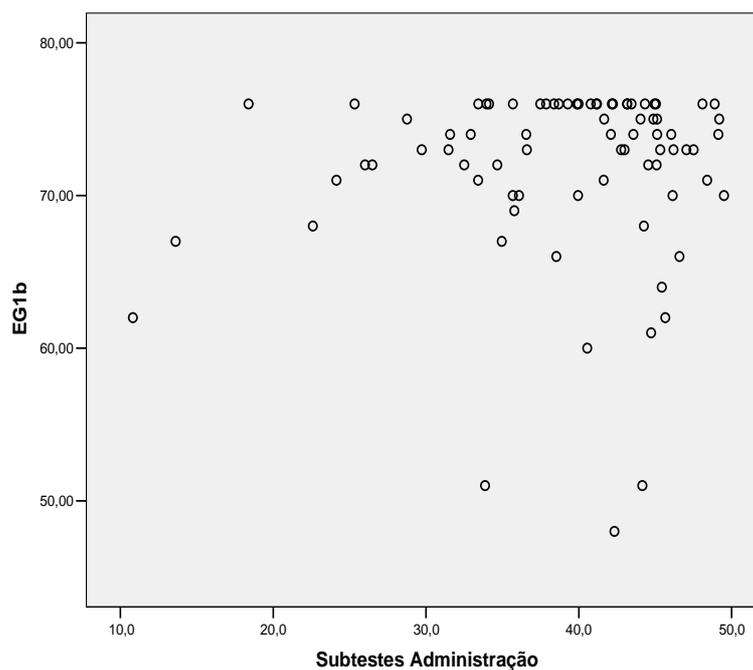
**Tabela 20.** Correlação entre administração e escala 1 dividida

Novas variáveis da escala 1	Administração
EG1a	0,367(**)
EG1b	0,08

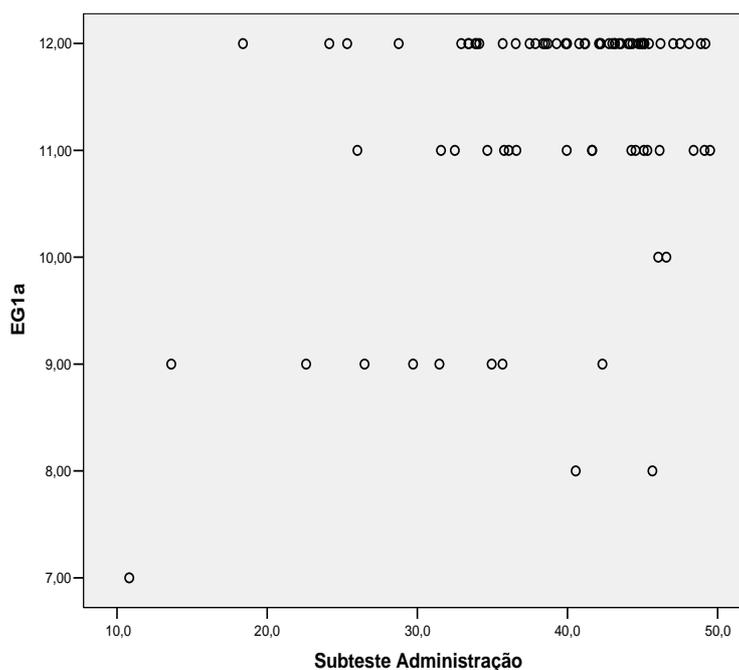
\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

Como pode ser observado, na Tabela 20 houve apenas correlação significativa entre o subtteste Administração e a variável EG1a, o que já era esperado, pois essa variável é a soma de itens que se correlacionam com esse subtteste. Contudo a nova variável obteve correlação com maior nível de significância. Esses dados mostram,

ainda mais, que poderia ter ocorrido correlação entre o subtteste Administração com a escala geral 1 e com Avaliação de Desempenho. O próximo passo para verificar esse fato foi fazer um gráfico com o subtteste Administração e a variável EG1b (Figura 2) e EG1a (Figura 3), a fim de observar a disposição dos indivíduos quando se somam todos os itens e quando se somam apenas as variáveis que se correlacionam com o subtteste Administração.



**Figura 2.** Disposição dos escores da amostra em relação ao subtteste Administração e a variável EG1b.



**Figura 3.** Disposição dos escores da amostra em relação ao subtteste Administração e a variável EG1a.

Observando-se os dois gráficos (Figuras 2 e 3), pode-se perceber que, quando todos os itens da escala 1 estão juntos, a amostra parece apresentar valores altos em todos os itens, prejudicando a diferenciação entre bom e mau desempenho em quem demonstra maior capacidade no subtteste Administração. Isso é explicado porque realmente a média da escala 1 foi alta. Sabe-se, porém, que há pessoas com escores não muito bons na escala 1. Então, quando se separam os itens que se correlacionam com o subtteste Administração pode-se visualizar que existem dois grupos, um com escores altos e outro com escores baixos nesses itens. Com isso, apesar do subtteste Administração não apresentar correlação com Avaliação de Desempenho nem com a escala geral 1, este subtteste parece ser um indicador considerável de bom desempenho quando se considera um subconjunto de itens da escala de avaliação.

Outra análise proposta para essa hipótese foi a regressão linear para verificar a validade incremental da inteligência emocional em prever o desempenho independentemente do que poderia ser previsto por outros construtos. A regressão

permite verificar se, ao prever o desempenho, a inteligência emocional utiliza uma variância que já é compartilhada com outro construto, ou se é uma variância única. Caso a covariância entre inteligência emocional e desempenho seja compartilhada com outro construto, isso significaria que a inteligência emocional não traz contribuições novas para prever o desempenho.

O único subtteste que se correlacionou com Avaliação de Desempenho foi Paisagem, e este não se correlaciona com nenhuma variável do Rorschach, como foi verificado nas Hipóteses 1 e 2. Então, pode-se dizer que o subtteste Paisagem da inteligência emocional apresenta informações incrementais para previsão do desempenho de policiais, além do que o construto personalidade avaliado por meio do Método de Rorschach pode eventualmente possuir, já que não há variância comum entre esse subtteste e as medidas de personalidade. Por esse motivo, não foi necessário fazer a análise de regressão linear.

A capacidade da inteligência emocional em prever o desempenho profissional ainda é pouco estudada no meio científico. Existem somente duas referências, uma que utiliza medida de auto relato da inteligência emocional – EJI (Bedwell, s.d) - e outra que trabalha com o MSCEIT (Cobêro, 2004). Na pesquisa de Bedwell, o autor encontrou correlações positivas e significativas entre Avaliação de Desempenho geral e as escalas do EJI: Consciência emocional, identificação das emoções; Usando a emoção para resolver problemas; e Expressão das emoções. Nessa pesquisa também foi averiguado que inteligência emocional, quando comparada com personalidade, possui validade incremental. Os resultados obtidos por Cobêro indicaram correlações positivas e significativas entre Avaliação de Desempenho Geral e o subtteste Administração, bem como com a faceta Gerenciamento das emoções, que é composta por este subtteste e pelo subtteste Relações emocionais.

Os dados verificados na presente pesquisa corroboram, em parte, os dados das pesquisas anteriores (Bedwell, s.d. e Cobêro, 2004). No atual trabalho foram encontradas correlações entre os subtestes Paisagem com Auto-controle e Agressões físicas, Facilitação com Companheirismo, Transição com Negligência, Administração com Disciplina, Resignação e Humildade. Comparando-se esses dados com a pesquisa de Bedwell, dados semelhantes foram encontrados com relação aos subtestes Paisagem, Facilitação e Transição, pois estes avaliam identificação e expressão das emoções, uso da emoção para facilitar o pensamento e consciência emocional, respectivamente. Com a pesquisa de Cobêro, o dado que se confirmou neste trabalho foi a associação entre desempenho e o subteste Administração.

Ressalta-se que a presente pesquisa explorou apenas os subtestes da inteligência emocional, e não todas as possíveis agregações que são formadas a partir dos subtestes. No entanto, observa-se que as correlações encontradas foram em número pequeno. Apenas o subteste Paisagem correlacionou-se com Avaliação de Desempenho geral. Esses dados indicam que, se fossem investigadas todas as possíveis agregações dos subtestes subdivisões da inteligência emocional, as correlações com desempenho seriam fundamentadas nos subtestes que apresentaram correlações significativas.

A idéia de que inteligência emocional é fundamental para o sucesso no trabalho não é muito reivindicada pelos autores Mayer e Salovey (1997), que colocam que para alguns profissionais essa capacidade pode contribuir mais; entretanto, dependendo da profissão exercida, a inteligência emocional pode não ter importância e eventualmente até se tornar uma desvantagem. No início do trabalho foi ressaltado que a profissão de policial militar requer maior inteligência emocional, principalmente nas capacidades relacionadas à faceta Gerenciamento das emoções, porque são profissionais que estão em contato diariamente com situações perigosas e precisam se preocupar com a

segurança de si mesmos e de outras pessoas, o que pressupõe então o zelo e a eficiência, que podem ser afetados por flutuações extremas das emoções. Essa profissão também exige contato pessoal permanente. Segundo Bedwell (s.d), a inteligência emocional parece ser mais relevante para trabalhos com intensa ou crônica necessidade de relacionamento interpessoal.

O subteste Administração das emoções, que avalia a capacidade do Gerenciamento das emoções, apresentou maior número de correlações com os itens da escala 1 de Avaliação de Desempenho e todas positivas. Apesar de não se ter correlacionado com Avaliação de Desempenho geral, pode-se perceber que o Gerenciamento das emoções é um bom preditor do desempenho. O subteste Paisagem demonstrou validade incremental, se comparado com personalidade, para a Avaliação de Desempenho Geral. Esse subteste apresentou correlação moderada com o item Auto-Controle e correlação baixa e negativa com o item Agressão física. Essa associação mostra, mais uma vez, o controle emocional que os policiais necessitam ter, sendo que a percepção das emoções em si e nos outros colabora para que ocorra esse controle. Pode-se constatar que a inteligência emocional, especialmente as capacidades de Administração e Percepção das emoções parecem estar associadas ao bom desempenho em policiais.

Apesar das correlações encontradas neste estudo entre a Avaliação de Desempenho e a inteligência emocional, avaliada pelo MSCEIT, não houve um número de associações suficientes que indicassem que inteligência emocional prevê desempenho no trabalho. Os resultados encontrados foram entre alguns itens da avaliação de desempenho e alguns subtestes da inteligência emocional. São necessárias mais investigações nessa área, para poder responder de maneira mais segura se de fato essa capacidade está associada ao desempenho no trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido com a finalidade de investigar evidências de validade na relação com outras variáveis para o teste de inteligência emocional MSCEIT. O objetivo do trabalho foi verificar evidência de validade teste-critério, analisando as variáveis do Rorschach com os subtestes da inteligência emocional; verificar a evidência de validade teste-critério para o MSCEIT por meio da Avaliação de Desempenho dos policiais; e verificar evidência de validade incremental do MSCEIT em prever desempenho quando comparado com personalidade avaliada pelo Rorschach.

Com base nos objetivos, três hipóteses foram formuladas:

- Hipótese 1: As variáveis do Rorschach EB-Extratensivo,  $FC > CF + C$ , Quociente afetivo (Afr), Índices D e Dajustado, que denotam maior interação entre cognição e emoção de forma adequada, possuem correlação significativa positiva e baixa com os fatores da inteligência emocional. Enquanto as variáveis do Rorschach EB-Introversivo, Cor Acromática, CDI, Sombreado Difuso e Movimento Inanimado, que denotam maior interação entre emoção e cognição de maneira inadequada, apresentam correlação significativa, negativa e baixa com os fatores da inteligência emocional.
- Hipótese 2: As variáveis do Rorschach ligadas à Qualidade Formal (FQ), Localização (W, Dd, D e S) e Popular (P) apresentam correlação significativa positiva e moderada ou alta com inteligência emocional.
- Hipótese 3: Indivíduos que apresentam maior habilidade de inteligência emocional demonstram melhores pontuações nas avaliações de desempenho.

Previamente à análise dos dados para verificar se eram coerentes com as hipóteses efetuou-se uma análise descritiva e de precisão das variáveis que foram trabalhadas para se entender melhor como as medidas comportavam-se. Em relação ao MSCEIT, que foi o objeto deste estudo, decidiu-se também fazer uma análise fatorial exploratória para verificar se os modelos fatoriais de 4, 2 e 1 se confirmariam.

As análises descritivas como média, desvio padrão, pontuação mínima e máxima permitem averiguar como a amostra da pesquisa se comporta diante dos instrumentos utilizados. Por exemplo, foi possível observar que, ao se comparar os dados do MSCEIT na presente amostra com outra amostra, as estatísticas descritivas se mostraram semelhantes. Já no Rorschach algumas variáveis se apresentaram com média maior quando se comparou a presente amostra com uma amostra normativa da cidade de São Paulo. Por fim, na Avaliação de Desempenho, notou-se que praticamente toda a amostra obteve avaliação muito positiva dos superiores, o que limitou distinguir pessoas com comportamentos característicos “bons e maus”. Em uma pesquisa é muito importante se atentar às análises descritivas para que se possa ter uma leitura mais adequada dos resultados.

A verificação da precisão dos instrumentos também é necessária para se ter uma leitura mais apropriada dos dados obtidos, pois, se um teste foi impreciso, significa dizer que seus itens apresentam problemas na mensuração do construto proposto. O MSCEIT e a Avaliação de Desempenho mostraram bons índices de precisão; no entanto, no Rorschach, algumas variáveis não atingiram à precisão de 0,80, que é considerada adequada. Das variáveis hipotetizadas e que se correlacionaram com algum subteste da inteligência emocional, todas apresentaram precisão acima de 0,70, exceto FY, que obteve precisão de 0,61. Como foi decidido permanecer com as precisões

abaixo de 0,80 em relação a algumas variáveis, recomenda-se cautela ao se generalizar os resultados aqui encontrados.

Quanto à análise fatorial do MSCEIT, nenhum dos modelos comumente referidos na literatura (um, dois ou quatro fatores) se repetiu. Na análise fatorial exploratória da presente pesquisa surgiram dois fatores: o primeiro fator composto por subtestes que abarcavam três capacidades da inteligência emocional (Percepção, Facilitação e Gerenciamento), e o segundo fator que agrupou os subtestes da capacidade Compreensão emocional. Esse dado não corrobora os achados de Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios (2003) nem os trabalhos que encontram dados mais condizentes com o modelo de dois (Cobêro, 2004; Dantas, 2004; Jesus Jr., 2004). Os resultados encontrados nesse estudo indicam que o MSCEIT parece avaliar claramente a capacidade de Compreensão das emoções, mas quanto às outras capacidades os resultados aqui encontrados são mais obscuros.

Como já explicado, as análises das estatísticas descritivas e precisão se fazem necessárias, principalmente a precisão, pois o primeiro passo antes de verificar as evidências de validade de um teste é a demonstração da precisão das medidas, já que não há validade com medidas que sofrem muitas influências de erros de medida. A validade é o grau em que as evidências acumuladas sustentam a interpretação dos escores do teste em relação a um construto (APA, NCME e AERA, 1999), e isso está diretamente ligado à precisão, pois, se o teste não for preciso para mensurar determinado construto, ele conseqüentemente não terá validade.

No processo de validação de um teste por meio da correlação com outros instrumentos, é sensato utilizar instrumentos externos, precisos e válidos, pois isso dá credibilidade às possíveis evidências de validade encontradas para o teste que se pretende validar. Quando se trabalha com um critério, e não com um teste psicológico,

como é o caso da Avaliação de Desempenho, é preciso ser cuidadoso na escolha, demonstrando que ele é útil no processo de validade. Em razão disso é que foi feito o estudo de precisão da Avaliação de Desempenho.

O trabalho teve como objetivo buscar evidências de validade embasadas nas relações com outras variáveis para o MSCEIT. Procurou-se utilizar um instrumento psicológico válido e um instrumento não-psicológico (critério) adequado aos propósitos do estudo. Quanto ao MSCEIT, foi verificado que ele atingiu níveis de precisão satisfatórios. Na análise fatorial, observam-se dois fatores principais, um de Conhecimento emocional e outro ainda obscuro, que engloba as outras três capacidades da inteligência emocional. Após essas análises no segundo momento foram exploradas as possíveis evidências de validade verificando, se os dados empíricos eram coerentes com expectativas levantadas nas hipóteses.

Por meio da primeira e da segunda hipóteses e pela análise fatorial exploratória conjunta do Rorschach e MSCEIT pôde-se notar pouquíssimas correlações de baixa magnitude entre esses dois instrumentos. Esse dado mostra que esses dois construtos tendem a ser mais divergentes do que convergentes. Essa divergência dos dois construtos ficou ainda mais evidente na análise fatorial, pois a sobreposição de medidas de personalidade e inteligência emocional foi mínima.

Esses resultados sustentam que o construto de inteligência emocional não se sobrepõe à personalidade, apenas apresenta uma relação que pode ser explicada por um construto maior por trás desses dois construtos: inteligência emocional e personalidade. Essa diferenciação entre inteligência emocional e personalidade já vem sendo constatada em pesquisas anteriores (Brackett & Mayer, 2003; Lopes et al, 2003; Côbero, 2004 e Dantas, 2004). Diante disso, a posição que entende a inteligência emocional como um novo nome para traços de personalidade parece cada vez mais

enfraquecida, pois pesquisas recentes com o MSCEIT não têm apontado qualquer tipo de convergência entre esses dois construtos. Dessa forma foram encontradas evidências de validade divergente e teste-critério com personalidade. Ressalta-se que apesar dos Standards (1999) não mencionarem teste psicológico como critério, este também pode ser utilizado, quando se procura verificar pequenas correlações e não apenas divergência ou convergência entre testes.

Ainda em relação à Hipótese 2, esta foi refutada, ou seja, apesar de o sistema de correção dos subtestes do MSCEIT ser semelhante à avaliação das variáveis Localização, FQ e P do Rorschach, essas variáveis não apresentam correlação moderadamente alta ou alta, que poderia indicar que os sistemas de correção e avaliação desses testes estariam fazendo com que existisse um construto comum. Entretanto, foram encontradas evidências de que parte da variabilidade da inteligência emocional está associada a uma percepção mais convencional. Uma hipótese em relação às poucas correlações obtidas entre o teste de inteligência emocional e as variáveis de Localização, Qualidade Formal e Respostas Populares é que tais variáveis, apesar de serem escolhidas por consenso, dizem respeito à percepção cognitiva do sujeito e o teste de inteligência emocional é mais ligado à percepção social.

Ainda em relação às correlações entre o método de Rorschach e o teste de inteligência emocional, deve-se considerar que a presente pesquisa trabalhou com as variáveis do Rorschach de forma isolada. Seria interessante verificar correlações entre o diagnóstico do funcionamento da personalidade do indivíduo obtido pelo Rorschach e a inteligência emocional. Essa forma possibilitaria averiguar as dinâmicas de personalidade que tenderiam a apresentar maior ou menor capacidade de inteligência emocional.

Quanto à Hipótese 3, pode-se perceber que o controle das emoções é realmente uma capacidade importante para os policiais militares no desempenho de suas funções.

No entanto, parece que esse controle está assentado na capacidade de Percepção das emoções, já que o subteste Paisagem apresentou dados mais robustos de precisão do desempenho. Por meio dos resultados obtidos na Hipótese 3 nota-se que foram encontrados dados positivos evidenciando a validade teste-critério para o MSCEIT, além da validade incremental quando comparado com personalidade.

É importante lembrar que todas as análises foram feitas a partir dos subteste da inteligência emocional e que de todas as correlações encontradas tanto com o Rorschach quanto com a Avaliação de Desempenho foram observadas para subtestes específicos e nem sempre os mesmos subtestes. Então, as evidências de validade encontradas não dizem respeito à inteligência emocional como um todo, mas sim aos subtestes que avaliam uma ou outra capacidade mais específica da inteligência emocional. Por exemplo, a validade incremental encontrada diz respeito somente ao subteste Paisagem. No entanto, em relação à validade divergente com o método de Rorschach, esta parece ser mais geral.

Ressalta-se que seria interessante fazer pesquisas entre MSCEIT e grupos extremos em relação à Avaliação de Desempenho, pois na amostra do presente estudo não foi possível encontrar pessoas com avaliação de baixo desempenho. Portanto, a Avaliação de Desempenho apresentou uma restrição de amplitude de variação do desempenho. No geral a grande maioria dos sujeitos foi avaliada com bom desempenho, o que limita a identificação das possíveis associações entre inteligência emocional e desempenho.

A presente pesquisa procurou contribuir para o acúmulo de evidências de validade para o MSCEIT, assim como também ajudou a melhor esclarecer os questionamentos sobre as relações entre inteligência emocional e traços de personalidade. No entanto, o MSCEIT ainda precisa de mais pesquisas, a começar por

uma adaptação para o Brasil, e não apenas tradução, como já existe que foi realizada no LabAPE da Universidade São Francisco em Itatiba-SP sob a orientação do Prof. Dr Ricardo Primi. Outro passo, preparar um manual para disponibilizá-lo para uso profissional em nosso país, aproveitando as várias informações positivas já existentes sobre ele. Também seria interessante o desenvolvimento de testes de inteligência emocional que tentem suplantar os problemas detectados quanto ao sistema de correção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abu Shabha, H. I. (1992). Rorschach's inkblot test and murder behavior. *Derasat Nafseyah*, 2, 103-128 .
- Academia de Polícia Militar do Barro Branco (2003). Edital FUVEST.
- Almeida, L. S. (1994). *Inteligência: definição e medida*. Porto: Instituto Nacional de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional.
- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (1999). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: American Educational Research Association. Disponível On-line em: <http://www.intestcom.org>.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anderson, L. E., & Walsh, J. A. (1998). Prediction of adult criminal status from juvenile psychological assessment. *Criminal Justice & Behavior*, 25, 226-239 .
- Arvey, R.D. & Murphy, K. R. (1998). Performance evaluation in work settings. *Annual Reviews*. 48, 141 – 168.
- Bar-on, R. & Parker, J. D. A. (2002). *Manual de inteligência emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Baumgartl, V.O (2004). *Evidências de validade do BPR-5, BFM-1 e PMK em eletricitários*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco, Itatiba.
- Bechara, A.; Franel, D. & Damasio (2002). Baixa capacidade de julgamento apesar de um alto intelecto: evidências neurológicas da inteligência emocional. Em: R. Bar-On & J. D. Parker. *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (pp. 148-164). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Bedwell, S. (s.d). Emotional intelligence: personality revisited or something else? *Symposium conducted at the Annual meeting of the Society of Industrial and Organizational Psychology*, Orlando FL.
- Bergamini, C. W. & Beraldo, D. G. R. (1988). *Avaliação de desempenho humano na empresa*. (4º. ed.). São Paulo: Atlas.

- Brackett, M. A. & Mayer, J. D (2003). Convergent, discriminant and incremental validity of competing measures of emotional intelligence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29 (9), 1147 – 1158.
- Bueno, J. M. H. (2002). *Inteligência emocional: um estudo de validade da capacidade de perceber emoções*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco. Itatiba.
- Bueno, J. M. H & Primi, R. (2001). Inteligência emocional: definição do construto e instrumentos de medida. Em: F. F. Sisto, E. T. B. Sbardelini & R. Primi. Contextos e questões da avaliação psicológica. (pp135-154). São Paulo: casa do Psicólogo.
- Canadian Psychological Association (1996). Guidelines for educational and psychological testing. Ontário, CA: CPA. Disponível on-line em: <http://www.cpa.ca/guide9.html>
- Carroll, J.B. *Cognitive abilities: a survey of factor analytic studies*. New York, Cambridge, 1993.
- Caruso, D. R., & Wolf, C. J. (2001). Emotion intelligence in the workplace. Em J.Ciarrochi, J. P. Forgas, & J. D. Mayer (Orgs.). *Emotional intelligence in everyday life: a scientific inquiry*. (pp.150-167). Philadelphia: Psychology Press.
- Cattell, R. B., Cattell, A. K. S. & Cattell, H. E. P. (1993). *Questionário 16PF quinta edição*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Cattell, R. B.; Eber, H. W. & Tatsuoka, M. M. (1970). *Handbook for the sixteen personality factor questionnaire (16PF)*. Illinois: Institute for Personality and Ability Testing.
- Chiavenatto, I. (1999). *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro:Campus.
- Cobêro, C. (2004). *Inteligência emocional: validade do MSCEIT no contexto organizacional*. Dissertação de mestrado. Itatiba, Universidade São Francisco.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2003). *Resolução n.º 002/2003 [On-line]*.Disponível: <http://www.pol.org.br>.
- Cronbach, L. (1990). *Essentials of psychological testing*. 5 nd New York: Ed. Harper and Row.

- Dalgalarrodo, P. (2000). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, p.271.
- Dantas, M.A. (2004). *Evidências de validade do Mayer Salovey Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT)*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Davies, M., Stankov, L. & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: in search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75 (4), 989 – 1015.
- Ermentini, A. (1990). Imputability and the Rorschach test: a study of thirty chronic schizophrenic perpetrators of homicide. *Psychologie Medicale*, 22, 750-752 .
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1998). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. (1995). *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Filizatti, R. (2004). *Validade Preditiva do 16PF e BPR-5 no Contexto Organizacional*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco, Itatiba, SP.
- Flanagan, D. ; P. Magrew, K. S. & Ortiz, S. O. (2000). *The Wechsler Intelligence Scales and Gf – Gc theory: a contemporary approach to interpretation*. Boston: Allyn & Bacon.
- Freitas, F. A. (2004). *Inteligência emocional: evidências de validade e precisão do MSCEIT no contexto educacional*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Gardner, H. (1983). *Frames of mind*. New York: Basic Books.
- Gardner, H. (1994). *A estrutura das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Greiner, N., & Nunno, V. J. (1994). Psychopaths at nuremberg? A Rorschach analysis of the records of the Nazi war criminals. *Journal of Clinical Psychology*, 50, 415-429 .

- Groth-Marnat, G. (1997). *Handbook of psychological Assessment*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Hall, C. S., Lindzey, G. & Campbell, J. B. (2000). *Teorias da personalidade*. Porto Alegre: ARTMED.
- Hartmann, E., Sunde, T., Kristensen, W. & Martinussen, M. (2003). psychology measures as predictor of military performance. *Journal of personality assessment*, 80 (1), 87 – 98.
- Heraut, J. (1993). A Rorschach-based approach to diagnostic and prognostic assessment of psychological functioning in criminal offenders: a study on the relationship between violence, inhibition, and banal socialization. *Analise Psicologica*, 11, 115-128 .
- Hunter, J. E. (1986). Cognitive ability, cognitive aptitudes, job knowledge, and job performance. *Journal of vocational behavior* , 29, 340-362.
- International Test Commission (2000). ITC Guidelines on adapting tests. International Test Commission. Disponível On-line em: <http://www.intestcom.org>.
- Jesus Jr, A. G. (2004). *Estudo de validade e precisão do Mayer – Salovey – Caruso Emotional Intelligence Test*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco, Itatiba.
- Lane, R. D. (2002). Níveis de consciência emocional: perspectivas neurológicas, psicológicas e sociais. Em: R. Bar-On & J. D. A. Parker. *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (pp. 134-147). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Lauver, K. J. & Lê, H. (2001). *Personality factors and their impact on the organization's bottom line: the affect of workplace injuries as show through a meta-analysis*. Conference presented at the academy of management, Toronto, Canadá.
- Lima , J & Primi, R.(2004). *Validade preditiva do Rorschach do desempenho de policiais*. Projeto de iniciação científica financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo. Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional da Pós Graduação da Universidade São Francisco.

- Lopes, P. N., Brackett, M. A., Nezlek, J., Schutz, I., & Salovey, P. ( no prelo). Emotional intelligence and social interaction. *Personality and Social Psychology Bulletin*.
- McGrew, K. S. & Flanagan, D. P. (1998). *The intelligence test desk reference (ITDR): Gf-Gc cross-battery assessment*. Needham Heights: Allyn & Bacon.
- McGrew, K. S. (1997). Analysis of the major intelligence batteries according to a proposed comprehensive Gf-Gc framework. Em: D. P. Flanagan, J. L. Genshaft & P. L. Harrison (Org.), *Contemporary intellectual assessment: theories, tests, and issues* (pp. 151-179). New York: Guilford Publications, Inc.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., Salovey, P. & Sitarenios, G.(2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V2.0. *Emotion*, 3, (1), 97 – 105.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (2000). Emotional intelligence meets traditional standards for an intelligence. *Intelligence*, 27 (4). pp. 267-298
- Mayer, J. D.; Caruso, D. R. & Salovey, P. (2002). Selecionando uma medida para a inteligência emocional: em defesa das escalas de aptidão. Em: R. Bar-On & J. D. A. Parker *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (pp. 237-251). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Mayer, J.D. & Salovey, P. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9, 185-221.
- Mayer, J.D. & Salovey, P. (1993). The intelligence of emotional intelligence. *Intelligence*, 17 (4), 433-442.
- Mayer, J. D. & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? Em: P. Salovey & D. J. Sluyter (Orgs.). *Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators* (pp. 3-31) New York, Basic Books.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1999). O que é inteligência emocional? Em: P. Salovey, & D. J. Sluyter (Orgs.), *Inteligência emocional na criança: aplicações na educação e no dia-a-dia* (pp. 15-49). Rio de Janeiro: Campus.
- Mayer, J.D.; Salovey, P. & Caruso, D. (1997). *Emotional IQ test (CD ROM)*,\_Needham, MA, Virtual Knowledge.
- Mayer, J. D.; Salovey, P. & Caruso, D. R. (1999). *MSCEIT Item Booklet* (Research Version 1.1.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.

- Mayer, J. D.; Salovey, P. & Caruso D. R. (2002a). Inteligência emocional como zeitgeist, como personalidade e como aptidão mental. Em: R. Bar-On & J. D. A. Parker *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (pp. 81-98). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Mayer, J. D.; Salovey, P. & Caruso, D. (2002b). *Mayer-Savoley-Caruso Emotional Intelligence Test*. Toronto, CA: Multi-Health Systems.
- Mayer, J. D.; Salovey, P.; Caruso, R. D. & Sitarenios. (2001). Emotional intelligence as a standard intelligence. In: *Emotion*, 1 (3), 232-242.
- Mayer, J. D.; Salovey, P.; Caruso, D. & Sitarenios, (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V 2.0. *Emotion*, 3 (1), 97 – 105.
- Meloy, J. R., & Gacono, C. B. (1994). A neurotic criminal: "I've learned my lesson . . ." *Journal of Personality Assessment*, 63, 27-38 .
- Miguel, F.K. (no prelo). *Consenso I.E.* programa de computador. Itatiba, Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional, Universidade São Francisco.
- Morana, H. C. (1999). Subtypes of antisocial personality disorder and the implication in forensic research: Issues in the personality disorders assessment. *International Medical Journal*, 6, 187-199 .
- Mori, T. ( 1994 ). Understanding personality and offenses through crisis theory (3): why did, brought up in a seemingly good environment, become a criminal? *Japanese Journal of Criminal Psychology*, 32, 29-36 .
- Muniz, J. (2004). La validación de los tests. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento*, 5 (2), 121-141.
- Murphy, K. R. & Shiarella, A. H. (1997). Implications of the multidimensional nature of job performance for the validity of selection tests: multivariate frameworks for studying test validity. *Personnel Psychology*, 50 (4), 823 – 854.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo
- Noronha, A. P. P. & Vendramini, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 177-182.

- Pellini, M. C. B. M. (2000). *Avaliação psicológica para porte de arma de fogo: contribuições da Prova de Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pervin, L. & Jonh, P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Peterson, C. A. (1993). A borderline policeman: AKA, a cop with no COP. *Journal of Personality Assessment*, 61, 374-393 .
- Primi, R. (2003). Inteligência: Avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação Psicológica*, 1 (2), 67-77.
- Primi, R. & Almeida, L. S. (2000). *Baterias de Provas de Raciocínio (BPR-5): Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Primi, R., Bueno, J. M. H. & Nascimento, M. M. (no prelo). Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF (manuscrito submetido para publicação).
- Primi, R., Petrini, M. C., Lima, J., Nascimento, M. M., & Cruz, M. B. Z. (no prelo). Indicadores para avaliação de desempenho de policiais.(manuscrito submetido para publicação)
- Pulakos, E. D., Borman, W. C., & Hough, L. M. (1988). Test validation for scientific understanding: two demonstrations of an approach to studying predictor-criterion linkages. *Personnel Psychology*, 41 (4), 703 – 716.
- Resnick, M. N., & Nunno, V. J. (1991). The nuremberg mind redeemed: a comprehensive analysis of the Rorschachs of nazi war criminals. *Journal of Personality Assessment*, 57, 19-29 .
- Roberts, R. D.; Flores-Mendonza, C. E. & Nascimento, E., (2002). Inteligência emocional: um construto científico? *Paidéia*, 12 (23), 77-92.
- Roberts, R. D.; Zeidner, M. & Matthews, G. (2001). Does emotional intelligence meet traditional standards for an intelligence? Some new data and conclusions. *Emotions*, 1 (3), 196-231.
- Salovey, P. & Mayer, J.D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9, 185-221.
- Schultz, D. P. & Schultz, E. S. (1992). *História da psicologia moderna* (5ªed). São Paulo: Editora Cultrix.
- Simon, M. J. (1989). Comparison of the Rorschach comprehensive system's isolation index and MMPI social introversion score. *Psychological Reports*, 65, 499-502 .

- Siqueira, W. (2003). *Avaliação de desempenho – como romper amarras e superar modelos ultrapassados*. São Paulo: R & A Editores.
- Smith, G. T.; Fischer, S.; Fister, S. M (2003). Incremental Validity Principles in Test Construction. *Psychological Assessment*, 15(4), 467-477.
- SPSS. (2002). *SPSS for Windows*. Standard Version. Release 12.0. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Tachizawa, T.; Scaico, O. (1997). *Organização flexível*. São Paulo: Editora Atlas S. A.
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Pisco-USF*, 8 (2), 125-136.
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Young, M. H., Justice, J., & Erdberg, P. (1999). Risk factors for violent behavior among incarcerated male psychiatric patients: a multimethod approach. *Assessment*, 6, 243-258 .
- Zacker, J. (1997). Rorschach responses of police applicants. *Psychological Reports*, 80, 523-528 .
- Zeiller, B., & Couraud-Barnoud, S. (1993). Delinquent children and adolescents: psychopathological aspects. *Analise Psicologica*, 11, 87-98 .
- Zillmer, E. A., Archer, R. P., & Castino, R. (1989). Rorschach records of nazi war criminals: A reanalysis using current scoring and interpretation practices. *Journal of Personality Assessment*, 53, 85-99 .

## ANEXO 1

### *Termo de Consentimento – 1º via*

#### **Prezado(a) Senhor(a)**

Gostaria de convidá-lo(a) para participar de uma Pesquisa Acadêmica vinculada a uma Dissertação de Mestrado sob o título " Estudo de validade do teste de inteligência emocional – MSCEIT – para a seleção de policiais" cujo objetivo é investigar a validade deste teste para a seleção de policiais, com a finalidade de responder se o mesmo consegue prever o desempenho desejável ou indesejável destes profissionais em sua função. A pesquisa irá verificar o desempenho obtido nas tarefas do teste de inteligência emocional, levantar as características de personalidade dos policiais e investigar a associação desses dados com avaliações de desempenho realizadas por oficiais superiores indicando comportamentos desejáveis e indesejáveis.

Sua participação consistirá na resposta a dois instrumentos, um de desempenho da inteligência emocional e o outro de levantamento das características da personalidade. A aplicação do teste de inteligência emocional ocorrerá de forma coletiva, já a aplicação do teste da personalidade será feita individualmente. Tais aplicações se darão em diferentes dias previamente agendados com a instituição e com os participantes da pesquisa Ainda quanto aos aspectos éticos gostaria de informar que: (a) todos os resultados obtidos na pesquisa serão mantidos em sigilo, (b) os dados tratados de forma global, portanto as informações pessoais serão sigilosas e não irão ser usadas para decisões sobre a sua carreira profissional, (c) o estudo não envolve riscos e (d) a aceitação não implica que você estará obrigado a participar podendo interromper sua participação a qualquer momento, e (e) durante a participação se tiver alguma reclamação do ponto de vista ético você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa no telefone (0XX11) 4034-8442.

Caso aceite participar, por favor, preencha os dados abaixo assine as duas vias deste termo e mantenha a "cópia do participante" em seu poder.

Pesquisadora: Monalisa Muniz Nascimento.

Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional – LabAPE, Universidade São Francisco, Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45, Itatiba, SP, Fone (11) 45348002, CEP 13251-900, e-mail [labape@saofrancisco.edu.br](mailto:labape@saofrancisco.edu.br)

Consentimento

Eu \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ declaro estar ciente dos propósitos da pesquisa e da maneira como será realizada e no que consiste minha participação. Diante destas informações, aceito participar da pesquisa.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO 2

Instrumento de indicadores para avaliação de desempenho de policiais

Avaliador:

RG:

Avalie a frequência que as características abaixo aparecem no policial:

	Muito Frequente	Mediamente Frequente	Pouco Frequente	Ausente
Disciplina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Resignação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Iniciativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Humildade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Educação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Firmeza (Enérgico)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito às pessoas e às instituições	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cuidadoso/ Meticuloso;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Companheirismo, coleguismo (amizade)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Negligência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Imprudência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agressões Físicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Descaso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Indisciplina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Arrogância, convencimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Excessos Verbais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comportamentos imaturos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Auto Controle	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sensatez, bom senso, prudência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assinale nos itens abaixo as faltas cometidas pelo policial:

imprudência e negligência	
não uso do cinto de segurança	<input type="radio"/>
excesso de velocidade	<input type="radio"/>
estacionamento inadequado de motos que ocasionam quedas	<input type="radio"/>
não realização de verificações preventivas nas viaturas	<input type="radio"/>
quedas de rádios "ht"	<input type="radio"/>
perda de munições	<input type="radio"/>
manuseio inadequado de armas	<input type="radio"/>
disparo acidental de arma de fogo	<input type="radio"/>
disparo intencional de arma de fogo em momento inapropriado	<input type="radio"/>
desaparecimento de equipamentos (lanternas, cassetetes, algemas, etc.)	<input type="radio"/>
esquecimento de viaturas abertas	<input type="radio"/>
abandono de posto em horário de serviço (dormir inclusive)	<input type="radio"/>
quebra de equipamentos das viaturas por mau uso (porta luvas, rádios, lâmpadas, etc)	<input type="radio"/>
agressões	
chutes nas pernas de averiguados durante a revista pessoal	<input type="radio"/>
empurrões desnecessários durante averiguações	<input type="radio"/>
pequenas agressões aos colegas a título de "brincadeiras"	<input type="radio"/>

agressões por motivos fúteis (ciúmes, incompatibilidades, etc)	o
envolvimento sentimental entre guardas durante o serviço;	o
discussões desnecessárias;	o
excessos verbais	
palavrões	o
discussões calorosas e em alto tom de voz	o
questionamento extremo das condutas da administração	o
discussões para “tirar satisfação” em incidentes	o
competição pela “razão” em incidentes.	o